

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA EDUCAÇÃO, SEXUALIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO



"pai não é de uso diário" (?)

Paternidades na Literatura Infanto-juvenil



Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA EDUCAÇÃO, SEXUALIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

“PAI NÃO É DE USO DIÁRIO” (?)

Paternidades na Literatura Infanto-juvenil

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Mestranda: Ana Paula Sefton

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Jane Felipe de Souza

Porto Alegre 2006

(...) logo em seguida é preciso voltar a olhar bem aquilo que nunca vimos ou que já vimos, mas desapaixonadamente. Voltar a olhar bem, isto é, voltar o olhar mais para a literatura do que para os dicionários, mais para os rostos do que para as pronúncias, mais para o inominável do que para o nominado. E continuar desalinhados, desencaixados, surpresos, para não continuar acreditando que nosso tempo, nosso espaço, nossa cultura, nossa língua, nossa mesmidade significam todo o tempo, todo o espaço, toda a cultura, toda a língua, toda a humanidade (SKLIAR, 2003: 20).

(...) Depois de algum tempo você aprende que o que importa não é o que você tem na vida, mas quem você tem da vida. E que bons amigos são a família que nos permitiram escolher. Aprende que não importa onde já chegou, mas onde está indo, e se você não sabe para onde está indo, qualquer lugar serve. Aprende que, ou você controla seus atos ou eles o controlarão, e que ser flexível não significa ser fraco ou não ter personalidade, pois não importa quão delicada e frágil seja uma situação, sempre existem dois lados. Aprende que maturidade tem mais a ver com os tipos de experiência que se teve e o que você aprendeu com elas, do que com quantos aniversários você celebrou. Descobre que só porque alguém não o ama do jeito que você quer que ame, não significa que esse alguém não o ama com tudo o que pode. Aprende que o tempo não é algo que possa voltar para trás. Portanto, plante seu jardim e decore sua alma, ao invés de esperar que alguém lhe traga flores.

William Sheakespeare

AGRADECIMENTOS

A caminhada desta escrita não percorri sozinha. Em cada momento, pessoas queridas me acompanhavam. Em cada palavra, um incentivo para as muitas elaborações e transformações, de forma que eu pudesse, inúmeras vezes, re-encontrar o caminho e olhá-lo de outra maneira e, a cada 'novo' olhar sobre este texto, uma 'outra' forma se abria.

Assim, meus carinhosos agradecimentos se dirigem:

À minha família, pelo incentivo e orgulho explícito;

À minha orientadora Jane Felipe pelo seu olhar atento, o incentivo à autonomia e argumentações necessárias;

Aos meus colegas de orientação atuais e 'antigos': Bianca, Graciema, Judite, Zandra, Bello, Suyan, Adriane;

Às minhas amigas e companheiras de Grupos de Estudo (muitas leituras e questionamentos!), Jaque e Claudia;

Aos/às professores/as que me instigaram todo este tempo, Carlos Skliar, Rosa Hessel, Guacira Louro, Alfredo Veiga-Neto;

Às minhas amigas e amigos especiais, que me incentivaram e acolheram minhas ausências, em especial ao Kado Gonzalez, produtor desta capa; e à pessoa que está no meu coração neste momento, e que o encontrou com a 'ajuda' de um 'mapa';

Aos membros da Banca, professores Fernando Seffner, Rosa Hessel Silveira, Cristina Maria Rosa, Carlos Skliar, por terem aceito o convite feito por mim e pela professora Jane Felipe, para que compartilhassem desta pesquisa, a fim de examiná-la.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| RESUMO | 07 |
| ABSTRACT | 08 |
| OLHARES E DIREÇÕES | 09 |
| 1. CAMINHOS E POSSIBILIDADES DA PATERNIDADE | 12 |
| 1.1 Estudos de Gênero e Paternidade | 12 |
| 1.2. Estudos Culturais | 31 |
| 1.3 Literatura Infanto-juvenil e Infância | 40 |
| 2. OS PAIS NAS TRAMAS INFANTIS | 47 |
| 2.1 ' <i>Papai é mesmo incrível!</i> ': da idolatria paterna | 62 |
| 2.2 ' <i>Os dois se abraçaram forte!</i> ': dos afetos e cuidados de pai | 76 |
| 2.3 Pais ' <i>visíveis e invisíveis!</i> ': das presenças e ausências paternas | 95 |
| 2.4. E as mães? Da figura materna quando ausente | 118 |
| 3. DOS SILÊNCIOS QUE GRITAM | 123 |
| PAIS PROVISÓRIOS: DAS POSIÇÕES E IDENTIDADES ASSUMIDAS | 128 |
| REFERÊNCIAS | 131 |
| Referências utilizadas | 131 |
| Obras analisadas | 139 |
| Materiais analisados paralelamente | 140 |
| APÊNDICES | 141 |
| Apêndice 1: O Manual do Grávido – manual da “gravidez masculina” | 142 |
| Apêndice 2: De pai para Filho – guia sobre a relação entre pai e filho | 142 |
| Apêndice 3: Mapeamento dos livros infanto-juvenis da pesquisa | 143 |
| ANEXO | 144 |
| Dados do IBGE sobre separações e divórcios no Brasil | 146 |

RESUMO

O propósito desta Dissertação é problematizar as diferentes representações, advindas de materiais da Literatura Infanto-juvenil, e como essas operam discursivamente na constituição das identidades masculinas e paternas. Para essa análise foram utilizados, como referencial teórico, os Estudos de Gênero, os Estudos Culturais, além de aportes pós-estruturalistas. Dessa forma, os livros de Literatura Infanto-juvenil são compreendidos aqui como artefatos culturais e, por esse motivo, foram definidos como *corpus* desta pesquisa. Assim, reuniu-se um grupo de trinta livros, datados de 1988 a 2004, cujas temáticas envolviam as representações paternas e suas relações com as famílias. As representações de identidades por eles produzidas, através dos discursos que os atravessam, veiculam relações de poder que legitimam algumas ‘verdades’ mais que outras. Vale ressaltar, ainda, que o uso dos livros, na contemporaneidade, continua sendo incentivado em lares e instituições escolares, procurando desenvolver em crianças e jovens o ‘gosto’ pela leitura. A pesquisa se estruturou nas seguintes seções: capítulo 1, “*Caminhos e possibilidades da paternidade*”, no qual os conceitos Gênero, Estudos Culturais, Infância e Literatura, Identidade, Masculinidade, Paternidade são articulados; capítulo 2, “*Os pais nas tramas infantis*”, quando são apresentadas as análises dos trinta livros; capítulo 3, “*Dos silêncios que gritam*”, no qual se enfatiza as descontinuidades e os silêncios entre as representações de identidades paternas; e a conclusão com “*Pais provisórios: das posições e identidades assumidas*”, quando se percorre, através de um olhar geral, pelas análises elaboradas no decorrer do texto. Dessa maneira, as problematizações buscaram enfatizar não só as recorrências sobre as representações paternas e masculinas, mas também os deslocamentos e rupturas presentes nos materiais. Assim, as análises estão pautadas em o quanto ‘ideais’ de uma masculinidade hegemônica, baseada na cultura patriarcal, são apresentados como ‘naturais’ não somente aos homens mas também às mulheres e, por conseguinte, aos pais e mães. Também se ressaltou a ‘norma’ heterossexual, um dos ‘pilares’ dessa masculinidade vista como ‘referente’, com sua forte presença nos textos. Além disso, perceberam-se alguns deslocamentos no que diz respeito à ‘novas’ formas do exercício da paternidade, bem como no exercício da maternidade. Outros aspectos foram relevantes para esta pesquisa, quais sejam: pais cujas identidades não foram pautadas nas tramas; e de que forma se dão os processos de demarcação das diferenças e construção da percepção de si e daqueles vistos como os ‘outros’.

Palavras-chave: Gênero – Paternidade – Masculinidade – Estudos Culturais – Literatura Infanto-juvenil.

ABSTRACT

The aim of this dissertation is problematising the different representations from young and children literature, and how these work in terms of discourse as shaping male paternal identities. For this analysis we have used gender studies and cultural studies as review of the literature, besides poststructuralist contributions. Thus young and children are taken as cultural artefacts and therefore they were defined as the corpus for this work. So a thirty-book group from 1988 to 2004 with themes concerning paternal representations and their associations with the families was collected. Identity representations they have produced through discourses cutting across them transmit power relations legitimating some 'truths' more than others. It should be noted that using books today is still promoted at home and schools, seeking to make children like to read.

This work has the following sections. In Chapter 1, *Caminhos e possibilidades da paternidade*, concepts of gender, cultural studies, childhood and literature, identity, masculinity and fatherhood are articulated. In Chapter 2, *Os pais nas tramas infantis*, we have provided analysis for the thirty books. In *Dos silêncios que gritam* we have emphasised discontinuities and silences among identities of fathers. Finally in the conclusion (*Pais provisórios: das posições e identidades assumidas*), we have given an overview of it through analyses throughout the text. So problematisations have sought to emphasise not only recurrent cases of male paternal representations, but also displacements and ruptures in the materials. In this way, analyses are organised on the extent to which 'ideals' of a hegemonic masculinity, based on the patriarchal culture, are represented as 'natural' not only for men but also women and therefore parents. We have also highlighted the 'heterosexual' pattern, one of the 'pillars' of this masculinity seen as a reference, with its strong presence in the texts. Moreover, we have observed some displacements concerning 'novel' ways of both paternal and maternal practices. Other relevant aspects for this work have been: fathers whose identities did not appear on the plots, and how differentiating processes and building of seeing the selves and those who are taken as the *others* occur.

Keywords: Gender – Fatherhood – Masculinity – Cultural Studies – Young and children literature

OLHARES E DIREÇÕES

“A escrita e o desejo da escrita no princípio e no final do estudo/ O que o estudo quer: a escrita, demorar-se na escrita, alcançar talvez a própria escrita/ estudar: escrever, em meio a uma mesa cheia de livros, a caminho de uma escrita própria / Interminavelmente” (LARROSA: 2003:12).

Os caminhos percorridos para a construção desta Dissertação de Mestrado, embora estivessem delimitados desde a escrita da proposta, seguiram algumas direções diferentes a partir de outros olhares acerca da presente produção. Muitas colaborações favoreceram a escrita e reescrita das idéias iniciais, ocasionando reformulações aprofundadas e melhor direcionadas para os propósitos desta pesquisa, quais sejam: articular identidades paternas e literatura, relacionadas aos campos dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais, a partir principalmente dos conceitos de paternidade, masculinidade, gênero, representação. Para esse propósito, foi reunido um grupo de trinta e quatro livros, dos quais trinta foram delimitados para análise. Esses livros foram classificados pelas editoras como infanto-juvenis, envolvendo a figura paterna em suas tramas e foram reunidos por trazerem, ora como personagem principal, ora como secundário, os pais e suas relações com filhos e filhas. A escolha dos títulos analisados e não de outros ocorreu pelo fácil acesso aos mesmos em diversas livrarias e bibliotecas infantis da cidade de Porto Alegre/RS, bem como pela maior recorrência de discursos relevantes sobre as relações entre pais e filhos/as. Os quatro títulos não analisados referem-se a narrativas com poucas informações acerca das representações paternas ficando, portanto, fora da delimitação de análise.

Dessa forma, a fim de o/a leitor/a familiarizar-se com os títulos das obras analisadas, seguem abaixo título, autor e ano das publicações referidas, lembrando que dados completos e os demais livros agrupados, que não entraram nas análises, poderão ser encontrados ao final desta pesquisa, nas Referências:

1. *Pai que é mãe*, de Fanny Abramovich, 1993.
2. *Maria Poliana*, de Lino de Albergaria, 1997.
3. *Presente de pai*, de Telma G. Castro Andrade, 1995.
4. *Uma surpresa pro papai*, de Nair de Medeiros Barbosa, 1997.
5. *Só meu pai sente saudade*, de Dau Bastos, 1997.
6. *Um pai de verdade*, de Pedro Bloch, 1999.
7. *O pai que era mãe*, de Ruy Castro, 2001.
8. *Meu pai é um problema*, de Babette Cole, 1999.
9. *Tanto tanto!*, de Trish Cooke, 1997.
10. *O urso que queria ser pai*, de Wolf Erlbruch, 1996.

11. *Acampando com papai*, de Sonia Salerno Forjaz, 1993.
12. *Meu dentinho, seu dentão*, de Sonia Salerno Forjaz, 1994.
13. *Lucas*, de Luís Augusto Gouveia, 2001.
14. *Papai nunca mais voltará para casa?*, de Paula Z. Hogan, 2002.
15. *O homem que amava caixas*, de Stephen Michael King, 1997.
16. *Papai Contos*, de Rosa Leidens, s/ ano.
17. *Pai sabe tudo e muito mais*, de Edy Lima, 1995.
18. *Cara de um focinho de outro*, de Guto Lins, 1997.
19. *Pai*, de Guto Lins, 2004.
20. *Beijos mágicos*, de Ana Maria Machado, 1999.
21. *O que é que eu faço agora?*, de Sylvia Manzano, 1997.
22. *Paieé!*, de Marcelo Pacheco, 1990.
23. *O Livro da Família*, de Todd Parr, 2004.
24. *Ouvindo as conchas do mar*, de Luciano Pontes, 2002.
25. *O menino Nito: Então, homem chora ou não?*, de Sonia Rosa, 2002.
26. *Ver de ver meu pai*, de Celso Sisto, 1994.
27. *O pé do papai*, de Roger Stoltz, 2000.
28. *O dia de ver meu pai*, de Vivina de Assis Viana, 1988.
29. *Você não consegue dormir ursinho?*, de Martin Waddell, 1996.
30. *Você e eu*, de Martin Waddell, 1999.

O título desta pesquisa corresponde a uma das muitas representações encontradas sobre paternidade na literatura-infanto-juvenil¹. Essas representações² integram o *corpus* deste estudo na medida em que proponho o movimento de desestabilizar as identidades paternas apresentadas e construídas através dos discursos literários. Embora o foco do presente trabalho seja os livros infanto-juvenis, outros espaços da mídia (impressa, televisiva e virtual) permeiam esse trabalho de forma paralela, não havendo o propósito de realizar um aprofundado estudo dos mesmos, e, sim, estruturar relações entre a análise dos livros e outros espaços sociais que se fazem presentes na contemporaneidade. Assim, articulo as representações de paternidade com as Pedagogias Culturais, compreendendo as mesmas como uma forma de educação produzida em outras instâncias sociais além da escola, através de artefatos culturais como os livros, a mídia impressa e televisiva, por exemplo (STEINBERG, 1997).

¹ “*Pai não é de uso diário*”: frase dita pelo personagem do filho, ao estabelecer comparações com as funções maternas, em um dos livros analisados (*Pai sabe tudo e muito mais*, de Edy Lima, Ed. Scipione, 1995).

² Representações são entendidas aqui como as formas pelas quais nós nomeamos e apresentamos os outros, a nós mesmos, as instituições e outros espaços sociais. Esse conceito será explorado no capítulo 1.

Elegi os livros de literatura infanto-juvenil como objeto de pesquisa pela sua forte presença nas escolas e lares. Como professora, percebi o quanto esse material se faz presente na instituição escolar, bem como o quanto seu uso é incentivado em muitos cursos de Pedagogia. Vale ressaltar que os livros são importantes artefatos culturais e no Brasil, desde 1980, vêm reforçando seu lugar junto a crianças, professores/as e familiares, como um grande veiculador pedagógico, que ensina, dentre outros aspectos, o 'certo e o errado', o 'bom e o mau', os modos de ser 'menino e menina', de ser 'pai e mãe'³.

Em decorrência dos estudos e das constantes perturbações acerca do material empírico, surgiram as seguintes inquietações: De que forma os pais são representados nos livros, principalmente em relação à afetividade e ausência/presença na vivência e educação dos filhos/as? Como determinados pais são mais legitimados que outros nos discursos da literatura infanto-juvenil? Há rupturas nos discursos apresentados sobre os modos de ser pai?

Vale ressaltar que, embora esta pesquisa não pretenda realizar um trabalho de campo sobre a recepção desses livros com crianças, não há como deixar de pensar também sobre os possíveis efeitos dessas representações na constituição dos sujeitos infantis.

A presente pesquisa se divide nas seguintes seções:

No primeiro capítulo, intitulado **Caminhos e possibilidades da paternidade**, articulo os Estudos de Gênero e as identidades paternas, ressaltando as paternidades e masculinidades contemporâneas e relacionando-as com as representações legitimadas dessas identidades, além de explorar os Estudos Culturais, a Infância e a Literatura, enfatizando as representações/construções discursivas, sobretudo da figura paterna, relacionada às Pedagogias Culturais, explorando também a Literatura Infanto-Juvenil em seu potencial mercadológico e pedagógico.

No capítulo 2, **Os pais nas tramas infantis**, apresento também a partir de quais critérios os livros foram escolhidos e de que forma se desenvolveram as análises das representações, além de demonstrar o caminho metodológico percorrido. Também estruturo a relevância das imagens nas histórias infanto-juvenis e o quanto elas "contam" as tramas e estabelecem diversas representações.

O capítulo 3, **Dos silêncios que gritam**, enfatiza as discontinuidades e os silêncios entre as representações de identidades paternas oriundas dos discursos literários, além da relevância de uma pesquisa que articule paternidade, gênero e literatura.

Por fim, concluo com **Pais provisórios: das posições e identidades assumidas**, quando faço uma reflexão geral sobre a pesquisa, ressaltando a flexibilidade e

³ Esse aspecto será explorado no capítulo 2 desta pesquisa.

imprevisibilidade da mesma, bem como a importância de se pensar as identidades masculinas e paternas em suas muitas possibilidades pós-modernas.

O processo de toda minha escrita se deu em diferentes direções, ora estava indo, ora voltando, ora percorrendo sentidos desconhecidos, produzindo minhas próprias palavras, me 'apropriando' de 'pensamentos' de autores; re-elaborando meus textos e, assim, construindo, como nos remete à epígrafe, o caminho de uma escrita própria.

1. CAMINHOS E POSSIBILIDADES DA PATERNIDADE

Neste capítulo, trabalho com os conceitos de identidade, paternidade e masculinidade a partir dos Estudos de Gênero, ligados a uma perspectiva pós-estruturalista de análise. Tais conceitos estão articulados de forma a ressignificar alguns caminhos e possibilidades da paternidade, na medida em que são dissertados sob a ótica dos Estudos Culturais e interligados também aos conceitos de cultura, discurso, representação, literatura infanto-juvenil.

1.1. Estudos de Gênero e Paternidade

As instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino ao mesmo tempo em que estão centralmente implicadas com sua produção, manutenção ou re-significação (MEYER, 2003:18).

Os Estudos de Gênero apontam para as relações de poder entre homens e mulheres, entendendo-os como sujeitos localizados em um contexto social, histórico, cultural e espacial, e sugerindo articulações com outras identidades. Essa compreensão do gênero foi 'criada' no contexto da luta feminista; por isso o conceito carregou as marcas dessa luta e foi, por muito tempo, referido fundamentalmente a mulheres.

O conceito de gênero surgiu entre as estudiosas feministas para se opor à dimensão simplesmente biológica do processo de diferenciação sexual. Assim, a biologia não é negada, mas enfatiza-se também a construção social, cultural e histórica produzida sobre as características biológicas. Nesse sentido, Linda Nicholson (2000) problematiza a relação entre gênero, sexo e corpos masculinos e femininos, a fim de 'escapar' do determinismo e do fundacionalismo biológico ao se tratar dessas questões. Se o determinismo é problemático na medida em que define mulheres e homens, bem como suas práticas, a partir do corpo biológico, o fundacionalismo também é problemático uma vez que, embora leve em consideração aspectos sociais, pode fazer pensar que o que há em comum em relação ao sexo determina o que há em comum em relação ao gênero. Essa compreensão pode gerar uma "tendência a se pensar o gênero como representativo do que as mulheres têm em comum, e aspectos de raça e classe como indicativos do que elas têm de diferente" (ibidem:13), ao invés de se perceber a intersecção e o cruzamento de várias identidades, além do gênero. Como afirma Guacira Lopes Louro,

ao aceitarmos que a construção do gênero é histórica e se faz incessantemente, estamos entendendo que as relações entre homens e mulheres, os discursos e as representações dessas relações estão em constante mudança (1998: 35).

Assim, é importante entender o gênero como integrante das identidades dos sujeitos que vão se constituindo através dos discursos e das relações sociais, bem como no cruzamento com outras identidades. Dessa forma, ser homem e ser mulher depende das compreensões e subjetivações de cada indivíduo na articulação com o social. Além disso, levando-se em consideração o caráter social do feminino e do masculino, é necessário ressaltar as distintas sociedades e os distintos momentos históricos que estão sendo tratados (LOURO, 1998).

As masculinidades, nesse sentido, são uma construção social, histórica e cultural que se instituem a partir das relações de gênero. A masculinidade hegemônica para uma dada cultura é construída em relação a outras possibilidades de exercício da masculinidade e também em relação às mulheres. A maioria dos homens se esforça para constantemente 'atingir'⁴ ou se manter naquilo que é considerado como o ideal de masculinidade (CONNELL, 1995; SABO, 2002). No caso da cultura ocidental e, mais especificamente, na cultura brasileira, o homem branco, católico, de classe média, heterossexual, bem sucedido profissionalmente, 'capaz' de gerar e manter uma família; um homem que demonstre segurança, proteção e confiança é veiculado sistematicamente como 'modelo' social.

Muitas pesquisas vêm sendo desenvolvidas no sentido de problematizar as relações de gênero. No Rio Grande do Sul, no PPGEDU/UFRGS, em especial na linha de pesquisa *Educação, Sexualidade e Relações de Gênero*, vários estudos que utilizam aportes dos Estudos Feministas, do Pós-Estruturalismo e da Teoria *Queer* têm sido produzidos. As pesquisas têm privilegiado a análise dos processos de produção e experimentação dos gêneros e das sexualidades, no âmbito de distintas práticas educativas e Pedagogias Culturais (LOURO, 2003); bem como os processos de produção de corpos e identidades 'saudáveis' são alvo de estudos e pesquisas articulando gênero, raça e nacionalidade (MEYER, 2004). Além disso, diferentes concepções de infância, família e aparatos educacionais produzidos ao longo da história, em diversas sociedades e culturas, especialmente no que se refere às relações de gênero e sexualidade produzidas nessa formação, também têm sido estudadas (FELIPE, 2003), e, finalmente, as masculinidades como o foco principal e não somente como um integrante dos estudos de gênero (LOURO,

⁴ O uso de aspas simples nesta pesquisa fará referência aos termos colocados em suspeita pela pesquisadora. Assim, como acredita Silveira, o uso de aspas direciona para o termo que pertence "a outro registro (...) outro discurso, parcialmente inadequada às intenções/objetivos do locutor, ou (...) passível de reserva quanto à sua aceitação pelo interlocutor" (1996:70). As aspas duplas, por sua vez, serão para identificar fragmentos de outros estudos.

1995; SEFFNER, 2003). Na tese de doutorado de Fernando Seffner, por exemplo, *Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual*, o autor articula gênero, masculinidade e identidade, história social da saúde e da doença, antropologia do corpo e da saúde, aids e vulnerabilidade social.

Alguns trabalhos produzidos em outras linhas do PPGEDU/UFRGS podem ainda ser mencionados, como a dissertação de mestrado, defendida em 2004, de Janaína Neuls intitulada *Lições de masculinidade — aprendendo com A Turma do Didi*, que articula masculinidade, infância e adolescência a partir da análise dos mecanismos que este programa de televisão opera na constituição de uma representação de masculinidade para crianças e jovens, bem como abordando de que forma a acentuada ênfase na sexualidade define modos de ser masculino. E, ainda, a dissertação de mestrado de Eduardo Saraiva, defendida em 1998, que articulou paternidade, masculinidade e suas re-significações através de sua pesquisa *Paternidade e masculinidade: tradição, herança e reinvenção*. Também cabe aqui mencionar trabalhos em andamento, que discutem a questão da masculinidade, tais como as pesquisas de Alexandre Bello (2005) intitulada *Sujeitos infantis masculinos: homens por vir?* e de Adriane Câmara (2006), *Masculinidade heterossexual e pedofilização: o universo infantil como recurso erótico em revistas masculinas*.

Outras pesquisas sobre masculinidade e paternidade são encontradas em diferentes áreas, como Antropologia, Psicologia Social e Sociologia⁵. Embora muitas dessas pesquisas não envolvam a perspectiva pós-estruturalista, as mesmas nos mostram os movimentos e perturbações sobre aquele que anteriormente não era objeto de estudo: o homem.

Nossa sociedade, há tempos marcada pelo patriarcado, não permitiu, por muitos séculos, questionar a força, a sabedoria e a legitimidade do masculino. O patriarcado pode ser compreendido como um regime que favorece o poder e o domínio dos homens sobre as mulheres. No regime patriarcal o 'mundo' privado diz respeito a funções femininas/maternas e o 'mundo' público está voltado para as responsabilidades masculinas/paternas. Heleieth Saffioti (2004) ao explorar esse conceito lembra que o patriarcado está em constante

⁵ KONRATH, Ingrid. *Discurso paterno: similaridades e especificidades*, 1996; KROB, Adriane Regina Diehl. *A transição para a paternidade e a interação pai-bebê*, 1999; CASTOLDI, Luciana. *A construção da paternidade desde a gestação até o primeiro ano do bebê*, 2002; BRITO, Lelia Maria Torraca de. *Ser educado por pai e mãe: Utopia ou direito de filhos de pais separados?* 1999; SARMENTO, Regina Célia. *Casais grávidos e os novos sentidos de paternidade. Um estudo qualitativo com referencial psicanalítico*, 1999. NASCIMENTO, Rubens Ferreira do. *POBRE PAI: a construção da identidade em homens pais pobres urbanos*, 2000; UNBEHAUN, Sandra Gouretti. *Experiência Masculina da Paternidade nos anos 1990: estudo de relações de gênero com homens da camadas médias*, 2000; STORTI, Juliana P.L. *O papel do acompanhante no trabalho de parto e parto: expectativas e vivências do casal*, 2004; TRINDADE, Ellika. *Hermenêutica do existir do homem de meia-idade: paternidade, sexualidade e projetos de vida: um olhar à luz de Heidegger*, 2003; ABREU, Aldira. *Conceito e vivência da paternidade*, 2001; CARVALHO, M.L.M. *A participação do pai no nascimento da criança*, 2001; DECOURT, Marcela. *Para além do pai está o homem*, 2000; FREITAS, Adelina. *O pai real e o término da análise*, 2000.

transformação conforme discursos, tempos e espaços sociais. A autora também ressalta que a diferença sexual é transformada em diferença política e que os 'mundos' privado e público, embora sejam esferas distintas, são espaços que se inter-relacionam e onde se estabelecem as relações de poder entre homens e mulheres. Assim, sendo o patriarcado uma expressão do poder político, vale lembrar da máxima feminista que afirma: *o pessoal é político*.

Saffioti sugere pensar o patriarcado como o regime atual de relações entre homens e mulheres e compreender o direito patriarcal como um direito sexual e não como um poder paterno, visto que

o agente social marido se constitui antes que a figura do pai. Esta se encontra atenuada nas sociedades complexas contemporâneas, mas ainda é legítimo afirmar-se que se vive sob a lei do pai. Todavia, a figura forte é a do marido, pois é ela que o contrato social dá à luz. O *patria potestas* cedeu espaço, não à mulher, mas aos filhos. O patriarca que nele estava embutido continua vivo como titular do direito sexual (ibidem: 56).

O patriarcado, por séculos, pode ter sido sustentado pela idéia de que homens e mulheres foram considerados duas variedades de um mesmo sexo. Thomas Laqueur (2001), nos seus estudos sobre sexo, corpo e gênero, ressalta a hipótese (que foi tomada como verdade por muito tempo) de que a mulher tinha a mesma genitália que o homem, sendo "classificados pelo seu grau de perfeição metafísica, seu calor vital, ao longo de um eixo cuja causa final era masculina" (ibidem:14-15).

O autor traz ainda que, através de transformações políticas e epistemológicas, no final do século XVII, se estruturou o gênero a partir do fundamento do corpo biológico e a idéia de dois sexos. E que desde o século XVIII a visão mais recorrente era de que havia

dois sexos estáveis, incomensuráveis e opostos, e que a vida política, econômica e cultural dos homens e das mulheres, seus papéis no gênero, são de certa forma baseados nestes "fatos". A biologia – o corpo estável, não-histórico e sexuado – é compreendida como o fundamento epistêmico das afirmações consagradas sobre a ordem social (ibidem:18).

O estudioso alerta ainda que "tanto o modelo do sexo único como o dos dois sexos são situacionais, ou seja, mais do que verdades infalíveis e neutras, ganham sentido dentro do contexto da luta do gênero e poder" (ibidem:23). Dessa forma, a idéia, formulada na Antiguidade, de que o homem era a versão completa e perfeita do sexo, enquanto a mulher era definida como um ser incompleto, uma versão imperfeita do sexo masculino, bem como os fatos puramente biológicos embasando as diferenças de gênero, legitimaram e fortaleceram o patriarcado por muito tempo. Resquícios dessa visão ainda são encontrados

nas explicações e fundamentos que, muitas vezes, aprisionam o homem-pai no dever-ser infalível de 'exemplar' chefe de família.

Mesmo que o patriarcado tenha sido questionado e abalado nas sociedades contemporâneas, percebemos ainda a presença do regime da família patriarcal em muitas práticas sociais: ao redor do pai encontram-se mulher e filhos/as; a autoridade do homem, imposta institucionalmente, sobre eles/as no âmbito familiar; o sobrenome paterno que passa de geração à geração (atualmente, o contrário ocorre se solicitado no momento do registro – os cartórios já estão autorizados - para que a criança carregue por último o sobrenome materno); a exigência social de que o pai responda (economicamente e moralmente) por sua família e de que procrie a espécie.

Nas últimas décadas do século XX, no Ocidente, a família patriarcal vem se mostrando em crise, o que pode ser percebido com o aumento de divórcios e separações, indicando uma insatisfação com esse modelo familiar, acompanhada das dificuldades de conciliar casamento, vida e trabalho. Nesta situação, surgem outras estruturas familiares diferentes da mononuclear (mãe, pai e filhos/as), que geralmente tinham o pai como pilar de sustentação. Muitas famílias passam a ser respaldadas financeiramente, por exemplo, pelas mulheres ou essas dividem igualmente os gastos com o marido. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as famílias chefiadas por mulheres tiveram um aumento de 72% entre 1993 e 2003. Em 2003, as famílias chefiadas por mulheres giravam em torno de 28%. A maior parte das mulheres que ocupa a chefia das famílias é responsável por um arranjo familiar no qual não há presença do companheiro, podendo ou não haver filhos, podendo ou não contar com outros membros (pais, irmãos etc.); ainda que, obrigatoriamente, tenha mais de um integrante e seja denominada como monoparental⁶. Tais estatísticas mostram o quanto o número de famílias chefiadas por mulheres vem crescendo consideravelmente nos últimos anos e, assim, reestruturando as configurações familiares, bem como a participação (ou não) da figura paterna na família. Importante também destacar que, como lembra Cláudia Fonseca, as famílias chefiadas pelas mulheres não são uma invenção da modernidade: "Em certas instâncias (cidades de Minas Gerais e São Paulo no início do século XIX), a família chefiada por uma mulher, o suposto protótipo da família desagregada, chegava a ser tão comum quanto a família conjugal" (1995b: 71).

Frente a essas mudanças, que envolvem a figura masculina 'tradicional', Fernando Seffner justifica que

parte das tensões que alimentam a pressão por mudanças na figura masculina tradicional vem de um complexo conjunto de modificações no capitalismo, que constantemente recriam os padrões de masculinidade

⁶ Dados completos verificar em www.ibge.gov.br.

hegemônica, em função de uma dinâmica de rearranjos que afeta homens, mulheres, crianças e terceira idade. Ao tirar do homem parte do papel de provedor, por exemplo, retira-se também algo de sua masculinidade (2003:121).

Nas últimas décadas muito vem sendo explanado sobre a masculinidade e sobre a paternidade no Brasil e em outros locais do mundo (ocidental, ao menos). Marko Monteiro (1997) em sua análise de artigos da Revista *Ele Ela*, busca delinear um estudo da masculinidade. O autor afirma que a partir das perspectivas pós-estruturalistas, estudiosos foram levados a perceber como diferentes conceitos de masculinidade são construídos social e historicamente, e como os sentidos atribuídos à masculinidade se relacionam com práticas de poder específicas.

Donald Sabo (2002), estudioso americano, comenta o quanto os homens precisam repensar suas identidades, suas sexualidades e seus padrões de vida, uma vez que os homens também se beneficiam modificando a si mesmos e reorganizando a rede de suas relações: “nós já sabíamos que o patriarcado era um problema para as mulheres, e agora começamos a entender que o patriarcado também estraga a vida dos homens” (ibidem: 45).

Os estudos sobre gênero constituíram-se a partir dos questionamentos dos padrões de homem e as hierarquias entre os diferentes grupos, além do questionamento do patriarcado, da superioridade masculina, da obrigatoriedade da heterossexualidade e do modo como o homem relacionava-se consigo, com outros homens e com as mulheres (MONTEIRO, 1997).

Atrelada às ‘condições’ do patriarcado, as identidades sexuais são extremamente vigiadas nas masculinidades. Esses aspectos (masculinidades e sexualidades) foram abordados por Seffner (2003), ao problematizar a masculinidade hegemônica e pluralizar a masculinidade bissexual a partir de quatro representações dessa masculinidade (1- atrelada à indefinição; 2- atrelada à masculinidade intensificada, ‘sacana’; 3- atrelada ao sexo do futuro; 4- atrelada a um prolongamento quase natural da verdadeira amizade entre homens).

O autor também disserta sobre a trajetória da construção da masculinidade de cada homem:

[Essa] se faz com o modelo de masculinidade hegemônica sempre presente e reforçado, seja pela mídia, pela escola, pela igreja, etc., mas ao mesmo tempo com uma pluralidade de outros modos de viver a masculinidade, presentes em seu cotidiano, representados pelos tipos particulares e originais que cada homem encontra ao produzir sua própria trajetória masculina na vida do dia-a-dia. Esse modos particulares podem gozar de maior ou menor prestígio, a depender de um complexo jogo de fatores (ibidem:125).

Junto à presente pesquisa com os livros infanto-juvenis, outros artefatos foram paralelamente observados e analisados em relação às trajetórias de masculinidades representadas. Dentre esses, poder-se-iam ressaltar reportagens de jornais e *sites*, advindos de outras áreas (judiciária e psicológica, principalmente) que trazem o desejo do homem em lutar pelo direito à paternidade. Em um *site* que trata sobre a homossexualidade, há o discurso da psicologia que refere sobre como os pais se sentem ao terem que contar para os filhos sobre sua identidade sexual, aliada à separação do casal, ressaltando o desafio de “integrar as duas identidades, reduzindo, assim, os conflitos entre os sentimentos homossexuais e o exercício da paternidade”.⁷ Outro exemplo, ocorrido no Distrito Federal, é de um travesti que conseguiu a guarda de um menino o qual havia criado desde pequeno com o consentimento da mãe: “Os desembargadores do TJDF entenderam, por unanimidade, que a opção sexual, argumento usado pela mãe da criança para ter a guarda de volta, não impede que Jackson fique com a tutela do menino”⁸.

Falar de paternidade, em vista disso, é circular por um complexo processo de discursos sobre o tema, discursos esses que estão presentes em diversas instâncias sociais e fazem parte de um ‘dever-ser’, através do qual o indivíduo busca identificar suas ações e as identidades que possui (ou as que almeja possuir). Vale lembrar que as formas de paternidade, assim como quaisquer outras identidades, são passíveis de modificações a partir das representações e interpelações produzidas nos e pelos sistemas culturais que nos rodeiam. Valho-me da compreensão de interpelações compreendida como o meio através do qual o sujeito é ‘recrutado’ para ocupar determinadas posições de sujeito ao se reconhecer e se assujeitar a esta e/ou aquela forma de vivenciar suas identidades (WOODWARD, 2000); lembrando que um sujeito possui várias identidades que atravessam umas as outras relacionadas ao processo de interpelação. Nesse caso, a paternidade e suas mudanças podem ser mais bem compreendidas quando se pensa nas diferentes interpelações com as quais o sujeito pode se relacionar. Hall, em relação à identidade, afirma

à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (2002:13).

Cabe ainda ressaltar que os discursos sobre paternidade tendem a ser menos presentes que os da maternidade, uma vez que, para muitos discursos, o pai não é peça

⁷ BORGES, Klecius. Desafios e dilemas de pais homossexuais. Disponível em <http://www.armariox.com.br/htm/artigos/pages/020-paishomossexuais.htm>. Acesso em 4/04/04.

⁸ Disponível em <http://www.pailegal.net/chicus.asp?rvTextold=1079210178>. Acesso em 16/03/04.

fundamental na educação e na criação dos/as filhos/as como a mãe. Carin Klein, em sua pesquisa sobre as maternidades veiculadas/instituídas pelo *Programa Bolsa-escola* (programa social brasileiro), também problematiza o lugar do pai nesse Programa. A autora traz a informação de que o benefício do *Bolsa-escola* deverá ser pago à mãe em primeira instância. Na ausência dessa, à avó ou a outra figura feminina, e só em último caso ao pai, quando esse for solteiro ou viúvo e responsável pela educação da criança. Conforme sua pesquisa,

a paternidade é apresentada como o Estado que cuida e provê as necessidades de seus/suas cidadãos/cidadãs [...] O Estado-pai provê financeiramente e concede a cidadania, além de, ao posicionar as mulheres como co-responsáveis pela erradicação da miséria, de certa forma constrói uma relação de 'conjugalidade' que envolve as mães de 'carne e osso' e o Estado. Esse, diante da ausência ou da incapacidade dos 'pais de carne e osso' nas famílias de classes populares – suposta *a priori* e já quase naturalizada – vê-se 'obrigado' a assumir esse lugar (2003: 128) [grifos da autora].

Com esse estudo, percebe-se que, ao mesmo tempo em que a mulher toma um lugar de destaque nas decisões, encaminhamentos e responsabilidades, por conta de toda uma luta social de reconhecimento, de também poder ser líder e chefe de família, o pai, por sua vez, é anulado em suas responsabilidades e direitos em relação à sua prole em muitos discursos que circulam em nossa sociedade.

Dessa forma, ainda que talvez involuntariamente, o Programa *Bolsa-escola* acaba por enaltecer a concepção de que as mulheres (e somente elas) devem sempre se responsabilizar pelo bom atendimento à prole. Em relação à paternidade, esses aspectos tendem a reforçar um padrão instituído de que se o pai não é provedor e principal responsável pela família, ele não estará 'apto' a exercer a paternidade. Mesmo com depoimentos de pais interessados em assistir a escolaridade de seus/suas filhos/filhas, a autora ressalta a não autoridade e *status* social a pais atendidos por programas sociais como esse, provavelmente pela 'incapacidade' de prover, sendo essa uma função indispensável da paternidade, conforme muitas representações vigentes em nossa sociedade. Em relação à ausência do caráter de referência do pai no programa social pesquisado, a autora ainda sugere pensar que, através dessa representação,

torna-se necessário dilatar e amplificar responsabilidades das mulheres, sobretudo no que diz respeito ao gerenciamento da casa e no cuidado dos/das filhos/filhas, incluindo nisto a responsabilidade com educação, saúde, alimentação, vestuário e habitação (ibidem: 135).

Pela recorrência de discursos e representações como essa, as identidades paternas podem e devem ser problematizadas, a partir dos Estudos de Gênero e das articulações

entre paternidade e masculinidade, entendendo-as como identidades construídas socialmente e não 'naturalmente' relacionadas. Como afirma Eduardo Saraiva (1998), nas invenções da cultura ocidental essa automatização entre homem e paternidade se faz presente, mas essa relação imediata não ocorre da mesma maneira em todas as culturas. Na pesquisa que ora apresento, a problematização da paternidade sugere a problematização da masculinidade e vice-versa.

Dessa forma, a paternidade pode ser percebida como uma experiência legitimada por propósitos culturais, uma construção produzida (e que produz) um contexto social. Grande parte dessas construções se apóia nos discursos psicológicos que, segundo Erica Burman (1998), recentemente incorporaram os pais na literatura dessa área, embora a mãe seja designada como 'cuidadora' principal. Em seus estudos, a autora ressalta que, na década de 80 do século XX, houve a estratégia de incluir os pais na criação infantil generalizando o termo "maternal", mas de forma que as 'funções' paternas fossem/sejam de complementaridade. A publicação Day-Care (1982), de Alison Clarke-Stewart, citada pela autora, afirma que o pai, ainda que possa proporcionar afeto e disciplina como a mãe, é bem provável que seja companheiro em jogos físicos e atividades agitadas. Além disso, o pai também proporciona apoio psicológico à mãe, participando, assim, do desenvolvimento infantil de forma indireta através dela.

Burman, além de afirmar que as teorias psicológicas não são (ou pouco são) reformuladas, não acompanhando as modificações sociais, ressalta também que a recente preocupação histórica pela paternidade pode ser proveniente de algumas mudanças dos últimos tempos, como o crescimento de mulheres no campo do trabalho, o aumento de famílias uniparentais, sobretudo as que o pai é responsável, o aumento do desemprego dos homens, além dos movimentos masculinos, que vêm crescendo a cada dia, e que 'exigem' que seus direitos de paternidade sejam ampliados. Contudo, a autora lembra que⁹

ainda que alguns homens se aventurem por esferas culturalmente femininas, parece haver um escasso movimento recíproco em relação ao enfraquecimento do privilégio masculino, deixando intacta a estrutura patriarcal das relações de poder (1998:131).

Embora os pais estejam mais presentes e visíveis nos discursos provenientes dos artefatos culturais, vale ressaltar que, nas revistas direcionadas às mães e aos pais, grande parte das reportagens e propagandas são dirigidas às mães em específico, situação essa que pode ser percebida pelo uso dos seguintes termos: "maternos" e "femininos". Dessa

⁹ Tradução nossa do original: "*Aunque algunos hombres se aventuran en esferas culturalmente femeninas, parece haber un escaso movimiento recíproco hacia la secesión del privilegio masculino, dejando por tanto intacta la estructura patriarcal de las relaciones de poder*".

forma, se reafirma o caráter periférico da paternidade através de sessões especiais dedicadas aos pais homens, que ocupam espaços pequenos da edição ou que homenageiam os mesmos no mês de agosto.

Cláudia Amaral dos Santos analisou um grupo de mais de 50 revistas, datadas de 2000 a 2002 (*Pais & Filhos, Meu Nenê e Família e Crescer em Família*), a fim de pesquisar como essas operavam discursivamente na constituição das identidades de gênero na infância. Dentre outros aspectos analisados, a autora percebeu o quanto essas revistas, embora se autodenominassem como sendo para pais e mães, eram direcionadas ao governo da maternidade. Mesmo assim, havia colunas direcionadas especificamente aos pais, em uma das três revistas, e reportagens especiais dirigidas ao público masculino por ocasião do Dia dos Pais. A pesquisadora ressaltou uma reportagem com o ator Marcos Frota que se considerava mais um 'pãe' que um pai, por ter criado sozinho dois filhos e uma filha em função do falecimento de sua primeira esposa. O ator define a paternidade: "pai é aquela pessoa com quem você sabe que pode contar quando não tem mais ninguém ao seu lado" (2004:87), e a autora, sobre isso, complementa: "ao contrário do que supostamente poderia ser pensado da mãe que está sempre ao lado do/da filho/filha" (ibidem:60).

A fala do ator sugere que o pai é aquela pessoa com a qual o filho pode contar em qualquer situação problemática, como uma alternativa de apoio e segurança. O pai, nesse sentido, pode ser 'o protetor' mesmo que em outras situações cotidianas possa estar distante do/a filho/a.

Em relação à distância entre pai e filho/a, Jorge Lyra (1997) analisa o momento de gravidez. O autor afirma que, na maioria das vezes, é reforçada a idéia de que são as mulheres que carregam a gravidez. "Quase nunca se pergunta ao homem sobre sua participação, responsabilidade e desejo no processo de reprodução" (ibidem:23). Contudo, discursos recorrentes estão abrindo a possibilidade de o pai 'curtir' a gravidez, percebendo esse momento não unicamente biológico e sim movido também por sensações, descobertas e experiências, como por exemplo, o livro de Hélio de La Peña intitulado *O Livro do papai* (2003), no qual o integrante do grupo "Casseta e Planeta" apresenta a obra como *um manual prático e divertido para quem vai encarar os desafios da paternidade*.

O livro oferece sugestões, conforme sua própria apresentação, *valiosas e engraçadas para maridos, namorados e amantes prestes a assumir a paternidade*. Peña fala ainda sobre os medos e inseguranças 'comuns' a todos os homens antes e depois do nascimento do bebê. No mercado editorial há também o livro *Sou pai, e agora?* (2003), de Gugu Liberato, no qual ele fala sobre as alegrias e desafios de ser pai, mostrando *o quanto acredita ser importante usar o amor para aprender e re-aprender nesta sua nova experiência*, conforme suas palavras.

Um dos materiais paralelos selecionados para pesquisar a paternidade diz respeito a esse deslocamento no pensamento de ‘não relacionar o pai com a gravidez’. Trata-se de “*O Manual do Grávido – um guia completo do pré-natal ao parto para você curtir sua gravidez e sua grávida*”¹⁰. Esse guia, segundo sua apresentação, tem por objetivo suprir a carência cultural e a falta de orientação de gerações anteriores, além de estimular a “gravidez masculina” como o caminho para uma “paternidade responsável e satisfatória”, além de ser “uma das mais agradáveis fases da sua vida” (2000: 9). Com uma linguagem leve e, muitas vezes engraçada, o manual se preocupa em não ser denominado como sexista, afirmando que, embora tenha sido escrito por homens, sobre homens e para homens, os termos lingüísticos foram escritos “no masculino, que é a forma neutra de gênero na língua portuguesa”, incentivando a “correção política” de se ler, por exemplo, “o(a) médico(a)” onde estiver escrito “o médico”. Além disso, segundo o livro, os termos “grávida, mulher, parceira e companheira” foram utilizados independente de “ela ser sua esposa, namorada, noiva, amiga, etc. Afinal, a gravidez não exige atestado de matrimônio” (ibidem: 12). No decorrer do manual são identificados os “tipos comuns de grávidos”, as manifestações “clínicas” do instinto paterno, “síndrome do pânico paterno”, “diferenças entre a gravidez masculina e a feminina”, além de explicações detalhadas de cada fase da gravidez, licenças e legislação, cuidados com a relação do casal, planejamento antes de engravidar, inclusive como lidar com a situação quando o homem quer ter um bebê e a mulher não (ver apêndice 1):

A gravidez masculina ocorre na cabeça, enquanto a feminina se concentra na barriga, com efeitos visíveis pelo resto do corpo. (...) Enquanto a mulher simplesmente fica grávida, você precisa engravidar (ibidem:11).

Existem alguns sinais típicos que surgem quando você, mesmo sem perceber, está ficando com vontade de engravidar e ser pai. É o instinto paterno. De repente aqueles bebês chatos que fazem barulho em restaurantes, no cinema ou na casa de amigos ficam ‘quase’ bonitinhos (veja bem, quase; você ainda não precisa amá-los). Você já não vê nada de errado em ficar brincando, com a voz infantilizada, com uma dessas criaturas. Se você se deixar afeiçoar pelo sorriso de uma criança, é um sinal típico do instinto paterno se manifestando (ibidem:15). [grifos meus]

O ‘instinto paterno’ é proveniente, segundo o livro, do desejo masculino de ‘engravidar’ e de se tornar pai. Algumas características desse ‘estado’ são: a inveja de outros pais, à vontade de passar suas experiências a um herdeiro, a admiração e atração por mães ou mulheres grávidas, ceder à pressão social para ter um filho, além de sentir

¹⁰ Edição de 2000, escrito por Cláudio Csillag e Humberto Saccomandi. Demais dados, ver bibliografia dos materiais analisados paralelamente.

'sintomas da síndrome avuncular'¹¹. Essa última diz respeito ao homem se tornar tio de uma criança e adorar essa experiência: "Você pode pegá-lo no colo, brincar de aviõzinho e jogá-la para cima, num esforço para fazê-lo rir que só o tio conhece" (ibidem:17) A 'síndrome do pânico paterno', por sua vez, diz respeito a uma das primeiras reações masculinas quando recebe a notícia de estar 'grávido': "Você está reagindo a uma nova experiência na sua vida, para a qual não fez nenhum curso, estágio, etc. Mesmo que a gravidez tenha sido planejada, a notícia chega de supetão" (ibidem:38).

Os autores ressaltam que, junto a tanta alegria, há dúvidas e preocupações do 'recém-grávido', como se será um bom pai, se poderão sustentar a criança, o que a mulher espera dele, o que acontecerá com a relação dos dois, será que ele deverá trocar os encontros com os amigos por um curso de pais, etc. Essas dúvidas são divididas, no livro, em dois grandes grupos: de um lado as do tipo "chorar o leite derramado" (que remetem ao passado e não vão mudar o fato de ele estar grávido), como "era a melhor hora?"; e do outro lado as dúvidas que remetem ao futuro, cujas respostas incidirão sobre o processo da gravidez, sobre o relacionamento com a mulher, como, por exemplo, "Nosso casamento é feliz?" (ibidem:39). Além disso, pode haver outros sintomas de pânico paterno, como o medo de perder mulher e filho, o próprio medo de morrer ou, ainda, o recorrente temor de que a vida de casal nunca mais volte a ser a mesma, ao que os autores indicam ir logo se acostumando, por que a "vida de casal será diferente para sempre" (ibidem:39); assim o melhor a fazer é assumir essa escolha e participar desde cedo dessa nova experiência, indicam os autores: "Deixe de ser besta. Afinal, ter um filho é muito bom" (ibidem: 40).

O 'instinto paterno', embora geralmente não faça parte das 'verdades' ditas por vozes especialistas (provenientes da medicina e da psicologia) tanto quanto o instinto materno, vem participando cada vez mais de outros espaços sociais, como *blogs* e contos populares¹²:

Às vezes eu penso que já é hora de ter um filho. Um japinha de cabelos espetados com o corpo cheio de dobrinhas correndo pela minha casa. Ou uma pequeninha oriental que mais parece uma boneca de porcelana. Sim, estou ficando velho, cada vez mais próximo dos trinta anos e meu instinto paterno começa a bater mais forte. [...]Sonho também em deitar sobre a barriga da futura mãe e, com um fone de ouvido, fazer o bebê ouvir minhas canções prediletas [...]Para o parto, já escolhi até a trilha-sonora. É "In My Life", a minha

¹¹ Segundo os autores, a palavra "avuncular" significa "relativo ao tio ou à tia".

¹² *Blog1*- <http://www.spectorama.com/velhinho.htm>. Acesso em 2/02/2006. *Blog2* - http://gravido.blogger.com.br/2003_03_23_archive.html. Acesso em 2/02/2006. *Revista Rabisco* - <http://www.rabisco.com.br/colunas/latim/latim20.htm>.

predileta dos *Beatles*. E de madrugada, quando ele acordar, vou cantar "Be My Baby" e vê-lo dormir em meus braços. (*Blog 1*, autor masculino) [grifos meus]

Grávido pela primeira vez. Esse blog vai contar a gravidez da mamãe Juliana, na visão do papai Léo [...] Esse aí é o exame confirmando as 3 semanas de gravidez. Por enquanto o bebê é 602,96 miu/ML de HCG. Daqui 9 meses você vê o resultado [...] Soubemos que estávamos grávidos na sexta, dia 21 de março, apesar de que o papai aqui já estava desconfiado. Instinto paterno, sabe como é... (Blog 2, autor masculino recém 'grávido') [grifos meus]

Na floresta, Manrico reencontra Azucena, velha cigana, filha de uma bruxa que morreu queimada. Ela havia raptado o filho mais novo do conde, a fim de matá-lo. No entanto, acaba matando acidentalmente o próprio filho. Refeita do trágico engano, a cigana decide criar o trovador que, na realidade, é García, irmão de Luna, que todos julgam morto.

O Conde pai, em seu instinto paterno, morreu sabendo que a ciganinha havia levado o menino e que ele estava bem vivo. (Revista Rabisco, Conto "O Trovador") [grifos meus].

Assim, percebem-se alguns deslocamentos, quais sejam: muitos homens estão percebendo sua vontade de se tornarem pais, com o 'instinto' paterno 'avisando' que já é hora dessa nova fase da vida; homens estão vivenciando a paternidade desde a gravidez em função desse seu 'instinto'; como também esse termo vem sendo usado em contos populares para explicar a 'intuição' paterna frente a sua prole. Vale ressaltar os aspectos biológicos e 'naturais' relacionados à expressão 'instinto'. Além disso, é necessário considerar o fato desse 'conceito' ('instinto' paterno) estar circulando e sendo reconstruído em diferentes momentos e por diferentes grupos sociais, o que pode lhe trazer maior legitimação, uma vez que, para algo ser legitimado, deve estar circulando e se fazendo presente em diferentes instâncias sociais.

Warren Farrell, psicólogo e escritor, que por bastante tempo foi defensor das reivindicações feministas, sendo inclusive eleito mais de uma vez membro da Junta Diretiva da Organização Nacional de Mulheres de Nova York, agora defende a paternidade atuante como essencial na vida dos filhos, ressaltando que não há diferença entre instinto materno e instinto paterno. Seu distanciamento dos postulados feministas se deu quando a organização acima referida defendeu a guarda dos filhos às mães e não como um direito igual para mães e pais. Desde então, Farrell (2001) defende que da mesma forma que no final do século XX se alcançou praticamente a igualdade de oportunidades profissionais para as mulheres, o início do século XXI tenderá a buscar a igualdade de oportunidades para os homens enquanto pais. O autor também sugere, após treze anos de investigação, que é preciso reformular a condição de pai como "cuidador idôneo dos filhos", alegando que

os filhos cuidados somente pelo pai tendem a se desenvolver melhor, além de o pai separado aliar, melhor que a mãe, o cuidado com os filhos e a profissão, com um menor índice de tensão e estresse.

Por compreender que o 'instinto' paterno é tão válido quanto o 'instinto' materno, Farrell também indica as situações familiares, por ordem, mais adequadas para os filhos: 1º a família intacta (mononuclear); 2º a custódia compartilhada real (tempo com mãe e pai compartilhado); 3º a maior parte do tempo com o pai; 4º a maior parte do tempo com a mãe. Importante também destacar que, segundo ênfase do autor, quando um homem deixa de pagar a pensão alimentícia (uma das obrigações paternas após divórcio), vai para a prisão; e, quando a mulher não cumpre suas obrigações como mãe, a sociedade lhe oferece serviços sociais. E que, quando uma mãe impede a aproximação do filho com seu pai, essa ação deve ser vista como uma das formas mais inegáveis de maus tratos infantis.

Dessa maneira, dando continuidade a essas rupturas discursivas, campos do conhecimento e movimentos sociais vão sendo construídos e disseminados, os quais argumentam outras formas de se vivenciar a paternidade, tais como *sites*¹³, *chats*, publicações em jornais, revistas e livros, entre outros, embora a (re)afirmação da busca da homogeneidade normalizante insista em se fazer presente em diversas instâncias. Frente a essas (re)significações, muitos discursos recorrentes na mídia, tanto televisiva quanto impressa, também trazem a paternidade sob uma 'nova' perspectiva, abordando responsabilidades e ações de um 'novo' pai frente à família e, sobretudo, aos/às filhos/as. Essa 'nova paternidade' é compreendida por Benedito Medrado (1998) como uma concepção da participação mais efetiva dos homens no cotidiano familiar, particularmente no cuidado com a criança, embora o autor, cuidadosamente, faça ressalvas ao termo 'novo', advertindo que o uso do mesmo está ocorrendo para aludir a um movimento político e conceitual acerca dos modos contemporâneos de exercício da paternidade, contrastando com o precedente, embora carregue preceitos 'velhos' consigo.

Um exemplo desta 'nova paternidade' foi encontrado no *link* "Mulher" do *site* Terra¹⁴. Conta a experiência de um empresário separado da esposa, que brigou na justiça para ter a guarda da filha, com a qual já vive sozinho há quatro anos: "sem babá, ele assume todas as tarefas: da alimentação às idas ao médico ou às reuniões da escola". Para o empresário, da mesma maneira que mulheres conseguiram sua emancipação, ocupando espaços no mercado de trabalho, "os homens também venceram, mas no campo pessoal, criando

¹³ Alguns sites atuais que tematizam a paternidade, sob a ótica de constituição de outras relações entre pais e filhos/as: www.pailegal.net; www.ufpe.br/papai; www.paisparasemprebrasil.org/; www.pai.com.br; www.aleitamento.org.br/pai; www.amigosdopeito.med.br.

¹⁴ Site www.terra.com.br/mulher.

possibilidades para aproximar-se dos filhos, com uma relação de carinho e participando efetivamente da vida das crianças”.

As possibilidades de formas de se vivenciar as identidades paternas, como, por exemplo, casais homossexuais adotando filhos/as; ‘novas’ identidades, como a metrosssexual¹⁵; mídias virtuais específicas para pais e suas preocupações com os/as filhos/as, enfim, esses outros olhares vêm se relacionando com os crescentes estudos acerca da paternidade nas áreas da Educação, Sociologia e Antropologia, anteriormente referidos, embora sua maior presença seja localizada em estudos sob perspectivas médicas, psicológicas e jurídicas¹⁶.

Inês Hennigen (2004), ao estudar a temática da paternidade, observou, nos materiais por ela analisados, que o pai demonstra ser “atemporal”, uma vez que se mostrava difícil coordená-lo ao homem contemporâneo¹⁷. Com o objetivo de compreender a dimensão da subjetividade masculina, imersa numa rede social e cultural, a autora lembra que as pesquisas sobre paternidade investigam, principalmente, a participação mais efetiva do homem no contexto familiar, e não suas múltiplas possibilidades de se vivenciar a identidade paterna. E que, embora a homenagem seja para os pais, quem está na “vitrine” é o homem contemporâneo, com o culto à imagem (juventude, beleza, prazer). Para esse, se abre uma gama de possibilidades para quem “procura localizações no mundo, seja através do ter ou do parecer” (2004: 114).

Ainda a respeito da pesquisa já citada, são retratados os ‘ideais’ de paternidade contidos nas reportagens. Em primeiro lugar, o caráter de pai participativo, que deve participar do cotidiano dos seus filhos, mas com um tom de “sacrifício” e dentro de “certos limites”, quais sejam: “o sagrado futebol é deixado de lado, o pai pega no pesado” e “ele participa, mas dentro de limites – cocô (troca de fralda) não! Afinal, as relações de gênero não mudaram tanto assim” (ibidem: 124).

Hennigen ressalta também os discursos de especialistas formando as concepções de paternidade e família, prescrevendo tarefas e responsabilidades que procuram aproximar o homem do/da filho/filha: “chamam sua participação, mas [...] ao mesmo tempo, reforçam a assimetria entre os gêneros, tão peculiar da lógica patriarcal” (ibidem:125). Os pais mostrados estão, paradoxalmente, ‘fora’ da ‘norma’ da família nuclear: um deles é separado

¹⁵ Metrosssexual sugere uma identidade masculina narcisista, característica das grandes cidades (metrópoles), articulada ao amor próprio, de caráter narcísico e consumista, que enfatiza vaidade, beleza e *status* profissional/econômico. Um dos seus ícones internacionais é o jogador de futebol David Beckham, segundo o autor do termo, o escritor inglês Mark Simpson.

¹⁶ Alguns exemplos: MARQUES, Cláudia Lima. *Visões sobre o teste de paternidade através do exame do DNA* em Direito Brasileiro, 2000; LUZ, Anna Maria Hecker. *O conto de fada e a paternidade moderna*, 2003; BARROS, Fernanda Otoni de. *DO DIREITO AO PAI: sobre a paternidade no ordenamento jurídico*, 1999.

¹⁷ Pesquisa baseada em duas edições do jornal Correo do Povo (jornal de maior tiragem no RS): uma edição do Caderno Vitrine, publicado dois sábados antes da data comemorativa do Dia dos Pais; e outra edição do próprio domingo do Dia dos Pais com três reportagens sobre a temática.

e outro, padrasto. A separação familiar é tida como problemática, provocando a vulnerabilidade das crianças. Em nome da “preservação” dessas, “se ‘desaconselha’ – ou pelo menos se deixa evidenciado o risco potencial – de composições familiares alternativas” (ibidem:123) [grifos da autora], mesmo que esse discurso venha de encontro às modificações sociais na composição das famílias contemporâneas.

Nesse sentido, é relevante questionar de que forma alguns definidores que constituem as identidades masculinas ‘permitem’ a associação dessas identidades com as paternidades atuais, como a de metrosssexual e/ou um pai presente e cuidador, por exemplo. Ou, de forma específica, de que maneira os discursos recorrentes nos livros infanto-juvenis se relacionam com a heterogeneidade acelerada referente às identidades paternas e masculinas.

A pesquisadora Claudia Fonseca (1995a), ao analisar os caminhos da adoção, ressalta que o conceito de família costuma ser diretamente ligado à família conjugal (co-residência de um casal e seus filhos) – “sendo a casa o lugar das mulheres e crianças; e o espaço público da rua o domínio por excelência dos homens”. Assim, muitas pessoas esquecem que esse ‘padrão’ familiar emergiu em um contexto histórico específico, por volta do século XVIII, sendo consolidado a partir, por exemplo, da centralização do Estado e da individualização de salários. A família conjugal, conforme a autora, se consolidou no século XX, a partir de “táticas sedutoras de persuasão: salários dignos, escolarização universal de alta qualidade e uma melhoria geral das condições de vida da classe operária”, não se tratando de uma visão simplória de evolução, mas de “um enorme leque de práticas de organização doméstica e social, dando prova da criatividade dos humanos para inventar formas culturais conforme o contexto em que vivem” (ibidem: 20- 21).

Fonseca assinala, ainda, que a família patriarcal extensa não era mais comum no passado do que hoje e também que as famílias pequenas e chefiadas por mulheres não são nenhuma invenção da modernidade. Em relação a Porto Alegre/RS (e eu diria que o mesmo ocorre em muitas outras localidades brasileiras), a pesquisa constatou que a “identidade paterna é freqüentemente assegurada pela participação de tias e avós paternas na vida da criança”. Assim, mesmo se o pai não ‘funciona’ como provedor ou quando não mora com os filhos, fornece uma “identidade social, elemento fundamental para a integração social da criança” (ibidem: 89). Nesse sentido, a existência de um pai e a função social dessa existência é demarcada pela prática da figura paterna por uma pessoa da família do próprio pai, preservando e/ou reafirmando essa identidade social.

A obra intitulada *A Família em desordem*, de Elizabeth Roudinesco, apresenta significativas abordagens acerca das famílias ocidentais, envolvendo três grandes características: a família dita ‘tradicional’ (sob a ordem do mundo imutável e submetida à

autoridade patriarcal – Deus Pai); a família dita ‘moderna’ (de lógica afetiva, sob a divisão de poderes entre Estado e pais); a família dita ‘contemporânea’ (desejo de família - valorizadora da vida privada, com rupturas e recomposições conjugais, imagens destituídas de pai heróico e guerreiro). A autora ainda aborda as tecnologias biológicas, como detenção do poder materno (exigindo ou excluindo o homem-pai), como também o “futuro da família”, considerando pensar a respeito do movimento da história, de pais homossexuais e do direito desses em constituir família, afirmando que “a família do futuro precisa ser reinventada” (2003: 199).

A partir de pesquisas como esta que me proponho, é possível perceber as representações e discursos acerca da família que circulam em diferentes Pedagogias Culturais, como, por exemplo, a ‘preservação’ da família nuclear como a ‘ideal’. Essas representações podem trazer consigo complexos processos de poder que legitimam algumas maneiras de se vivenciar a identidade em detrimento de outras. Em função disso, muitas pessoas podem não se ‘encontrar’ quanto a sua estrutura familiar, visto que, possivelmente, essa se diferencia da ‘norma mononuclear’. Muitos livros infanto-juvenis também se preocupam em tratar dessas questões, acompanhando as ‘modificações sociais’ das famílias, estruturadas ora por figuras femininas e masculinas que não (somente) pai e mãe, ora por um deles apenas, ou ainda pela constituição de filhos e filhas dos casamentos anteriores, enfim, muitas possibilidades¹⁸. É importante lembrar que as identidades do sujeito se entrecruzam, ou seja, as identidades de sua posição familiar se entrecruzarão com as de gênero, de sexualidade, de classe social, de religião, etc., tornando complexo esse processo de se reconhecer nas representações e discursos provenientes de artefatos culturais.

No caso das identidades de gênero, Joan Scott (1995) afirma que o gênero participa da constituição de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, sendo uma forma primária no interior da qual, ou por meio da qual, o poder é articulado. O próprio ‘sexo’ é uma construção cultural, uma vez que também é nomeado pela linguagem. Nesse sentido de ‘construções’, os discursos sobre pai freqüentemente são relacionados a idéias de provisão financeira, heroísmo, força, inteligência, proteção. Importante destacar que, entre as várias formas de poder a que o homem é submetido, como a conquista de *status* social e de constituição de uma família, está a maior prova de virilidade: a perpetuação da espécie (Bosco-Filho, 2004).

A partir dos estudos de Michel Foucault, pode-se pensar que outras paternidades diferentes das citadas acima não sejam tão recorrentes por não estarem na ordem do

¹⁸ A respeito da temática de variação na constituição familiar, há o livro infanto-juvenil “Uma família parecida com a da gente”, de Strausz (1998), que traz vários exemplos familiares, relacionando famílias “humanas” com “famílias de animais”.

discurso, ou seja, embora se perceba muitas mudanças sociais em relação às paternidades, as representações que mais circulam são aquelas que definem os pais a partir do discurso que os envolve em uma relação distante do dia-a-dia da sua prole. O autor afirma que “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (2003:37). Dessa forma, alguns pais podem, em certo tempo e espaço, ser considerados fora da ordem do discurso recorrente por assumirem determinadas posições paternas ou, ainda, pela paternidade ser exercida por outras pessoas socialmente vistas como ‘não qualificadas’, como homens que não sejam heterossexuais, por exemplo. Tal situação é possível de ser averiguada no discurso jurídico brasileiro, que impede, em primeira instância, casais homossexuais de adotarem filhos/as, legitimação essa amplamente respaldada por outros discursos das áreas médicas, psicológicas e religiosas. Uma outra problematização poderia questionar se tais pais estariam fora da ordem do discurso sobre paternidade, ou se estariam apenas no lugar do ‘indesejável’ dentro dessa ordem do discurso vigente, ou seja, determinadas posições assumidas pelos pais, mesmo que não sejam aceitas socialmente, estão à sombra da própria ordem do discurso que determina como o pai deve ser, como se servissem para reforçar o que é visto como ‘correto’ e, por conseqüência, o ‘errado’ de uma determinada prática paterna.

Entendo discurso como uma construção, permeada de relações de poder, que produz ‘verdades’ e saberes que definem práticas sociais de sujeitos. Esses saberes são cristalizados pelas relações de poder/saber, e o poder se torna produtivo ao produzir ações através de saberes que funcionam como estratégias de poder. Nesse caso, há diversas legitimações sobre um determinado tema, e, através destas relações de poder, alguns discursos se colocam em lugares mais privilegiados que outros, dependendo dos efeitos de poder que possam incidir sobre a relação entre sujeitos e essas ‘verdades’ (FOUCAULT, 1992).

A compreensão de que o sujeito possui inúmeras identidades, e que essas se articulam entre si, podendo ser conflitantes e mutantes durante toda sua vida, e que sofrem efeitos a partir das posições de sujeito vivenciadas e a partir dos discursos (e suas subjetivações) dentro dos quais o sujeito se movimenta, nos leva a compreender que as identidades podem ser articuladas e experienciadas de diversas formas. Isso nos mostra que algumas vozes e discursos são mais internalizados que outros.

1.2. Estudos Culturais

Tudo que dizemos tem um 'antes' e um 'depois' - uma 'margem' na qual outras pessoas podem escrever (Hall, 2002:41) [grifos do autor].

A provisoriade da escrita, lembrada por Stuart Hall, assim como das identidades, dos discursos e das práticas culturais é problematizada, dentre outros aspectos, pelos Estudos Culturais, cuja institucionalização se reporta à Inglaterra da década de 70, principalmente a partir da concepção de cultura defendida por Raymond Williams¹⁹. Esses estudos e os que ocorreram posteriormente se concentram na análise da cultura, compreendida como experiência vivida de um grupo social, proporcionando, assim, questionamentos sobre aspectos situados na conexão entre cultura, significação, identidade e poder, sobretudo a problematização do binarismo: alta cultura e baixa cultura (SILVA, 2002), a partir da qual se questionou o que era considerado cultura e o que não era, de que forma se davam essas legitimações, bem como quais as relações de poder implicadas em tais definições. A partir dessa perspectiva teórica, diversos autores e autoras passaram a realizar outras articulações com os Estudos Culturais.

Nesta pesquisa serão utilizados os estudos de Hall problematizando a identidade (2002), além de estudos integrantes do PPGEDU/UFRGS, destacando-se pesquisas que problematizam os Estudos Culturais em Educação: análises dos estudos foucaultianos relacionados às práticas pedagógicas (VEIGA-NETO, 1995); pesquisas sobre as conexões entre linguagem/discurso e a produção de sujeitos (SILVEIRA 2002a); análise da infância e a constituição do sujeito infantil (BUJES, 2002); pesquisa sobre os processos de subjetivação na cultura da imagem, relacionando mídia, currículo, arte e educação (FISCHER, 1995). Vale ressaltar que muitas análises das linhas de pesquisa sobre Gênero e sobre Estudos Culturais se entrecruzam estabelecendo articulações relevantes no que diz respeito à constituição da infância, como, por exemplo, a pesquisa de mestrado de Bianca Salazar Guizzo, intitulada *Identities de gênero e propagandas televisivas: um estudo no contexto da Educação Infantil* (2005), a pesquisa de Zandra Argüello, *Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil* (2005) e a já citada pesquisa de Claudia Amaral dos Santos (2004).

Importante indicar que não é propósito da presente pesquisa traçar um histórico sobre os Estudos Culturais e, sim, ressaltar alguns aspectos importantes para serem relacionados aos objetivos deste estudo.²⁰

¹⁹ Williams, Raymond. *Culture and society*, publicada em 1958.

²⁰ Maiores aprofundamentos sobre Estudos Culturais ver ao final desta pesquisa: Silva, 2000b; Hall, 1997b; Bhabha, 1999; Cevalco, 2003; Mattelard; Neveu, 2004.

Os Estudos Culturais em Educação, na perspectiva pós-estruturalista, compreendem a cultura como prática de significação, códigos de significados que dão sentido às nossas ações, como um campo de produção de significados no qual grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados (HALL, 1997a; SILVA, 2000b).

Nesse sentido, as lutas de legitimação de alguns significados mais que outros são feitas na articulação de saber/poder, produzidas de forma concomitante. As verdades legitimadas, por exemplo, pelos discursos médicos e psicológicos costumam ser vistas por muitas pessoas como inquestionáveis. Desta forma, os discursos da Medicina e da Psicologia são considerados 'universais' para explicar as 'fortes' relações das mães com filhos/as, ao mesmo tempo em que percebem os pais como coadjuvantes. Vale ressaltar o quanto a educação se apropria desses discursos para legitimar suas ações e seus discursos, como, por exemplo, a presença da mãe na vida escolar, nas reuniões, exigências essas que não são igualmente fortes na solicitação aos pais.

Isso atribui um poder significativo aos dizeres dos profissionais dessas áreas, que também produzem saberes em função desse próprio poder conquistado pela legitimação de determinados discursos. Assim, o saber resulta do próprio poder, ou seja, tem mais poder aquele que tem um diferencial sobre os outros, nesse caso, as vozes (saberes) das áreas referidas acima. Como afirma Michel Foucault (2003), "o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar" (ibidem:10). Hall compreende o discurso como

uma série de afirmações, em qualquer domínio, que fornece uma linguagem para se poder falar sobre um assunto e uma forma de produzir um tipo particular de conhecimento. O termo refere-se tanto à produção de conhecimento através da linguagem e da representação, quanto ao modo como o conhecimento é institucionalizado, modelando práticas sociais e pondo novas práticas em funcionamento (1997:29).

Essa vontade de poder gera o saber num processo em que um alimenta o outro. Assim, a Pedagogia, por exemplo, é uma vontade de poder sobre o corpo do/a aluno/a, é uma vontade de controlar e disciplinar, de torná-lo um corpo dócil e produtivo (para aquilo que se quer produzir). Foucault (1996) nos mostra que o surgimento da Pedagogia, sua formação, se deu "a partir das próprias adaptações da criança às tarefas escolares, adaptações observadas e extraídas do seu comportamento para tornarem-se em seguidas leis de funcionamento das instituições e forma de poder exercido sobre as crianças (ibidem:122). Silva (1995a) concorda com essa compreensão, afirmando que a Pedagogia não está reduzida ao domínio de habilidades ou técnicas. Ela é definida como uma prática

cultural implicada na forma como o poder e o significado são utilizados na construção e na organização de conhecimentos, desejos, valores. Como lembra esse autor (1994), a educação/pedagogia é um dos dispositivos²¹ da vida cotidiana central na tarefa de normalização, disciplinarização e regulação das pessoas e das populações. Sobre essa disciplinarização institucional das identidades de gênero e da sexualidade, Louro afirma que

mesmo que se admita que existem muitas formas de viver os gêneros e a sexualidade, é consenso que a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão: haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e de feminilidade e uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico (2003: 43-44).

Regular, disciplinar e produzir corpos, no caso dessa pesquisa corpos paternos delimitados como devem ser para estarem 'dentro' da ordem do discurso contemporâneo em nossa sociedade ocidental, são processos possíveis de serem relacionados aos livros infanto-juvenis, uma vez que são constituídos enquanto artefatos dentro de uma rede, de modo que suas narrativas se utilizam de alguns discursos que irão produzir determinados saberes gerados através de uma vontade de poder. O saber, para Foucault, é um

conjunto de elementos, formados de maneira regular por uma prática discursiva [...] que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um status científico [...]. Um saber é, também, um espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso [...] um saber é também o campo de coordenação e subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam, se transformam [...] finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso (1997: 206-207).

Assim, os textos (imagéticos e escritos) dos livros infanto-juvenis são constituídos de discursos, os quais são 'produções' de saber. Nesse sentido, é necessário que sejam aceitos, repetidos e transmitidos por que é produtivo que sujeitos (re)produzam esses discursos e se apropriem dos mesmos, uma vez que, dessa maneira, os discursos funcionam para estabelecer relações de poder, a medida em que os enunciados vão além da representação do mundo. Enunciado aqui é compreendido como uma formação discursiva, segundo a concepção foucaultiana, através do qual damos sentido ao mundo, ou seja, como afirma Rosa Fischer, as palavras só significam [algo] no interior de cada formação discursiva, isto é, no jogo de relações com outras palavras, expressões ou construções dessa mesma formação (1995: 25).

²¹ O conceito de dispositivo é trabalhado por Foucault, como podemos ver em *Microfísica do Poder* (1990) e não será aqui explorado.

Logo, quando me proponho a escrever sobre literatura infanto-juvenil, escrevo de algum lugar, tendo como base alguns princípios, os quais podem me levar a caminhos diversos, dependendo das minhas escolhas. Também quem me lê, o faz de um outro lugar, provavelmente com outras idéias e, assim, realizará a leitura a partir de seu lugar na cultura. Com isso quero ressaltar três coisas que já vem sendo explanadas neste texto: a primeira é que nenhum discurso é neutro e, nesse sentido, estarei eu também atribuindo sentidos a cada palavra aqui escrita; a segunda é que não se trata de buscar o [real] significado das práticas discursivas²² presentes na literatura acerca das identidades paternas, e sim analisar de que forma as representações de paternidades circulam nas tramas dos livros infanto-juvenis; em terceiro lugar está a flexibilidade desta escrita e a necessidade constante de questionar aquilo que começa a parecer natural demais, verdadeiro demais, comum demais. É com essa proposta que o presente texto trata das questões 'naturalmente' relacionadas com a figura paterna e masculina.

Condé (1998), sobre os estudos de Wittgenstein, auxiliou-me a compreender que as coisas não têm um sentido em si e que a linguagem atribui sentido às mesmas. A virada lingüística (final do século XIX e início do século XX), nos sugere pensar a linguagem não mais como uma representação fixa da 'realidade', mas sim como um movimento em fluxo constante, não sendo possível capturar de forma definitiva qualquer significado que a precederia e ao qual estaria inequivocamente amarrada. Assim, a perspectiva pós-estruturalista assumiu um outro entendimento sobre a linguagem, segundo a qual há uma relação de atribuição de significados sobre as coisas através da linguagem, não existindo uma correspondência entre as palavras e as coisas. Além disso, nesse movimento o sujeito e a consciência são descentrados e não mais vistos como estáveis e fixos (SILVA, 1994; HALL, 1997a). Ou, como afirma Silva sobre a virada lingüística:

A filosofia da consciência, firmemente assentada na suposição da existência de uma consciência humana que seria a fonte de todo significado e toda ação, é deslocada em favor de uma visão que coloca em seu lugar o papel das categorizações e divisões estabelecidas pela linguagem e pelo discurso [...]. A autonomia do sujeito e de sua consciência cede lugar a um mundo social constituído em anterioridade e precedentemente àquele sujeito, na linguagem e pela linguagem (1994: 248).

E justamente por ser uma atribuição de significados é que pela linguagem passam e são instituídas relações de poder. A linguagem, por ser compreendida, conforme a concepção foucaultiana, como constituidora do próprio pensamento e, assim, precedendo o que pensamos ver no mundo, também produz identidades. Assim, os sujeitos ocupam

²² O termo práticas discursivas será explorado no decorrer deste capítulo.

posições diferentes, tendo em vista os discursos com os quais se relacionam, muitas vezes dando a impressão de tê-los produzido ao invés de o próprio sujeito ter sido ‘atravessado’ por esses discursos. Hall (1997), sobre a atribuição de significado, afirma que o mesmo não surge das coisas em si, de uma suposta ‘realidade’, mas de jogos de linguagem e dos sistemas de classificação nos quais as coisas são inseridas e que tudo aquilo que consideramos fatos naturais nada mais são do que fenômenos discursivos.

Assim, muitos desses fenômenos discursivos buscam uma vontade de saber sobre o desconhecido, sobre o ainda ‘insuficientemente etiquetado’, ou seja, criam-se discursos sobre determinados sujeitos tendo como base uma norma igualmente construída. A Pedagogia pratica essa vontade de saber sobre aqueles definidos como fora dos padrões de aprendizagem, por exemplo, buscando respaldar seus discursos, principalmente, nas áreas da Psicologia e da Medicina. Esses saberes legitimados são reforçados pela circulação dos discursos em uma determinada cultura e com determinadas intensidades e formas, adquirindo maior legitimação ou não a partir das práticas discursivas estabelecidas. Foucault (1970) fala sobre essa vontade de saber afirmando que as mesmas são (re)conduzidas por práticas discursivas como a Pedagogia, como o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas. E também lembra que são reforçadas de forma mais contundente “pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído” (2003:17). As práticas discursivas são entendidas, segundo o autor (1997), como atos de linguagem, carregados de ‘verdades’ manifestados por um sujeito (alguém que fala de algum lugar, envolvido por uma função social) e que a partir de seu manifesto (escrito, dito ou enunciado de outra forma) é que se exercerá uma produtividade, ou seja, exercerá um poder sobre outros que se assujeitam ao sujeito do enunciado.

Fischer acrescenta que a prática discursiva não é a mera expressão de idéias, pensamentos, pois “exercer uma prática discursiva significa falar segundo determinadas regras, e expor as relações que se dão dentro de um discurso” (2001:204). Além disso, as práticas discursivas e seus movimentos põem outras práticas em ação para legitimar e respaldar tanto o que foi objetivado quanto a forma de subjetivação. Na concepção foucaultiana, subjetivação é compreendida como o processo através do qual o sujeito toma para si uma idéia e a faz como verdade sua, perseguindo-a insistentemente.

Nesse sentido, os sujeitos são “sujeitados ao discurso e devem, eles próprios, assumi-lo como indivíduos que, dessa forma, se posicionam a si próprios. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades” (WOODWARD, 2000: 55). Assim como somos interpelados por muitos discursos e ‘escolhidos’, de certa forma, também adotamos e aceitamos alguns em detrimento de outros, nos subjetivando a estes e não a aqueles (VEIGA NETO, 2000).

Aliado a esse processo, em relação aos textos literários, é possível que se faça presente a vontade de saber, que busca legitimar saberes acerca de algo, minuciosamente buscando o enquadramento a partir do 'decifrar/categorizar', a partir de discursos de 'literariedade' para ser reconhecido e legitimado como tal, ressaltando-se as especificidades de cada texto, seja ele narrativo ou descritivo, por exemplo. Lembrando que o que está em jogo é o que o discurso provoca, os usos que se faz dele, o que está à sua volta, o que ele produz e o que ele silencia.

Assim, não basta um novo discurso para tomar o lugar de outro, se esse for o objetivo, é necessário perceber o que está em torno desse novo discurso e de que mecanismos utilizar-se-á para sua legitimação. Para Foucault, "o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta" (2003:26). Da mesma maneira, não está em jogo buscar o que 'realmente' o autor do livro quis dizer, por exemplo, mas de que maneira as práticas discursivas são articuladas e dão sentido ao livro. Dessa forma, essa significação, enquanto 'resultado', ocorre quando utilizamos a linguagem para denominar o livro e (re)criá-lo.

É através do ato de leitura que o livro vai sendo re-significado e constituído, ou seja, essas re-significações se dão através da própria diversidade dos atos de leitura e, possivelmente, em função dos textos permeados por diferentes discursos. Muitas pessoas tomam a linguagem como a denotação de algo ('real') que já está lá; propor uma desconstrução, uma outra forma de pensar, serve para desconstruir essas 'verdades'. Vale ressaltar que o conceito de desconstrução é proveniente dos estudos de Jacques Derrida (1991) relacionado à proposta de desconstrução das dicotomias (uma das marcas do pensamento moderno) e também utilizado em outros estudos, como os de Joan Scott (1995), quando essa propõe a desconstrução do "caráter permanente da oposição binária" masculino-feminino. Assim como Derrida fala das desconstruções, Foucault, baseado em Friedrich Nietzsche, trabalha com o conceito de desnaturalização, que opera com a idéia de abalar aquilo que nos parece normal, natural e comum demais. Além disso, referente às "verdades" Foucault pontua:

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade [...] os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; [...] o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (1990: 12).

Problematizar as práticas discursivas é desestabilizar essas 'verdades' que a literatura infanto-juvenil pode trazer, sobretudo no que diz respeito ao seu aspecto

pedagógico, ou seja, a partir do processo de ensinar modos de ser menino, menina, pai, mãe. A literatura, sendo compreendida como um artefato cultural, traz consigo diversas representações referentes a essas e a outras identidades. As representações são entendidas como formas de atribuir significados a um conceito, objeto ou pessoa, por exemplo, através de práticas discursivas compreendidas por uma dada cultura. Assim, essas práticas estão articuladas com características culturalmente aceitas, construídas e relacionadas àquilo que se quer simbolizar. Em função dessas representações, ou seja, o aprisionamento de uma identidade a algumas poucas características possíveis, surge muitas vezes o que pode ser compreendido como uma representação totalmente reduzida: o 'estereótipo'. Silva (1999) entende esse conceito como uma forma na qual o sujeito se limita a poucos signos, como se fosse uma forma distorcida de uma 'realidade', abstendo-se do enfoque cultural e construído da mesma, sendo "ênfaticamente na representação mental. Nesse movimento individualizante, deixa-se de focalizar, precisamente, aquilo que na análise cultural é central: a cumplicidade entre representação e poder" (ibidem:52). Sílvia Duschatzky e Carlos Skliar (2001) problematizam o uso social do conceito do estereótipo, afirmando que o mesmo é uma das principais estratégias discursivas de representação, como uma modalidade de conhecimento e identificação que vacila entre aquilo que está sempre em um lugar já conhecido, ou melhor, esperado, e algo que deve ser ansiosamente repetido.

Importante ainda afirmar que, através do processo de representação, identificamos aquilo que somos e/ou desejamos ser e também a maneira pela qual percebemos os outros que nos cercam. As representações, nesse sentido, demarcam as formas de ser e de se perceber o outro, uma vez que há neles uma gama de atribuições a cada identidade. É importante lembrar que esse processo possivelmente possa ser conflitante, uma vez que, de certa forma, também somos 'escolhidos' e constituídos por determinados discursos mais que outros. Um dos fatores que pode interferir é a intensidade de um discurso se mostrar mais presente que outro. E, se não estamos na ordem do discurso mais recorrente para nos identificarmos, é possível que tenhamos conseqüências a enfrentar, principalmente por identificarmos quem somos a partir daquilo que não somos e, ainda, por aquilo que os outros dizem que somos. Hall (2002) afirma que a identidade surge do diálogo entre os conceitos que são representados por nós, pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo de responder aos apelos feitos por esses significados. Um exemplo desse processo de representação é uma propaganda televisiva, na qual mostra um pai e suas três filhas compartilhando momentos importantes do dia-a-dia, como o momento do banho, a hora de

dormir com contação de histórias, brincadeiras, compras, enquanto a mãe supostamente trabalha no computador em casa²³:

Gilberto tem paixão por flores. As suas preferidas são a Hortência, a Rosa e a Margarida. Margarida! As três sempre vão no Zaffari com ele. Como bom apaixonado, Gilberto adora cuidar das suas florzinhas. Tira os espinhos... E não esquece de regar a menorzinha. Depois do banho é a hora da inspeção: cada flor tem o seu cheirinho. A Rosa quase desmaia de tanto rir. Quem mandou ser a mais perfumada?Ufa! Está difícil de segurar o buquê inteiro. Agora é hora de levar outras flores para casa. Pra Ana... que não tem nome de flor, mas que deu vida a este jardim. Histórias assim acontecem por aqui. E é muito bom fazer parte delas.

Desse recorte poderiam se ressaltar: a felicidade da família em sustentar essa forma de relação entre pai e filhas; a presença do pai como meio para essa felicidade; embora a mãe seja mostrada em espaço privado, ela aparece trabalhando em um *notebook* enquanto o pai cuida dos outros afazeres com as filhas; a heterossexualidade demonstrada pela presença da mãe; a formação da familiar nuclear; a 'norma' branca e de classe média, etc. É interessante pensar de que maneira pais, mães e filhas/os se identificam (ou não) com as representações contidas nessa propaganda e de que modo é possível identificar os outros a partir do que foi apresentado. Assim, se resalta que propagandas como essa podem ser vistas como 'raras' (porque traz o pai numa função de 'cuidador', atuante e participativo), embora talvez não estejam totalmente 'fora' dos discursos recorrentes acerca da paternidade (por que a família se mantém filiada a um modelo mononuclear, branca, de classe média). Essas (poucas) rupturas mostram práticas que se distanciam de várias famílias, possibilitando uma problematização da delimitação deste ou daquele 'perfil aceito' de identidade familiar, sendo o exercício das identidades permeado por relações de poder (possíveis de serem percebidas em diversos discursos, entre eles, o recorte citado acima).

Sob essa ótica, é possível destacar novamente a estreita ligação entre discurso e saber/poder, uma vez que o sujeito produz e é produzido pelos discursos e, ainda, porque há determinadas vozes que tendem a anular outras tantas. Referente ao caráter produtivo do poder e sua aceitação, Foucault nos diz: "o que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que não pesa não só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso" (1990: 08).

²³ Veiculada pela rede de supermercados Zaffari/Bourbon nos meses próximos ao Dia dos Pais, Dia das Crianças e início da primavera, 2004. e 2005

Um desses discursos produzido e carregado de poder produtivo pode ser encontrado em *De Pai para Filho*²⁴, um “guia sobre as delícias e responsabilidades da paternidade” (ver apêndice 2) que, na sua introdução, já afirma:

Fazer de um menino um homem é um trabalho de homem. Desde o início dos tempos, cabe ao pai fazer de seu filho um sujeito responsável, bom, corajoso e digno. Meninos não vêm com instruções. Vêm, sim, com amor ilimitado e espírito aventureiro. Mas a jornada até se tornarem homens começa muito cedo, quando pela primeira vez olham para seus pais e pensam: ‘Quero ser como ele’ (2004: 8).

Alguns trechos desse guia (re) afirmam como os meninos devem ser educados para se tornarem homens:

Nunca se esqueça de que você não pode abraçar, acariciar ou beijar demais um menino pequeno. Lembre-se, meninos são como filhotes de leão: eles mostram afeto se abraçando, se engalfinhando e rolando uns por cima dos outros (ibidem:25).

Aceite o fato de que talvez ele brinque de boneca. Não quer dizer nada. Dê a ele de presente alguma coisa onde se pendurar – um trepa-trepa ou barras paralelas. Alguma coisa (ibidem: 12).

Incentive-o a convidar a lourinha para ir ao cinema (ibidem: 56).

Leve-o para tomar café da manhã na lanchonete no sábado. Deixe a mãe dele dormir até mais tarde (ibidem:31) [grifos meus].

As representações presentes nesse guia trazem discursos acerca da masculinidade, que demonstram ser necessário um investimento, desde muito cedo, para que o menino ‘saiba’ como deve agir para ‘ser um homem’. O espírito aventureiro, a expectativa de se espelhar no pai, o afeto dado de forma vigiada (pode abraçar, mas não muito), assim como a vigilância da masculinidade ao afirmar que ‘até’ pode brincar de boneca, mas é necessário oferecer algo para ‘exercitar’ o espírito aventureiro são caminhos da “jornada até se tornarem homens”. Ressalta-se, ainda, a necessidade de dar-lhe ‘alguma coisa’ que interesse mais, ‘qualquer coisa’... como se o mesmo não pudesse manter a vontade de brincar de boneca por muito tempo. Esses recortes evidenciam a construção da identidade de gênero, indo de encontro à idéia que o sujeito já ‘nasce’ menino ou menina, com suas preferências, por exemplo, bem delimitadas, como o primeiro excerto traz: “*Fazer de um menino um homem é um trabalho de homem*”. Outro aspecto refere-se ao investimento de

²⁴ Guia americano escrito por Harry H. Harrison Jr. (2004).

uma determinada masculinidade, no caso, heterossexual, passível de se reconhecer no trecho em que o pai deve incentivar o convite do filho à lourinha para ir ao cinema. Como reforça Luis Paulo da Moita Lopes (2002), a masculinidade hegemônica é uma construção social através da qual os homens aprendem a exercer a 'masculinidade'. Dessa maneira, assim como é determinado um 'tipo' de homem (heterossexual), deve haver também determinadas 'preferências', como a lourinha (e não qualquer mulher), e os brinquedos de agilidade e dinamismo físico (não qualquer jogo).

Além disso, as representações podem, de certa forma, ter 'tentado' romper 'barreiras' de gênero quando sugerem a ajuda que pai e filho devem dar à mãe, propiciando-lhe folga de preparar o café da manhã e 'deixando-a dormir até mais tarde no sábado. Os discursos presentes nesse material trazem duas perspectivas, quais sejam: a primeira diz respeito a uma 'natureza' masculina, como sendo puramente biológica e, assim, a norma pela qual todos os homens 'devem' guiar suas práticas, sendo a masculinidade e a heterossexualidade compreendidas como intrínsecas aos homens, isto é, a norma (Lopes, 2000); e por outro mostra os investimentos necessários na infância para os meninos desempenharem a masculinidade da forma vista como a (única) 'correta', ao que Lopes enfatiza: "a 'masculinidade' é imposta pela vida em família e pelos primeiros amigos, e a escola continua essa imposição" (ibidem:155).

É a partir dessa produção de sentidos e ações que os discursos, presentes nos textos, vão 'ensinando' crianças e adolescentes a respeito dos modos de ser, pensar e agir. Sob essa ótica, a literatura se torna significativa nesta pesquisa, dentre outros aspectos, por seu caráter de agente cultural, inserido em uma Pedagogia Cultural que instaura 'verdades' sobre determinadas identidades que os indivíduos possam ter.

1.3 Literatura Infanto-juvenil e Infância

O estudante lê para sentir-se ler, para sentir-se lendo, para sentir-se vivo lendo / Lê para tocar, por um instante e como uma surpresa, o centro vivo da vida, ou seu fora impossível / E para escrevê-lo (LARROSA, 2003:39).

Pretendo aqui ressaltar que, assim como a infância é construída social e historicamente, a literatura infanto-juvenil também o é; assim, a partir das leituras, a literatura vai tomando forma e os textos vão 'fazendo sentido' (e nós, leitores, também vamos 'fazendo' sentido e nos construindo através dessas interações). Como pontua Jorge Larrosa, a leitura "tem a ver com aquilo que nos faz ser o que somos" (2002:134). Visto por essa ótica, o que interessa neste trabalho são suas articulações possíveis com a produção de representações e identidades, além do seu caráter de artefato cultural e mercadológico e a presença consistente em espaços escolares e familiares atuais. Dessa forma, não é

propósito da presente pesquisa dissertar exaustivamente acerca dos diversos conceitos de literatura, bem como suas modificações históricas, ou a respeito dos primeiros textos direcionados ao público infanto-juvenil. Tampouco pretendo discorrer sobre de que forma os contos clássicos (inicialmente escritos para adultos) passaram a integrar a literatura para crianças ou problematizar a definição do que é ou deixa de ser literatura infanto-juvenil²⁵. O que se pode afirmar é que, como diz Marisa Lajolo, “um texto pode vir a ser ou deixar de ser literatura ao longo do tempo (...) Depende do ponto de vista, do significado que a palavra tem para cada um, da situação na qual se discute o que é literatura” (2001: 13;16).

A autora, ao discorrer sobre literatura (desde os primeiros achados literários até aquilo que na contemporaneidade é abarcada, por muitos, como literatura - músicas, pichações em muros, rimas de feira livre, etc.), afirma que antigamente o termo significava domínio das línguas clássicas, erudição, conhecimentos gramaticais, significados que reforçavam sua parceria com a escrita. Na Grécia Antiga foram localizadas aquilo que se instituiu como as primeiras reflexões sistemáticas sobre o que continuamos a chamar de literatura. Com o passar das épocas, a literatura foi sendo compreendida e utilizada de várias maneiras e, principalmente com os movimentos literários dos últimos séculos, (re) criando significados e representações do mundo, constituindo posições-de-sujeito e as formas de se ver a si e aos outros. Somente a partir do século XVIII a palavra literatura começou a ser empregada e compreendida com significados semelhantes àqueles que hoje ela nos sugere.

A edição de livros voltada para crianças, na Europa do séc. XVIII, aconteceu no período da ascensão da burguesia, com a percepção de que as crianças burguesas deveriam ser formadas, de modo que a elas deveriam ser ensinados comportamentos e atitudes, além de sedimentar ideologias de moralismo. No Brasil, a edição de livros para crianças ocorreu no século XIX com o início da Imprensa Régia, mesmo essa tendo que seguir exigências pedagógicas e ideológicas, com a preocupação em traduzir livros de sucesso na Europa, como as obras adaptadas dos Irmãos Grimm e os contos de fadas de Hans Andersen (AGUIAR, 2001).

A infância também teve seu caminho de construções e reconstruções. Neil Postman (1999) em seus estudos acerca da infância traz informações de como essa era percebida em diferentes tempos, desde o seu ‘surgimento’. Essa afirmação não significa dizer que antes não havia infância, e sim que não havia o que hoje se entende pela mesma. Na Idade Média, a criança tinha acesso ao ‘mundo’ adulto, não havendo restrições de espaços, companhias, percepções, compartilhando jogos, festas e histórias contadas oralmente.

²⁵ Para um estudo aprofundado sobre literatura, ver ABRAMOVICH (1995); ZILBERMAN (1982); BETTELHEIM (1996); COLOMER (2003); MACHADO (1999); COELHO (2002); CORSO, M., CORSO, D. (2006).

Postman traz também a informação de que a criança se tornava adulta, antes do surgimento da imprensa, tão logo conseguisse caminhar e se comunicar com as pessoas sem auxílio, não sendo necessário um estágio intermediário (por isso não havia, por exemplo, a literatura infantil), com um intuito de compreender o funcionamento do ‘mundo adulto’ e aos poucos se inserir nesse. Em contraponto, sob uma visão Moderna, enquanto as crianças se encaminham para a idade adulta, “revelamos-lhes esses segredos [do mundo adulto] da maneira que acreditamos ser psicologicamente assimilável” (ibidem: 29). Prevê-se a necessidade de educar as crianças e, então, há o surgimento de escolas para lhes ensinar algo, para inculcar valores, com o apoio de livros que ensinam ‘como fazer’, além de ‘colocar’ as crianças nesse novo mundo, ensinando-lhes o lugar que ‘deveriam’ ocupar naquela sociedade. Postman explica que

em lugar algum [há] referências à maneira de falar das crianças antes do século dezessete, quando começaram a se tornar numerosas. E por isso a maioria das crianças não ia à escola, já que não havia nada importante para lhes ensinar; a maioria era mandada embora de casa para fazer trabalhos subalternos ou servir como aprendizes. No mundo medieval a criança é, numa palavra, invisível (ibidem:33).

No século XVI, o surgimento da imprensa na Europa e da alfabetização socializada gerou uma outra definição de adulto e de criança, conseqüentemente, agora pautada na competência da leitura. Com isso, a definição de criança também se modificou. Nas palavras do próprio autor,

a tipografia criou um novo mundo simbólico que exigiu, por sua vez, uma nova concepção adulta. A nova idade adulta, por definição, excluiu as crianças. E como as crianças foram expulsas do mundo adulto, tornou-se necessário encontrar um outro mundo que elas pudessem habitar. Este outro mundo veio a ser conhecido como infância (1999:34).

O mundo letrado faz com que as crianças precisem transformar-se em adultos, e isso implica em aprender a ler para entrar no ‘mundo’ adulto, segundo o autor. Isso contribuiu para que a literatura infanto-juvenil surgisse, tendo uma função educativa, havendo, assim, uma concepção de criança vista e construída pelo adulto. Além disso, o pesquisador aponta para o desaparecimento da infância e para o ‘surgimento’ de um adulto-criança ou criança-adulto, a medida em que as fronteiras entre essas identidades estão se diluindo a cada dia, sobretudo com a informação eletrônica e os usos que se faz dela.

A infância e a literatura, assim, vêm se modificando conforme o espaço, tempo e culturas. Contudo, percebe-se no decorrer dos tempos que, em muitas situações, os livros continuam com o caráter de transmissão de valores com fins educativos nas tramas infantis.

Teresa Colomer aponta o quanto nos livros infantis está presente a maneira como “uma sociedade deseja ser vista, e pode-se observar que modelos culturais dirigem os adultos às novas gerações” (2002:14). Essa característica de ‘pedagogizar’, entre outras tantas características vinculadas à literatura, pode ser relacionada, dessa forma, ao enfoque moderno dado à criança. A partir do século XVI, a criança passou a ser percebida diferentemente do adulto, como um ser incompleto, um vir-a-ser adulto que necessitava ser potencializada, educada, civilizada para posteriormente ser ‘integrada’ ao ‘mundo’ dos adultos. Nesse sentido, muitas histórias infantis traziam/trazem as ‘morais’ e os ‘ensinamentos’ de como ser, agir e perceber os outros, como será possível verificar no próximo capítulo.

Lajolo (2001) traz em seu texto, referido anteriormente, a questão da imprevisibilidade de significados (outrora ‘fixos’ pelos movimentos e estilos literários, demarcados por cânones literários) e o “irreversível ingresso da literatura no reino da mercadoria”, que a modernidade ocasionou no século XX e que a pós-modernidade dá continuidade. Além disso, a autora ressalta a dimensão que assume, a partir da segunda metade do século XX, as produções até então “invisibilizadas e marginalizadas” a respeito de crianças, mulheres, negros e homossexuais, que passaram a ser lidas e escritas por eles e pelos outros grupos sociais (ibidem: 111).

Relacionado ao aprimoramento da literatura em seu caráter mercadológico e consumista, Rosa Hessel Silveira (2002a), em seu estudo sobre literatura, afirma que de 1980 para cá, os livros endereçados a crianças e a adolescentes, no mercado brasileiro, experimentaram um significativo desenvolvimento com o intuito de resolver o ‘problema’ da escassa leitura desse público (discurso da crise da leitura). Incentivados então a tomar para si o gosto pela leitura, crianças e adolescentes, bem como familiares e profissionais envolvidos com esses grupos, puderam verificar uma mudança advinda das editoras, ao desenvolver inúmeras ações para aumento de venda desse tipo de literatura. Livros mais atraentes esteticamente, espaços específicos em livrarias (com confortáveis tapetes e almofadas, contações de histórias, estantes baixas, com músicas ou vídeos endereçados a essas faixas etárias), mirabolantes estratégias de venda junto a escolas, lançamentos constantes de títulos infanto-juvenis, além de significativo espaço em feiras de livros²⁶.

²⁶ Como, por exemplo, na anual Feira do Livro de Porto Alegre/RS, em sua 51ª edição em 2005, a Ala Infantil foi ampliada e deslocada para um local próprio (Cais do Porto), com diversas editoras/distribuidoras, além de uma diversificada programação cultural, envolvendo teatro, oficinas, encontro com autores, etc. A feira foi visitada por aproximadamente 300 mil alunos (escolas públicas e particulares) de Porto Alegre e de outras cidades do Estado do RS, bem como por inúmeras famílias que buscam, entre outras coisas, criar/incentivar o hábito da leitura nas crianças. Foram 129.350 livros vendidos, quando no ano anterior, foram 70.495 – com um acréscimo de 83%, segundo o site www.feiradolivro-poa.com.br.

Essas práticas são formas de atrair atenções daqueles envolvidos com a educação, sobretudo as escolas, importantes consumidoras desse produto.

Além disso, a partir da segunda metade do século XX, segundo apontam os trabalhos de Jane Felipe (1999; 2000b; 2003) e de Alice Gabriel (2003), as crianças passaram a ser percebidas como consumidoras em potencial, surgindo uma gama de possibilidades de compra, a partir daquilo que se entende por 'mundo' infantil – brinquedos, jogos, roupas e acessórios, livros, entre outros artefatos. Cada vez mais esse público vem tendo 'autonomia' para escolher o que comprar e/ou participando do momento da compra, como pode ser percebido na maioria das propagandas atuais, dirigidas diretamente a esse público, enquanto que as de algumas décadas atrás eram dirigidas aos pais, mães ou responsáveis²⁷.

Acerca dessas questões, David Buckingham (2002) afirma que atualmente as crianças são tratadas cada vez mais como consumidores e que o mercado infantil é um centro de competência comercial cada vez maior, sendo mais provável encontrar uma variedade de tecnologias de consumo nas famílias que têm crianças do que nas que não têm. O autor sugere que essa nova valorização poderia ser compreendida como um valor compensatório, como os pais “em geral passam menos tempo com seus filhos, concedem um maior valor ao tempo que lhes dedicam (...) o 'tempo de qualidade' [também] se converte em mercadoria” (ibidem:80) [grifos do autor].

Assim a decisão da compra passa a ser também de crianças e adolescentes, cabendo-lhes convencer os adultos dessa ação. Em relação aos livros infanto-juvenis, os seus autores têm que trabalhar com a condição de 'agradar' as crianças e os adultos ao mesmo tempo. Teresa Colomer denomina isso de duplo destinatário e complementa

nossa cultura, ou mais especificamente, as distintas instâncias que cercam a edição para crianças, declara que o material de leitura é crucial para o seu desenvolvimento e o bem-estar mental e pressionam os autores para que elaborem textos que agradem às crianças, mas que, ao mesmo tempo, obtenham o beneplácito dos adultos enquanto textos de leitura para a infância. Assim, os autores devem comprometer-se com dois destinatários, que podem diferir em seus gostos e em suas normas de interpretação do texto (2003: 164-165).

Essa participação efetiva das crianças e jovens nas decisões de compra e como destinatários de mercadorias e de suas respectivas propagandas é proveniente das invenções contemporâneas, enfatizando a criança como um ser de direitos, uma vez que as infâncias e juventudes vão sendo construídas conforme os ideais culturais e temporais.

²⁷ Entendo aqui autonomia como uma autonomia de consumo, uma liberdade regulada que disponibiliza às crianças o poder de compra, ou ao menos, do que será comprado.

O destinatário contemporâneo, segundo Colomer (2003), pode ser percebido como uma criança ou jovem leitor integrado em uma sociedade alfabetizada; familiarizado com os sistemas audiovisuais; que se incorpore às correntes literárias atuais; cuja idade aumenta e, junto, sua possibilidade de interpretação e abstração, daí o surgimento, de certa forma recente, da estratificação dos livros por faixa etária. Em função dessas percepções que vão tomando formas e rumos diferentes a cada tempo, espaço e cultura, a Literatura Infanto-juvenil é conduzida para uma diversificação e inovação no que diz respeito a modelos literários e formas de apresentação (texto, imagem, material de que o livro é feito), como maneira de acompanhar as reconstruções de infância e de juventude.

Embora haja um número reduzido de espaços e interesses para livros infantis articularem masculinidade e sexualidade, alguns títulos que se propõem a problematizar a masculinidade e a feminilidade estão circulando cada vez mais nas famílias e escolas²⁸, abrindo, assim, uma possibilidade de se pensar no caráter construído daquilo que vamos ‘aprendendo’ no processo de constituição das nossas identidades de gênero.

A partir das décadas de 70/80, numa fase pós Monteiro Lobato, muitos autores, além de ‘herdarem’ de Lobato a reflexão crítica, o bom humor e a linguagem inovadora, também sofreram influência de alguns movimentos sociais, dentre eles, o feminista. Assim, agregou-se também, em determinadas produções literárias infantis, uma visão mais questionadora em relação à ‘responsabilidade’ do/a autor/a em problematizar uma sociedade caracterizada como sexista, desestabilizando ‘verdades’ acerca do feminino e do masculino (SANDRONI, 1987).

Em relação às identidades sexuais, essas parecem ser pouco visíveis nos livros infanto-juvenis em geral, ou seja, a norma heterossexual se faz presente mesmo quando ausente. Através dos textos e imagens se percebe a visibilidade heterossexual nos personagens da maioria das tramas, sendo pouquíssimos os livros que se propõem a trabalhar com a temática de outra sexualidade que não a heterossexual²⁹. Frequentemente, esses livros têm pouca circulação, seja pelas editoras que não possuem um mercado amplo de divulgação, seja pelo pouco interesse dos consumidores (famílias, escolas) a respeito dessa temática, provavelmente pela ‘necessidade’ de (re)produzir a sexualidade tida como ‘normal’ (heterossexual). Guacira Lopes Louro nos fala do ocultamento ou a negação dos/as

²⁸ A título de exemplificar, poderiam ser citados os livros: *Faca sem ponta, galinha sem pé*, de Ruth Rocha (2004); *Menino brinca de boneca?*, de Marcos Ribeiro (1996); *Por que meninos têm pés grandes e meninas têm pés pequenos?*, de Sandra Branco (2004); “O menino que brincava de ser”, de Georgina Martins (2000).

²⁹ Exemplo de livro que se propõe a tratar da homossexualidade: “Menino ama menino”, de Marilene Godinho (2000).

homossexuais pela escola, e os pensamentos da autora podem também ser remetidos aos livros:

Ao não se falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda “eliminá-los/as” ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas “normais” os/as conheçam e possam desejá-los/as. Aqui o silenciamento – a ausência da fala - aparece como uma espécie de garantia da “norma” (1998: 67-68). [grifos da autora]

Referente a essas (poucas) obras que tratam de uma sexualidade não heterossexual, é possível encontrar editoras e autores/as que buscam ampliar as temáticas dos livros trazendo à tona assuntos pouco discutidos, dentre eles, a homossexualidade. No livro *Na minha escola todo mundo é igual*, de Rossana Ramos (2004), além das crianças portadoras de deficiências, o livro procura abordar as diferenças de etnia, origem, tipo físico e sexualidade, exemplificado pelo trecho a seguir: *“Tem um que a gente sabe/Que gosta do outro igual/E daí, qual é o problema?/O que importa é ser legal.”* Outro livro que traz personagens homossexuais, tanto femininos, quanto masculinos é *“Mamãe nunca me contou”*, de Babette Cole (2003), que traz o seguinte trecho: [Mamãe nunca me contou] *“por que algumas mulheres preferem se apaixonar por mulheres... e alguns homens namoram outros homens?”*.

As significações que articulamos à sexualidade e ao corpo são construções sociais, sustentadas “por uma variedade de linguagens que buscam nos dizer o que o sexo é, o que ele deve ser e o que ele pode ser” (WEEKS, 2000:43). Assim, os livros, como outros artefatos, trazem representações que definem determinados discursos sobre sexualidade e sexo, de forma que alguns desses sejam recorrentes enquanto outros não apareçam praticamente, num jogo de poder e saber que busca reforçar o que os sujeitos ‘devem ser’ e como ‘devem agir’ frente às identidades que assumem/se subjetivam. No capítulo a seguir veremos como os pais e suas relações familiares se configuram a partir de diferentes representações.

2. OS PAIS NAS TRAMAS INFANTO-JUVENIS

Nenhuma linguagem é neutra, nenhuma linguagem “brota da natureza”... Ela é marcada pelas contingências pragmáticas, pelas práticas dos sujeitos que a criam e recriam continuamente (SILVEIRA, 2002: 20) [grifos da autora].

As obras analisadas foram organizadas em função da temática paternidade, como foco principal e/ou secundário nas tramas. Para tanto, foram reunidos, num primeiro momento, trinta e quatro livros de literatura infanto-juvenil de diversos/as autores/as e editoras, de 1988 a 2004 (ver apêndice 3), e desse grupo foram analisados trinta, com o propósito de articular de que forma as representações paternas vem sendo reafirmadas através das narrativas literárias³⁰. Os quatro livros restantes não se integraram às análises pela escassa informação sobre representações paternas. É importante destacar que, assim como são relevantes as obras reunidas para esta pesquisa, também seria interessante uma outra pesquisa que contemplasse os personagens pais das obras clássicas e de outros mais recentes e tão conhecidos³¹, como o pai da Branca de Neve, corrompido pela presença da rainha; o pai de João e Maria que abandona seus filhos na floresta; os pais da Mafalda, a menina feminista; entre outros que também serviriam de uma ‘valioso’ corpus de pesquisa. De qualquer maneira, esses materiais fugiram de um dos motivos pelos quais os trinta livros foram analisados: estes últimos são livros que circulam nas livrarias, lares e famílias sem, necessariamente, haver uma grande influência da mídia sobre eles, como ocorre com os contos clássicos, por exemplo.

O grupo maior (trinta e quatro livros) foi reunido através dos exemplares disponíveis em algumas livrarias, bibliotecas de escolas e bibliotecas infantis públicas, localizadas em Porto Alegre. O movimento de reunir os livros cujas temáticas levavam à paternidade não se deu de forma tranqüila, uma vez que foi necessário ‘garimpar’, dentre os milhares de exemplares publicados no Brasil, aqueles que traziam as relações entre pai e filhos/as para o enredo da história, uma vez que as obras infantis não são, na maioria dos espaços, organizadas por temática e sim por editora ou indicação de faixa etária.

No que diz respeito à quantidade e à centralidade dos/as personagens nos momentos deste ‘garimpo’, os pais tendiam a aparecer de forma discreta, quase não se envolvendo com as tramas principais; poucas obras foram encontradas com o pai

³⁰ Narrativa é compreendida nesta análise como a história contida no livro infanto-juvenil, com seus personagens, fatos que se encadeiam no tempo e por algum tipo de relação, podendo ser atravessada por diferentes discursos.

³¹ Contos A Branca de Neve e João e Maria, dos irmãos Grimm; Mafalda, de Quino (1999).

participando do enredo principal, se for levado em consideração o número de publicações voltadas para o público infanto-juvenil. Esta 'escassa' aparição da figura paterna em muitas tramas infantis vai ao encontro do que Roberto Sotelo e Eduardo Gimenez, em suas pesquisas no projeto *¿Qué modelos transmiten los libros infantiles?*, realizado na França, Itália e Espanha, em 1996, afirmam³²:

O pai mais representado nos livros infantis é o pai ausente: supõe-se que existe, já que se vê uma casa confortável, uma mãe sem profissão e crianças bem vestidas e bem alimentadas. Mas não é visto freqüentemente (2000:3) .

Frente ao entendimento de perceber a linguagem como algo produzido pelos sujeitos e possível de produzir a eles mesmos, como nos pontua a epígrafe deste capítulo, surgiu o movimento de perceber de que forma as identidades paternas estão sendo narradas, então foram delimitados trinta exemplares nos quais havia recorrentes informações sobre paternidades e masculinidades importantes de se ressaltar acerca dos discursos encontrados em textos e imagens dos livros reunidos. Além de serem explanadas essas e outras questões, como o endereçamento das obras, características específicas quanto à origem dos livros e sua apresentação estética, a estruturação de família, a profissão dos pais, também foram levantados quatro grandes grupos de análises. Esses se estruturaram nos seguintes focos analíticos: **2.1 'Papai é mesmo incrível': da idolatria ao pai;** **2.2 'Os dois se abraçaram forte': dos afetos e cuidados de pai;** **2.3 Pais 'visíveis e invisíveis': das presenças e ausências paternas;** **2.4 E as mães? Da figura materna quando ausente.**

Os livros não necessariamente prender-se-ão a um único foco analítico, podendo circular entre diferentes análises sem fronteiras fortemente fixadas. Assim, um mesmo livro poderá, por vezes, trazer discursos conflitantes entre si e/ou simplesmente trazer características possíveis de se encaixar em mais de um aspecto de análise.

Antes de me deter nos focos analíticos, é importante que sejam levantadas outras considerações sobre questões relevantes que envolvem a sexualidade, uma vez que as representações recorrentes nesses materiais praticamente não abriram possibilidades de a paternidade não ser heterossexual. Como afirma Ruth Sabat,

em nossa sociedade a heterossexualidade é a sexualidade normativa. Nesse sentido, a educação funciona, também, para naturalizar identidades de gênero e sexuais através de múltiplas estratégias [...] o processo de representação, de produção de identidades, de constituição do sujeito não

³² Tradução nossa do original: "El padre más representado em los álbumes es el padre ausente: se supone que existe, ya que se ve una casa confortable, una madre sin profesión y unos niños bien vestidos y bien alimentados. Pero no se le ve frecuentemente".

é realizado de uma vez por todas; pelo contrário, é necessário um processo de representação contínua (2004: 98).

Foi encontrado apenas um livro (*O livro da família*, de Todd Parr -23)³³ que trouxe a possibilidade do pai não ser heterossexual ou ser pai solteiro (embora não fique claro se foi por escolha do mesmo). Nos demais títulos, não foram encontradas margens para o pai ser homossexual, bissexual, nem pai solteiro por opção, na medida em que o pai 'deve' ser um modelo de masculinidade para



os/as filho/as, sobretudo para os meninos. A obra referida acima é proveniente dos Estados Unidos e traz uma série de possibilidades de constituições e características familiares. Em relação à sexualidade de pais e mães ou sobre a situação de guiarem a família sozinhos, há o seguinte trecho: “*Algumas famílias têm duas mães ou dois pais. Algumas famílias têm só pai ou só mãe*”. Essas rupturas (nas representações de família) tendem a também se tornarem mais visíveis quando passam a ser vistas em diversos artefatos culturais, não só em revistas e televisão, mas também em livros infanto-juvenis, como o citado acima. Fonseca destaca que, mesmo que o Estado e/ou a Igreja tenham o propósito de promover a família legalmente constituída, há outras “forças normatizadoras” agindo (1995b:84):

Em qualquer grupo, as fofocas vão tecendo hipóteses, inventando padrões e, afinal, estabelecendo limites. Atualmente, a comunicação de massa também ajuda a divulgar informações e padronizar comportamentos. A relação homossexual é um exemplo por excelência desse processo. Essas relações escapam, em grande medida, ao controle estatal, mas permanecem, pelo seu caráter ‘assumido’, sujeitos à padronização pelo mercado (ibidem:84-85). [grifos da autora]

Tomando, então, a literatura como um espaço privilegiado de circulação de discursos, importa perceber que identidades paternas estão sendo narradas, tornando-as, provavelmente, fontes de referências identitárias. Diante de tantas formações familiares diferenciadas que se encontram em nossa sociedade atual, vale problematizar de que forma as famílias e as figuras paternas são articuladas, nas histórias narradas, em relação à interação entre pais e filhos/as.

Em relação à produção dos livros analisados, grande parte foi produzida no Brasil e escrita por autores brasileiros. Oito livros são estrangeiros: um da Austrália - *O homem que amava caixas* (15); dois dos Estados Unidos - *Papai nunca mais voltará para casa?* (14) e *O livro da Família* (23); um da Alemanha - *O urso que queria ser pai* (10); quatro da Inglaterra

³³ Os livros analisados serão acompanhados de uma numeração de identificação, a ser encontrada tanto nas Referências quanto nos Anexos, a fim de facilitar o leitor na localização das obras. As páginas dos livros infanto-juvenis não serão citadas uma vez que a maioria dos títulos destinada a essa faixa etária não dispõe de numeração em suas páginas.

– *Meu pai é um problema* (8), *Tanto, tanto!* (09), *Você não consegue dormir, ursinho* (29) e *Você e eu* (30).

Os livros apresentam-se, em sua maioria, em forma de narrativa clássica (na concepção mais recorrente de contar uma história em específico com: situação inicial, problema, consequência, solução, situação final). Há um livro em forma de história em quadrinhos com diálogos em curtas tramas (Livro *Paiêê!* - 22) e dois outros que não trazem uma situação-problema nem uma situação em particular e, sim, descrições e explicações acerca de dimensões diversas sobre a paternidade e sobre a família, respectivamente (Livro *Pai* – 19 e *O Livro da família* - 23). Provavelmente por esses livros não conterem uma estrutura de narrativa é que os mesmos podem apresentar algumas possibilidades de paternidade e variações familiares, não se prendendo a uma única representação de identidade (paterna e familiar).

Quinze livros são endereçados aos leitores iniciantes, trazendo textos mais curtos e quantidade significativa de imagens. São eles, conforme numeração de identificação: *Uma surpresa pro papai* (4); *Meu pai é um problema* (8); *Tanto, tanto!* (9); *O urso que queria ser pai* (10); *Acampando com papai* (11); *Meu dentinho, seu dentão* (12); *O homem que amava caixas* (15); *Papai contos* (16); *Cara de um, focinho de outro* (18); *Pai* (19); *Paieê!* (22); *O Livro da família* (23); *O menino Nito* (25); *O pé do papai* (27); *Você e eu* (30). Outros quinze são direcionados a crianças e jovens com maior desembaraço na leitura, favorecendo a presença de mais texto e menos imagens, quais sejam: *Pai que é mãe* (1); *Maria Poliana* (2); *Presente de Pai* (3); *Só meu pai sente saudade* (5); *Um pai de verdade* (6); *O pai que era mãe* (7); *Lucas* (13); *Papai nunca mais voltará para casa?* (14); *Pai sabe tudo e muito mais* (17); *Beijos Mágicos* (20); *O que é que eu faço agora?* (21); *Ouvindo as conchas do mar* (24); *Ver de ver meu pai* (26); *O dia de ver meu pai* (28); *Você não consegue dormir, ursinho?* (29).

A maioria dos títulos possui cores, desenhos e letras atraentes, além da qualidade da impressão e materiais utilizados. Vinte e cinco livros (das trinta obras) trazem seres humanos como personagens, um título (*Papai Contos* - 16) traz seres com formas circulares, três títulos (*O Urso que queria ser pai* -10; *Você e eu* -29; *Você não consegue dormir ursinho?* -28) trazem animais (no caso, ursos), e um título (*O livro da Família* – 23) ora traz seres humanos ora animais como personagens. Segundo Colomer, as narrativas de animais derivam diretamente das fábulas e sua forte presença decorre, dentre outros aspectos, de utilizar animais como “personagens humanizados para descrever a sociedade humana nos livros para crianças pequenas” (2003:190).

Sobre as profissões paternas encontradas nos livros, a maioria segue os padrões sociais instituídos como masculinos: pescador (Livro *Ouvindo as conchas do mar* - 24), publicitário (Livro *O pai que era mãe* - 7), cientista (Livro *Meu pai é um problema* - 8).

Ainda há a menção de escritórios e serviços burocráticos em livros que não explicitam a profissão do pai. Tem também os artistas plásticos, como o pai que usa 'rabo de cavalo', fuma e bebe (Livro *O que é que eu faço agora?* - 21), aventureiros (Livro *Lucas* - 13; Livro *Só meu pai sente saudade* - 5) e artesão (Livro *O homem que amava caixas* - 15) com o pai de cabelo branco e óculos, profissões essas que se vê em menor número que as oficialmente burocratizadas e reconhecidas socialmente.

Assim, além dessas últimas profissões que não se encaixam em um padrão social que acompanha a masculinidade 'tradicional', na qual as profissões paternas devem ser advindas dos campos práticos, de tomadas de decisões e de chefia, o Livro *Pai* (19) também considera outras possibilidades de profissões que, de certa forma, se desviam do 'mundo' racional, assim como características físicas 'diferenciadas', como cabelo comprido e estilo mais 'despojado' (Livro *Lucas* - 13):



Tem pai que faz poesia. Tem pai que toca violão (...) Pai que pinta quadros, pai que pinta a casa. (Livro *Pai* -19)

O velho é artista, surfista, skatista, pára-quedista, malabarista... (Livro *Lucas* - 13)

Ele é artista plástico e coça a cabeça quando digo isso a ele. (Livro *O que é que eu faço agora?* - 21)

Ele é alto e usa rabo-de-cavalo. Usa calças de veludo cotelê e camisa de flanela listrada. (Livro *O que é que eu faço agora?* - 21)

E o homem amava caixas (...) era perito em fazer castelos e seus aviões sempre voavam. (Livro *O homem que amava caixas* - 15)

Qualquer homem desengonçado ou de óculos escuros me lembrava ele [pai]. (Livro *Só meu pai sente saudade* - 5)



As imagens, compreendidas como linguagens visuais, são um fator extremamente significativo em se tratando de Literatura Infanto-juvenil, uma vez que podem produzir outras leituras do texto (usualmente simples para fácil compreensão), contar o enredo da história ou destacar um fato importante da mesma e as características de seus personagens, quando não conta a história por si só, no caso dos livros só de imagens e dos livros nos quais as imagens ‘falam’ mais que as palavras. Vera Aguiar afirma que “quanto menor o leitor, maiores são as letras, e mais espaço é dado à ilustração. À medida que ele cresce, aumenta a quantidade de texto e diminuem os efeitos visuais” (2001:64). Também ressalta-se o teor de sedução das imagens, uma vez que o livro ‘se’ vende muito pela aparência e pelas imagens folheadas num primeiro contato entre o livro e seu leitor (possível comprador).

Sobre as ilustrações, o ilustrador Luis Camargo (1995) ressalta algumas funções das mesmas, como sugerir uma idéia não-dita; narrar uma ação; expressar emoções; descrever cenários; objetos e personagens; pontuar o texto no seu início, meio e fim.

A escritora Marisa Mokarzel (2000), também pesquisadora sobre o espaço gráfico e ilustração, lembra que essa última se tornou mais ousada e houve uma maior preocupação com a estética dos livros no Brasil a partir da década de 80, quando os livros infanto-juvenis passaram a ser percebidos em seu teor mercadológico e pedagógico. Assim, os ilustradores passaram a pesquisar sobre novas formas de dialogar com os textos, e são compreendidos pela autora também como autores, tanto quanto os escritores o são, uma vez que criam histórias na seqüência de imagens, ‘interpretam’ o verbal e o traduzem para a visualidade. Além disso, a autora entende a ilustração como figuras provenientes do imaginário do ilustrador, tendo como referência o texto ou a sua imaginação própria. Dessa forma, as imagens junto ao texto compõem o livro. A ilustração muitas vezes é expressa, segundo a autora, através de imagens seqüenciais que narram uma história. Com freqüência essas são figurativas, não advindas somente dos ‘modelos’ considerados do ‘mundo real’, mas também do imaginário fantástico baseado no texto do livro ou do próprio ilustrador. As imagens tendem a seguir uma seqüência nos livros infanto-juvenis, como uma leitura quadro a quadro; e os desenhos são compostos por elementos que ilustram essa seqüência não só em um quadro, mas na passagem para outro, de uma página para outra. Nos livros analisados nesta pesquisa nem sempre as imagens configuram-se quadro a quadro, não seguindo, muitas vezes, uma linearidade ou a seqüência do texto escrito. Mokarzel afirma:

O ilustrador empresta o seu olhar à narrativa, usa códigos próprios, sem repetir o que é narrado pela palavra... Por isso é sempre bom reafirmar que o ilustrador mesmo quando trabalha junto com o escritor é também um autor. Ele narra através de suas ilustrações, torna possível um novo tipo de leitura (2000: 4).

Susana Rangel Vieira da Cunha, ao examinar como as imagens, no contexto educacional, produzem visões sobre o mundo, afirma que nossas identidades vão compondo-se, em grande parte, através dos diálogos com as representações imagéticas que estão em torno dos nossos atos e pensamentos. A autora utiliza os Estudos da Cultura Visual³⁴ argumentando que essa abordagem

analisa como o universo visual (aquilo que se vê) e a visualização (os modos de ver as tecnologias da visão) estão nos constituindo. Muito mais que focar os artefatos visuais, a Cultura Visual se preocupa em como as imagens são produzidas, distribuídas e utilizadas socialmente, como uma prática cultural que produz e negocia significados (2004:46).

Aliadas às idéias dos autores acima, poder-se-ia ressaltar a compreensão de que as imagens são carregadas de sentidos, são textos que falam por si, sugerem percepções acerca de algo ou alguém. Às vezes, inclusive, são contraditórias ao texto escrito, deixando para o leitor elaborar sua compreensão baseada nas informações (visuais e/ou escritas) contidas no livro.

Do grupo de livros reunidos, nenhum possui somente imagens, sendo essas acompanhadas ora por pequenos textos, ora por textos um pouco mais longos. Além disso, as imagens se apresentaram, de certa forma, 'fiéis' aos textos. Foi recorrente as imagens veicularem representações de como o pai 'deve ser', desde o homem com roupa social e pasta de trabalho chegando em casa com ar de estafa (Livro *Meu dentinho, seu dentão* – 12); o pai e o 'seu tamanho' em relação ao móvel da casa (Livro *O pé do papai* – 27); a figura paterna e sua estrutura física que emana proteção e segurança (Livro *Só meu pai sente saudade* – 5); o pai 'multifuncional', ou seja, que saiba fazer 'muitas coisas' (Livro *Pai* – 19), além dos triviais presentes para o Dia dos Pais, aspectos esses possíveis de



³⁴ Para um aprofundamento em Cultura Visual, ver: MIRZOEFF, 2003; HERNÁNDEZ, 2000.

serem percebidos nas imagens e nos seguintes trechos dos livros:

- Com certeza pai se preocupa com todas essas coisas porque tem que saber de tudo. Ele sabe trocar lâmpada queimada, consertar ferro de passar roupa [...] trocar pneu do carro. (Livro *Pai sabe tudo e muito mais* - 17). [grifos meus]
- Pai que troca lâmpada. Troca pneu. Tem pai que sabe matemática e ajuda no dever de casa (Livro *Pai* - 19).
- O pé do papai é o melhor lugar para sentar, mesmo se for de costas [...] O pé do papai, tamanho 42, tem bastante espaço para eu sentar e passear. (Livro *O pé do papai* - 27).
- E se ele preferir um livro ou um disco? Pode ser uma caixa de ferramentas (Livro *Uma surpresa pro papai* - 4).
- Pegar uma roupa emprestada do pai, sapato, meia, gravata [...] e ir pra escola (Livro *Presente de pai* - 3).



Dessa maneira o homem e o pai carregam um ‘dever-ser’ que lhes impõe, em diversas situações, a multifuncionalidade de saber resolver e lidar com situações cotidianas de tomadas de decisões e resolução de problemas, desde a troca de uma lâmpada queimada até a decisão final do que é importante para o bem-estar familiar. É exigido que os homens tenham muitas capacidades atribuídas, que a



‘competência’ (obrigatória) masculina se ressalte em relação à ‘incompetência’ feminina de não saber fazer muitas coisas, e é claro que, sendo pai, essa exigência se torna ainda mais evidente.

Felipe (2000a) em sua tese de doutorado, em que analisa o governo de mulheres e crianças em relação aos jardins de infância em Porto Alegre na primeira metade do séc. XX, mostra o quanto a educação era distinta entre os gêneros, sobretudo nos manuais de civilidade e boas maneiras difundidos nos séculos XIX e XX. Para as mulheres a educação era pautada na religião, na moral e na idéia de servir, enquanto para os homens a educação era envolta de coisas práticas, concretas, direcionada aos negócios e ao “combate do mundo”; o masculino era colocado em lugar de maior prestígio e visibilidade social. Essas idéias da Modernidade ainda são percebidas em muitas formas de educar na contemporaneidade, como em alguns discursos presentes em artefatos culturais, por exemplo, delimitando que todos os homens ‘concretizem’ e se valham das mesmas características atribuídas (e esperadas) para um homem.

Uma dessas características é o físico imponente, que traz consigo idéias de proteção e segurança. O pai ter um pé tamanho 42 (Livro *O pé do papai* – 27) sugere que ele é, sem dúvida alguma, ‘capaz’ de proteger sua prole. Nesse sentido, um pai baixinho, com pé pequeno, levaria desvantagem, visto que seu tipo físico não carrega, de imediato, noções ‘masculinas’ de força. Kathryn Woodward afirma que

a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (2000: 17).

Essas representações sobre paternidade produzem significados de como os homens devem ou não agir/pensar/sentir, posicionando-os como sujeitos com determinadas características em detrimento de outras. Assim vão se articulando as elaborações de como deve ser o pai/homem nesse momento de tempo e espaço social.

Colomer (2003), em sua extensa pesquisa (realizada na Espanha) sobre a literatura infantil e formação do leitor literário, na qual foram analisadas 150 obras destinadas às faixas etárias entre cinco e quinze anos, apontou, entre outras questões, os novos problemas familiares existentes nas tramas: situações familiares que se afastam da prototípica (adoção filial, famílias monoparentais – mães solteiras ou abandonadas pelo marido -, processo de divórcio dos pais); e crítica das atitudes paternas (grau de proteção dos pais em relação aos filhos, tanto pelo excesso quanto pela ausência). Em relação à paternidade e as relações familiares, a pesquisadora nos diz:

além do desajuste no grau de proteção, também se critica a incapacidade paterna de oferecer uma relação que corresponda aos modelos preconizados pelos novos valores: a hierarquia legitimada por uma autoridade moralmente adquirida e não por uma simples posição familiar, assim como a defesa da comunicação e da proximidade entre crianças e adultos nas atitudes e valores adotados ante a vida (...) mais que moldar a conduta dos filhos, as obras da narrativa infantil e juvenil atual parecem empenhadas, neste ponto, em fazer-lhes saber como deveriam ser seus pais (2003: 271). [grifos meus]

Nos livros aqui pesquisados também ficou visível o quanto as crianças (e os familiares que lêem os livros para elas) ‘aprendem’ um jeito ‘certo’ de ser pai e de ser homem, seja pelas falas dos personagens pais, seja pelas leituras que fazem dos mesmos nas tramas. Muitas vezes os livros trabalham com um duplo destinatário, como afirma Teresa Colomer (2003), uma vez que as histórias destinam-se num primeiro olhar às crianças e aos jovens, mas também se destinam aos adultos que irão comprar ou ler o livro junto aos infantes. Assim, a trama deve ‘agradar’ (social e moralmente) a ambos, uma vez

que estão presentes vários discursos e representações nas páginas dos livros, como as de masculinidade e paternidade:

Imagine uma pessoa de gravata..., camisa branquinha...um belo par de sapatos... os outros respeitam mais uma pessoa vestida assim (fala do pai no Livro *Paieé!* - 22).

Aos domingos quando faz sol somos companheiros de futebol. E quando a gente volta para casa ajudamos a mamãe a arrumar a mesa (fala do filho no Livro *Papai Contos* - 16).

E ele (pai) era um rio de margens largas, de onde a gente espiava o mundo que cabia nos seus olhos (fala do filho no Livro *Ver de ver meu pai* – 26) [grifos meus]

O pai é percebido, dentre outras formas, como uma imagem de respeito. Segundo José Luiz Dutra a vestimenta masculina diz muito sobre sua identidade. Para tanto, o autor analisou livros de dois consultores de moda: “Nas informações extraídas [...] a roupa aparece como um artifício ao qual se recorre com o objetivo de sublinhar velhas características esperadas na identidade masculina” (2002: 374). O homem que emergiu do quadro oferecido pelos consultores busca, acima de tudo, informar que ele “é responsável, maduro, sério, respeitável. Se o fato de ser *sexy* é sinônimo de feminilidade, ser sério é sinônimo de masculinidade”, ao que ainda pontua: “Seriidade e austeridade são qualidades recorrentemente apontadas para designar um *look* masculino recomendável” (ibidem:374).

Além de uma imagem séria e respeitosa, o pai também é percebido como companheiro, incansavelmente divertido nos momentos de folga, inteligente, o responsável por mostrar o ‘mundo’ aos/às filhos/as, além de ser jogador de futebol. Em relação a esse esporte, Alex Fraga ressalta ser um prática de “forte tradição masculina” (2000:125), como uma ‘prova’ de virilidade e de masculinidade indiscutíveis. Poder-se-ia, ainda, destacar o ato de ‘auxiliar’ a mãe como uma possível ruptura se relacionado aos discursos ‘tradicionais’ da masculinidade, no qual o ‘mundo’ doméstico é voltado somente para a figura feminina e no qual o homem não se envolve de maneira alguma.

Assim, as histórias infanto-juvenis e o ato de contá-las legitimam determinados sentidos e relações de poder em contextos específicos ao posicionarem uns personagens em relação aos outros, da mesma maneira que posicionam os personagens em relação aos interlocutores. Segundo Luis Paulo da Moita Lopes (2002), as narrativas são instrumentos que usamos para fazer sentido do mundo à nossa volta e, portanto, de quem somos neste mundo.

No conjunto dos livros analisados as estruturas familiares assim se apresentam: 12 livros trazem famílias nucleares, 10 trazem pais separados, 7 não envolvem a figura

materna, somente a paterna, e 1 traz diferentes opções de configuração familiar. Dos casais separados, 4 livros trazem crianças morando só com os pais, seja porque as crianças vêm as mães de vez em quando, seja porque a mãe decidiu ir morar em outro país e abdicar de sua 'responsabilidade materna diária'. Com isso, é possível inferir que, se por um lado a família nuclear ainda é bastante presente como 'ideal de estrutura familiar', por outro lado, várias abordagens estão sendo levadas em consideração no que diz respeito à paternidade, mesmo que não tenha surgido ou sido ressaltada a idéia de o pai 'desejar' de imediato ficar com o/a filho/a, e sim, uma 'necessidade' em alguns casos e, em outros, sem uma explicação sobre isso. No item 2.3 será explorada a questão da figura paterna ser mais visível nas tramas a partir das décadas de 80/90 no Brasil em função, provavelmente, do aumento considerável de divórcios e separações judiciais. É importante considerar que as estruturas familiares apresentadas trazem mais livros com família nuclear (12) que os de pais separados (10) no grupo selecionado dessa época para frente, embora haja outros (7) que nem trazem a figura materna. Com isso é possível afirmar que as separações abriram um campo de visibilidade para a figura paterna: num primeiro momento como resolução da situação-problema da criança compreender e conviver com sua nova configuração familiar, para num segundo momento surgir a presença paterna em outros enredos.

O *Livro da Família* (23), além de demonstrar a possibilidade não heterossexual dos casais, traz também a variação familiar iniciando cada página por "*Em algumas famílias*" ou "*Algumas famílias*", ilustrando então diferentes formas de ser uma família e, com isso, diversas possibilidades de o/a leitor/a identificar a sua em algum dos exemplos dados. Isso não significa, obviamente, que o livro tenha contemplado todas as possíveis organizações familiares, mas, de uma forma ou de outra, traz configurações diferentes da mononuclear tão conhecida por todos. "*Em algumas famílias, uns moram perto dos outros. Em algumas famílias, uns moram longe dos outros*"; "*Algumas famílias têm madrasta ou padrasto e irmão-postiço ou irmã-postiça. Algumas famílias adotam filhos*"; "*Algumas famílias moram em sua própria casa. Algumas famílias dividem a casa com outras famílias*".

Além disso, as características de cada integrante da família também demonstram que há diferenças entre os familiares, que nem sempre todos são parecidos, como "*em algumas famílias, todos são de cores diferentes*". O livro é enfático em trazer a idéia de afeto e união de qualquer família, seja como ela for. Diferente de como iniciam todas as frases dos livros ("*Algumas famílias*"), há os seguintes trechos: "*nas famílias, todos gostam de abraçar uns aos outros*"; "*todas as famílias ficam tristes, quando perdem alguém que amam*", "*nas famílias, todos gostam de celebrar dias especiais juntos!*" [grifos meus], demonstrando, assim, uma certa oposição uma vez que determinados trechos explicitamente 'enquadram' todas as famílias numa determinada característica (afeto)

enquanto para outras características, há uma flexibilidade em afirmar que somente “algumas” famílias se enquadram. O livro encerra ressaltando a cooperação e mostrando que todas as famílias são especiais: “*Nas famílias, todos podem ajudar uns aos outros a serem fortes! Há muitas maneiras diferentes de ser uma família. Sua família é especial, independentemente do tipo que ela é*”. A partir dos excertos grifados pode-se pensar que, mesmo o livro trazendo diversas formas de se configurar uma família e suas características, se defende um discurso ‘único’, o de uma família afetuosa, uma outra idealização de família na qual determinados rituais sejam bem aceitos por todos. Ou seja, se ‘abandona’ a rigidez da família nuclear e se ‘apega’ a uma visão que busca promover que todas as famílias sejam amorosas, compreensivas, cordiais. Propõe-se a possibilidade da diferença, por um aspecto, mas se busca a igualdade por outro através da pedagogização de como ‘deve’ ser a família atual, a família ‘saudável’ e aceita socialmente como tal, se contemplam as diferenças ao mesmo tempo em que se idealiza um ‘outro’ modelo familiar. Afinal, como afirma Foucault, a família “tornou-se o lugar obrigatório dos afetos, dos sentimentos, do amor” (1980:103), ao dissertar sobre o ‘surgimento’ da ‘instituição’ denominada família.

Em relação ao pai como chefe de família, a maioria dos livros traz a idéia de que o pai provê a família financeiramente e é o pilar de sustentação para o bem-estar de todos, mesmo quando os casais são separados, o que se pode perceber em relação às pensões e aos ‘problemas mais sérios’ sendo resolvidos com a palavra final paterna, enquanto a mãe exerce uma função secundária ou ainda se mostra ‘à toa’, sem desejar trabalhar:

Papai segurou minha mão. – Sua mãe e eu conversamos sobre você (...) sabemos como nosso divórcio a preocupa (...) pensamos em você e Wilson irem ao meu apartamento uma noite por semana. (Livro *Papai nunca mais voltará para casa?* - 14)

[a mãe] insinuando que era culpa só dele o dinheiro ter ficado curto em casa. Mas a mãe se recusava a trabalhar. Preferia viver de pensão. (Livro *Maria Poliana* - 2)

A maioria dos livros supõe que os pais representados sejam de classe média, branca, heterossexual e também grande parte dos personagens pais ‘passa a idéia’ de segurança e confiança, sendo os títulos, então, representativos dessa masculinidade hegemônica. Dos trinta livros analisados, dois trazem o pai e família negros, conforme as imagens ilustram, desestruturando pouquíssimo essa hegemonia masculina ocidental. Um deles é o livro brasileiro **O menino Nito - então, homem chora ou não?** (25), de Sonia Rosa (2002) , e o outro, inglês, é **Tanto, tanto!** (9), de Trish Cooke (1997).

Pat Pinsent (1997), ao analisar as relações entre crianças e literatura, afirma que a imagem muitas vezes oferece ao texto um significado que, sozinhas, as palavras talvez não teriam. Ressalta também que, além de ser importante leitores negros terem contato visual com personagens também negros, sendo significativo para as imagens que têm de si mesmos, também é importante para leitores brancos atentarem para o fato de que a diversidade com a qual convivem diariamente também tem lugar nos livros que lêem.

O interessante nesses dois livros é que a problemática central não é discutir sobre raça/etnia e sim trazer personagens negros sob outra perspectiva. O livro **O menino Nito** problematiza questões de gênero, ‘comportamentos’ ditos masculinos e femininos; e o livro **Tanto, tanto!** ressalta a alegria familiar e o carinho entre os parentes, sobretudo pelo menino bebê. O que se vê, em um grande número de títulos infanto-juvenis em geral, são personagens negros ‘obrigatoriamente’ carregando o fardo de discutir sua raça/etnia, com poucas possibilidades de participar de outras aventuras, dificuldades e vivências.



Gládis Kaercher (2002) nos fala de suas descobertas sobre como se perceber como uma menina negra nos tempos e espaços em que estava se constituindo como tal, além de sua surpresa em não se encontrar nos seus ‘amigos’ inseparáveis: os livros. Esse desassossego foi tomando forma e voz, atualmente perceptíveis em suas pesquisas sobre raça/etnia e literatura, inclusive em sua tese de doutorado³⁵. Ao se tornar professora de Letras imaginou que a literatura infantil que encontraria seria bem diferente daquela de sua infância, “através da qual as crianças negras pudessem, enfim, se reconhecer; vivenciar a experiência de representações mais legitimadas de suas origens e etnias” (ibidem: 95). Após uma série de modificações e lutas sociais, a Literatura Infanto-juvenil, como produto cultural,

passou a ‘conceder’ aos/às negros/as a existência, fato raro nos livros de minha infância; esta ‘concessão’, todavia, é materializada através de uma representação impregnada por estereótipos e preconceitos que oscilam entre o racial (e a narrativa naturalista e biologizante daí decorrente) e o étnico, com sua tentativa exasperante de adequar-se ao ‘politicamente correto’ (ibidem: 97-98) [grifos da autora].

³⁵ Tese de Doutorado de Gládis Kaercher: “*O mundo na caixa: Gênero e Raça no Programa Nacional Biblioteca da Escola – 1999*”. Defendida em Janeiro/2006 – PPGEDU/UFRGS.

Sob essa ótica, no caso dos últimos dois livros citados, os enredos das histórias podem ser percebidos não como uma forma de defender o ‘politicamente correto’ ou discutir sobre a etnia, e sim discutir diferentes relações sociais, de família, de afeto e demais questões que os personagens vivenciam, sejam eles desta ou daquela etnia.

Outro aspecto de análise desta pesquisa diz respeito aos pais cujas características se diferenciaram das de provedor financeiro, herói e eventuais companheiros de momentos de lazer. São pais e mães que moram juntos, quando o pai é atrapalhado e a mãe é quem deve cuidar da casa e das bagunças/ trapalhadas do marido; pais que moram separados e que uma personagem cuida das bagunças do pai (filhas, empregadas/faxineiras, vizinhas..., enfim, alguém do sexo feminino). Um exemplo disso é o livro **Acampando com papai** (11), de Sonia Forjaz (1993), que traz uma narrativa brasileira, em primeira pessoa, sendo um dos filhos o narrador. Essa obra apresenta uma família mononuclear (pai, mãe, filhos, sendo dois meninos e uma menina). O filho inicia a narração contando como é o seu pai:

Papai é dessas pessoas naturalmente engraçadas. Eu poderia dizer até mesmo atrapalhadas. Sabe? Aquele tipo de pessoa que derruba as coisas, parece sempre distraída? Assim mesmo. Apesar de ser divertido, as vezes mamãe fica bem zangada. Como aquele dia em que ela estreou a toalha branca de mesa e ele derrubou todo o suco de uva da jarra. (Livro *Acampando com papai*).



Outro livro que traz uma figura paterna que ora pode ser percebida como ‘corriqueira’, em função do pai ser o provedor financeiro da casa através de um serviço burocrático, ora pode ser percebida como uma figura paterna diferenciada pelas invenções frustradas de um ‘cientista’ nos tempos de lazer, é o livro **Meu pai é um problema** (8), de Babette Cole (1999).

É uma narrativa inglesa na qual o filho conta a história de seu pai, que causa várias confusões com suas invenções malucas que nunca deram certo: *“Mamãe vive brigando com o papai por causa dos robôs. Eles nunca dão certo... mas nem por isso papai deixa de fazê-los [...] Ele até construiu robôs para fazer o serviço de casa. Mamãe ficou maluca!”*. Os vizinhos também



não gostavam muito das confusões criadas pelos robôs, como quando o *“robô-coelho cortador-de-grama”* quebrou a cerca e avançou o gramado da casa vizinha cortando tudo que via pela frente. Ou quando os robôs criaram um rebuliço na

cidade, pois o nenê da família mexeu nos controles remotos e o pai teve que pagar todos os danos.

Mais uma obra que traz uma figura paterna fora dos 'padrões' esperados para um 'bom' pai é o livro **O que é que eu faço agora?** (21), de Sylvia Manzano (1997). É uma história brasileira em primeira pessoa e conta a história de Mariana, uma menina que mora com o pai e está em férias, escrevendo uma carta para uma amiga. O pai parece não ficar muito junto à filha e tem características não perceptíveis nos demais livros: bebe e demonstra uma certa agressividade, segundo palavras da filha:



Sabe, às vezes ele bebe e fica chato, cheio de recomendações, repressões e tudo mais. Eu não gosto e fico quieta [...] Olha, vou ter de acabar esta carta, porque meu pai está num daqueles dias e fica querendo saber onde está isso e onde está aquilo e eu tenho medo que ele perca a paciência e comece a jogar coisas na parede.

Embora, nesse último livro, a violência e o uso do álcool sejam 'figurantes' na trama, não sendo ressaltada grande importância nos acontecimentos, é importante aludir aos casos nos quais os pais utilizam desses meios em suas relações familiares, atribuindo-lhes uma veracidade de sua masculinidade e poder. Malvina Muszkat, ao pesquisar sobre violência de gênero e paternidade, aponta:

Grande parte dos homens apóia-se no álcool e na violência como única expressão possível de uma masculinidade falida. O uso do álcool, como um dos emblemas da masculinidade, exerce uma dupla função: mantém a sociabilidade na esfera pública e funciona como um alibi para a inadequação do comportamento na esfera doméstica [...] A atitude comum de alienação ou violência, para com a família, aponta para a dificuldade de estabelecer relacionamentos que escapem das noções de dever e ordem para as quais foram preparados (1998:225).

Figuras paternas como as descritas acima, como pais atrapalhados, cientistas 'frustrados' ou que bebem e podem ser agressivos são pais que vão de encontro a imagens veiculadas de um pai seguro de suas ações e com planejamentos sólidos para sua família. Essas representações abrem espaço para aqueles pais que não são 'perfeitos' (obviamente nenhum é, mas muitas vezes são vistos como perfeitos ou se espera deles a perfeição) e os filhos sabem disso e continuam os amando como eles são, como é o caso da personagem Mariana que diz: *"Espero ele melhorar e quando ele melhora é o melhor pai do mundo. Eu acho que gosto muito dele"* (Livro *O que é que eu faço agora?* -21). Não está em jogo neste

momento julgar o que seria certo ou não para as atitudes paternas, uma vez que essas identidades são construídas a partir das representações e subjetivações com as quais operamos diariamente. Então, o que nos é útil é essa possibilidade do pai ser de qualquer jeito e, no caso desses últimos livros citados, o quanto as imagens reforçam o que o texto diz, dando força às palavras explicativas sobre como o pai é. Segundo Suyan Pires,

o contato com imagens dá-se de forma contínua e a representação pela imagem tem grande penetração no meio social. Desde muito pequenos, aprendemos a interpretar imagens e somos subjetivados por elas. Ler e compreender ilustrações implica aprender a decodificá-las e interpretá-las, considerando tanto a forma como elas são constituídas e operam em nossas vidas, quanto os significados que elas carregam para as situações cotidianas (2002: 49).

Vejamos agora os focos analíticos em questão, quando as análises dos livros foram organizadas de forma a contemplar as percepções recorrentes em vários livros ou um livro contemplar mais de uma percepção, fazendo parte de mais de um foco analítico:

2.1. 'Papai é mesmo incrível'³⁶ : da idolatria paterna

Diversos recortes das obras analisadas mostraram o quanto a figura paterna é um modelo a ser seguido pelos filhos e/ou a ser idolatrado como herói, principalmente tratando-se de filhos meninos (cinco livros trazem os meninos idolatrando o pai e outros três, meninas). Nesta seção foram reunidos oito livros, quais sejam: *Meu dentinho, seu dentão* (12); *Beijos Mágicos* (20); *O pé do papai* (27); *Pai sabe tudo e muito mais* (17); *Papai Contos* (16); *Lucas* (13); *Maria Poliana* (2); *Meu pai é um problema* (8).

O livro *Meu dentinho, seu dentão* (12), de Sonia Forjaz (1994), traz uma narrativa brasileira, em primeira pessoa, sendo o filho o narrador. Conta a história de uma família mononuclear (pai, mãe e filho), na qual o pai chega em casa preocupado com a retirada de um dente, mas sobretudo preocupado em não demonstrar ao seu filho que estava sentindo medo. Assim, no decorrer da trama, o pai, apesar de estar com muito temor de ir ao dentista, procurou mostrar-se corajoso para o filho, comentando apenas com sua



³⁶ Definição do personagem pai pelo filho no Livro *Papai Contos*, de Rosa Leidens (16).

esposa o sentimento que ‘realmente’ estava sentindo:

Vou ter de arrancar um dente, o danado está doendo, não comente com o garoto, mas estou com um medo tremendo [...] Este meu dente é o do siso e não se arranca fácil assim. Tem que puxar, fazer força, tomar até injeção, mas eu garanto, meu filho, medo eu não tenho, não! (Livro *Meu Dentinho, seu Dentão*)

Para mostrar-se solidário, o filho, sabendo que o pai estava fingindo tal coragem, disse que ele (o pai) era valente por não reclamar de ter de arrancar um dente e ainda mostrou seu dente de leite, que estava mole, dizendo-lhe que medo de arrancá-lo ele não tinha, podendo até sangrar que ele não se abalaria ou se espantaria. O menino ainda resolveu acompanhá-lo ao dentista, descrevendo-o na cadeira do consultório:

Ao dentista vou com ele, para dar apoio, sei bem. Mas ele insiste dizendo que é para eu ir aprendendo a ser valente também. [...] Dói a picada um pouquinho, e o papai geme e rebola; depois fica, na cadeira, muito duro e esticado. Parece até congelado! As suas mãos apertam a poltrona (sua testa está molhada). Abre então uma bocarra e olha para o alicate com os olhos arregalados. Depois, já disfarçando, vê se eu estou olhando. (Livro *Meu dentinho, seu dentão*) [grifos meus]

A trama finaliza com o pai e o filho saindo do consultório dentário, o filho interpretando o sorriso do pai como se esse dissesse “*É bobagem! Basta apenas ter coragem!*” em relação à sua situação. Chegam em casa e o menino arranca o dente de leite com uma linha. Ele mesmo dá o puxão e diz “*e lá se foi o meu dentinho... E lá se foi o seu dentão (fazendo referência ao pai). Ficamos com um dente a menos, mas certos de que coragem nós temos de montão!*”.

Nesses recortes, pode-se dizer que as representações estão em sintonia com uma visão tradicional de homem valente, corajoso, o qual não teme a dor. A identidade masculina parece ainda estar fortemente ligada à racionalidade, à força, como se esses valores fossem a própria ‘essência’ do homem. Dessa forma, o pai sentir medo não seria um ‘bom exemplo’ para o filho, uma vez que o modelo de valentia deve ser seguido pelo menino, para que esse se torne também um ‘verdadeiro homem’, que não chora, não expressa sentimentos ou os condiciona à racionalidade de ‘não dever ser temeroso’.

Por outro lado, esse mesmo exemplo poderia ser questionado quanto ao conhecimento do filho, que finge ‘reconhecer’ a valentia do pai, mesmo sabendo dos medos paternos e, ainda assim, se espelha nele como um modelo de masculinidade a ser seguido. Essa ruptura propõe um conflito na própria identidade do pai e sua representação, uma vez

que desmistifica o lado heróico da paternidade. De qualquer forma, a criança, no caso o filho, provavelmente esteja no processo de subjetivação dos imperativos discursivos que trazem o homem/pai como valente, seguro e 'forte' emocionalmente. Além de 'legitimar' essas características, mesmo que seu pai não as siga 'à risca', o menino está constituindo os ideais de masculino/pai e constituindo-se como homem e possível pai; um misto de 'dever-ser' e 'ser', uma vez que a criança apóia o esforço de valentia do pai, como se fosse uma 'alimentação mútua' das características masculinas desses personagens (filho e pai); o pai 'finge' que é corajoso e o filho 'finge' que acredita. Dessa forma é possível falarmos dos investimentos de masculinidade direcionados aos meninos/homens no sentido de configurá-los naquilo que se reconhece como a masculinidade hegemônica, a 'norma' referente para um dado tempo histórico e cultural. O menino incentiva a valentia e a coragem paterna (mesmo que 'falsas') da mesma maneira que se vale delas para 'aprender a ser valente também'. Meyer, sobre as representações hegemônicas de gênero, afirma que essas "fixam padrões nos quais se institui o que é ser homem e mulher, como se educam meninos e meninas e, por extensão, o que podem/devem fazer da/na vida" (2000: 152-153).

É interessante sublinhar que esse recorte e outros que serão abordados mais a diante, referentes a modelos de identidades de homens, descrevem com mais freqüência relações entre pais e filhos meninos no conjunto de livros reunidos para esta pesquisa. Segundo análise de Sotelo y Gimenez (realizada na Europa em 1996), essa também foi uma constatação no grupo de 736 livros franceses, italianos e espanhóis reunidos para problematizações. Esse fato pode se dar justamente pelo fato de o pai 'dever ser' o modelo para seu filho; enquanto a filha, provavelmente, irá buscar seu modelo identitário na figura materna, embora ela provavelmente não deixe de idolatrar seu pai como um herói. Assim delimita-se bem o que é necessário para ser/tornar-se homem e mulher, criando desde cedo uma infância generificada, mostrando os espaços e as atitudes 'aceitáveis' de cada um na sociedade.

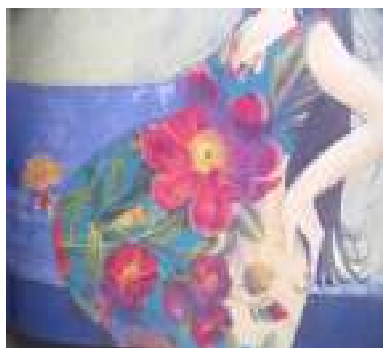
A idolatria dos filhos e filhas pelo pai é recorrente em outros livros, como em **Beijos Mágicos** (20), de Ana Maria Machado (1999). A história é uma narrativa brasileira em terceira pessoa e conta a história de Nanda, a filha que mora com o pai e a avó e que quase todos os finais de semana passa na casa da mãe (pais separados). Trata dos novos relacionamentos de seus pais. A história finaliza com o pai casando-se novamente, a menina ganhando um irmãozinho e tendo uma boa relação com sua madrasta.



No início da história mostra o quanto a filha idealiza seu pai como um príncipe encantado:

Muitas vezes parecia até que ela era uma daquelas princesas das histórias que o pai contava. Branca de Neve, ajudando a cuidar da casa dos anões. Rapunzel, penteando os cabelos para esperar o príncipe. Cinderela, dançando a noite toda com o príncipe, mas tendo que ir deitar no melhor da festa. A bela Adormecida, acordando com beijo de príncipe. E o príncipe sempre era muito bonito e carinhoso, assim meio parecido com o pai dela. Com quem ela vivia feliz para sempre.

Neste caso, Nanda, em sua imaginação sobre a madrasta, a vê como uma bruxa com seus cabelos compridos e pretos, assim como sua roupa e gato também pretos. Na fantasia da criança, a ‘bruxa-madrasta’ faz feitiços em forma de beijos, uma “*poção mágica de beijo enfeitiçado*”, e assim enfeitiçou seu ‘pai-príncipe’. E a princesa quer salvá-lo desses feitiços. É como se a bruxa (madrasta) atrapalhasse o plano da princesa (filha) de viver feliz para sempre com o príncipe (pai). Nessa fantasia infantil (a forma como Nanda estava compreendendo a nova situação de o pai ter uma namorada), a menina se percebia inferiorizada, com menos importância, em relação à futura madrasta, que no seu entender, era para quem o pai vinha dando mais atenção atualmente. Nas imagens é possível verificar o quanto Nanda aparece desproporcionalmente menor que a namorada do pai em função dessa sua compreensão (a menina está sentada no sofá, enquanto sua madrasta grávida está em primeiro plano na figura – e nas atenções do homem/pai, segundo sentimento da filha). Segundo Mokarzel (2000), a ilustração recria a história em traços e cores, tornando possível um outro tipo de leitura e, neste caso, ressaltando, dando vida ao que as palavras de Nanda tentavam dizer.



A menina resolveu contar para a mãe que a namorada do pai era uma bruxa, mas essa riu dizendo que era bobagem dela, que era ciúmes porque o pai estava namorando a Bebel. Ainda falou que isso era muito bom, que ela mesma também tinha um namorado e que se ela se casasse, Nanda poderia ir morar com eles num apartamento maior e perto do colégio. E que se o pai casasse novamente, Bebel poderia ajudar a cuidar da menina também. De fato, Nanda tinha certeza que a mãe também tinha sido enfeitiçada pelos beijos da Bebel. A menina vai então morar com a mãe (que se casou novamente) e passa os finais de semana na casa do pai (que casou com Bebel). A história encerra quando Nanda está sozinha em casa com a madrasta, se machuca e é acarinhada e beijada por ela e, mesmo não querendo, a menina adorou o afago e adormeceu no colo da madrasta. Foi quando o

pai e a avó paterna chegaram e Bebel começou a sentir as dores do parto (a gravidez só é percebida pelas imagens da madrasta com um barrigão enorme e com a percepção da menina que ela tinha ficado "barriguda"). Então Nanda soube da chegada do irmãozinho, sobre quem o pai falou:

-Senta aqui no meu colo, que eu ponho o neném no seu colo. Porque agora você é a princesa de nós dois,
Ao que a filha respondeu:
- Pois sim, vocês é que são meus príncipes. E se eu sou princesa, vou é lhe dar um beijo mágico e você vai acordar do encanto que essa bruxa lhe fez.

O destino mágico com o tão esperado final feliz vem ao encontro do que Zohar Shavit (2003) explora ao analisar a noção de infância e texto para crianças através das versões de Perrault e Irmãos Grimm sobre os contos de fadas. Para estes, o final feliz era indispensável por toda modificação da compreensão do conceito de infância, preservando, assim, as crianças daquilo que fazia parte do mundo adulto e para o qual ainda não tinham 'maturidade'. Dessa maneira, o final feliz, por seu teor pedagógico, continua sendo essencial:

A idéia de que os livros para crianças têm de ser adequados do ponto de vista pedagógico e devem contribuir para o desenvolvimento da criança, tem sido, e ainda é, uma força dominante na produção de livros para crianças (2003:50).

Dessa maneira, a forma que a menina encontrou para resolver sua situação-problema de aceitação da madrasta continuou sendo fantasiosa, conforme a narração segue contando sobre os beijos que a menina deu no pai e na madrasta:

Beijos mágicos, como só ela podia dar. Beijos capazes de quebrar encantos de um príncipe, de acalmar choro de neném e de fazer nascer sorriso em gente grande. E, principalmente, beijos capazes de fazer bruxa virar gente de verdade, com quem até se pode ser feliz para sempre.

A autora criou um final feliz para Nanda na sua relação com o pai, a madrasta e o irmão. Nessa perspectiva é possível reconhecer também um teor de 'auto-ajuda' nesse conto, uma vez que, a partir da fantasia, a personagem enfrenta seus medos e desenvolve uma solução para aquilo que lhe aflige. Se, no mundo fantástico é possível, na vida da menina também foi possível 'transformar', a partir da magia dos beijos, o que antes era problema em um "*final feliz para sempre*".

Importante salientar que esse livro fala do ciúme da filha em relação ao pai e, dos livros desta pesquisa, não há nenhum que aborde a questão do ciúme a partir do menino,

como se esse ‘problema’ não fosse possível para esse gênero ou, ainda, como se o teor de ‘auto-ajuda’ fosse mais voltado às meninas/mulheres. Em seguida, neste trabalho, a literatura de auto-ajuda e sua relação com o público infanto-juvenil será ressaltada (quando se tratar de separações do casal), mas neste momento é importante questionar de que forma ‘não ocorre’ essa relação entre o menino e ciúme do próprio pai. Uma hipótese plausível para essa situação é a relação com os fundamentos da psicanálise, amplamente difundidos, quando Freud postula o complexo de Édipo, conforme o qual, de modo totalmente simplificado, a menina compete com a figura materna (no caso deste livro, a madrasta) pelo amor do pai. No sentido dessa teoria, um personagem menino deveria sentir ciúme pela figura do sexo oposto, a mãe e, talvez, por isso, não há incidências, nos livros reunidos, do menino sentir ciúmes ou competir pela atenção do pai com alguém³⁷.

Em outra trama é visível a admiração da filha pelo pai. O livro *O pé do Papai* (27), de Roger Stoltz (2000) é uma narrativa brasileira em primeira pessoa na qual os únicos personagens que aparecem são a menina e o seu pai. Ela explica como o percebe a partir do pé dele:



O pé do papai é o melhor lugar para sentar, mesmo se for de costas (...) O pé do papai, tamanho 42, tem bastante espaço para eu sentar e passear (...) O pé do papai é meu lugar preferido. Nele, ando por tudo que é lado sem perder nada de vista. Mas, se nestas caminhadas eu encontrar uma aranha preta sorrindo para mim, eu não me amolo... Não há lugar melhor que um colo!

Ela retrata sua idolatria ao pai e a admiração por sua força, seu tamanho e sua segurança através das aventuras que faz em cima do pé do papai, que a leva para o banheiro de manhã para fazer xixi, a leva para passear no supermercado, no parque de diversões, na praia. O pé do pai é o lugar preferido da filha, pois pode ser compreendido como uma ilustração da proteção e do companheirismo de ambos. A partir das imagens é possível inferir o quanto o pé é central nessa compreensão da criança, uma vez que durante todo o enredo aparecem o pé do pai e a menina em vários lugares. A imagem do pai por inteiro só aparece na última página do livro quando a filha afirma que o colo é o lugar no qual ela se sente mais segura. Além disso, poderia se problematizar o ‘colo’ ao qual a criança se refere, mais uma vez sendo a busca pela proteção (sendo o colo mais seguro que o pé do pai) e que a salvaria da aranha e de outros males. Isso traz a lembrança do

³⁷ Explicação sucinta do Complexo de Édipo baseado em Laplanche e Pontalis. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

'tradicional' colo materno, aquele que afaga, cuida e dá carinho, enquanto que o colo paterno dá segurança e pode livrar a criança do 'mal'.

O pé, ora com sua materialidade, ora de uma forma metafórica, traz a percepção da filha sobre a imagem do pai, ou seja, uma imagem idolatrada da menina que deposita nele (metaforicamente no pé do mesmo) a confiança de uma proteção constante. Assim, com essa representação, se potencializam as 'marcas' da masculinidade hegemônica de força e proteção buscando um movimento constante e repetitivo de discursos como esse, a fim de 'demarcar' como o homem/pai deve ser: garantia de segurança e proteção em tempo integral. Afinal, "para garantir aos sujeitos modos de conduta socialmente adequados, é necessário potencializar o discurso hegemônico de modo a forçar uma identidade definitiva" (SABAT, 2004:104).

O livro ***Pai sabe tudo e muito mais*** (17), de Edy Lima (1995) traz uma narrativa brasileira em primeira pessoa de um menino que conta sua admiração pelo pai. É uma família mononuclear com dois filhos (um menino e uma menina). O pai é o 'legítimo' chefe de família, enquanto a mãe cuida da casa. O filho explica como é seu pai:



Pai é uma invenção maravilhosa. Eu adoro o meu. (...) Pai é muito legal, quando não está zangado nem preocupado com contas a pagar (...), modificações na política ou na economia do país. Com certeza pai se preocupa com todas essas coisas porque tem que saber tudo (...) Eu e meu pai somos os maiores amigos do mundo. A única coisa que nos separa é minha irmãzinha, porque ela acha que é a melhor amiga do papai. Sei que isso também acontece se a gente tem irmão mais velho, irmãona ou irmãzinho (...) qualquer um vai achando que o pai é só dele, mas é evidente que ele é só meu (...) O Pai da gente é sempre o melhor de todos. [grifos meus]

O que se percebe por esse trecho é o quanto os discursos advindos de falas de personagens infantis 'alimentam' a supremacia das características tradicionais de masculinidade e de paternidade de uma forma possivelmente mais legitimada para leitores também infantis, afinal, "*pai tem que saber de tudo*", "*pai tem que ser perfeito, mesmo tendo seus defeitinhos*". Isso pode gerar uma expectativa sobre muitos sujeitos sobre como eles vão se constituir enquanto 'homens' e enquanto 'pais', uma vez que 'devem' ser infalíveis sempre. Esse se torna um 'dever-ser' difícil de carregar por toda sua vida, uma exigência de não decepcionar sua prole e sua família, muitas vezes partindo de coisas simples, como saber trocar um chuveiro, até situações mais sérias, como sentir-se culpado ao sair de casa e terminar a relação conjugal.

Muszkat lembra que

garantir posições de poder para os homens de hoje não é tarefa fácil. É preciso estar preparado para um nível de desempenho [...] Diante de tantas expectativas, o macho se torna altamente vulnerável. A idéia de falhar corresponde à idéia de perda de prestígio e até perda de identidade, funcionando como um incrível gerador de tensão e angústia (1998: 228).

Esses discursos vão 'alimentando' e 'se alimentando' de práticas ditas masculinas e aquilo que se espera das figuras masculinas/paternas, de forma a criar um 'círculo vicioso', muitas vezes difícil de se distanciar.

O próprio título do livro reforça a idéia de que o pai 'tem que saber tudo e muito mais'; essa é a imagem de um pai idolatrado, de um pai herói, de um pai 'aceito' pela sua prole. Para isso, o homem/pai deve saber *"trocar lâmpada queimada, consertar ferro de passar roupa, regular carrinho de autorama, trocar pneu do carro"*, além de se preocupar com a vida pública (economia, política, trabalho), como o último livro nos mostra. Apesar de o pai estar normalmente ocupado com tudo isso, quando 'sobra' um tempo para estar com o seu filho, esse momento é único (capaz de suprir todas as faltas corriqueiras no dia-a-dia do menino). Afinal,

Pai não é de uso diário como mãe. Mesmo morando junto, não é sempre que a gente encontra com ele. Sai muito cedo e volta tarde. Trabalho de pai é diferente de trabalho de mãe. Ela mesmo que trabalhe fora, trabalha também em casa, cuida dos filhos, ensina a lição de casa. Pai é diferente, o trabalho dele vai longe, não sobra tempo para olhar criança e sempre há uns amigos que ele tem negócios ou coisas assim. Pai é para fim de semana.

Esse livro traz de forma bem contundente os binarismos mãe/pai; mundo privado/público; cuidado diário/diversão final de semana. E com isso, o discurso presente nas representações da trama acaba por reforçar ainda mais essas 'formas fixas' de mulheres/mães e homens/pais, não havendo possibilidades dessas identidades escaparem dos limites de como é a mãe e de como é o pai. Ou é deste jeito ou é daquele, como se os sujeitos não pudessem ser uma coisa e outra. Como se as identidades pudessem ser tão facilmente classificadas e 'engavetadas'. Essa narrativa traz o pai como o 'sabedor' de coisas muito mais importantes, enquanto que a mãe tem conhecimento de coisas mais 'banais', advindas do mundo privado, e não de um mundo 'tradicionalmente' masculino de tomada de decisões e gerenciamento de situações-problema. O filho conta:

A única coisa que pai não sabe é onde deixou suas meias de lã [...]

Ela (mãe) dá bronca:

- Você nunca sabe nada.

Isso não é verdade. Pai sabe coisas muito mais difíceis, como, por exemplo, armar quebra-cabeças daqueles que têm milhares (ou serão centenas?) de pedacinhos. Só não sabe onde estão as meias, a camisa, a gravata. Acho que ele se casou com a mamãe para que ela procurasse essas coisas, porque ela termina fazendo o que ele pede e sempre encontra as roupas desaparecidas. Pai e mãe são uma dupla imbatível, tipo super-heróis: juntos, ninguém pode com eles. [grifos meus]

Além de colocar a família mononuclear (pai, mãe e filhos) como a forma que mais 'dá certo', "*quando pai e mãe estão juntos, ninguém pode com eles*", a figura materna é percebida como coadjuvante das 'sapiências' paternas, aquela que mantém um ambiente familiar e residencial de forma que não 'atrapalhe' quando o pai deve tomar decisões 'realmente' importantes, de forma que suas roupas e apetrechos estejam sempre em lugar de fácil acesso e bem organizados, afinal, "ela termina fazendo o que ele pede".

Ou seja, mesmo a mãe estando presente diariamente (e talvez em função disso mesmo) e o pai estando bem menos presente, cada passo e atitude paterna são glorificados pelo menino. No final da trama o filho resume sua idolatria ao pai: "*Por essas e por muitas outras, meu pai é meu herói e dono do meu coração*".

Assim, em mais um recorte fica claro que muitas representações trazem diferenciações fortemente marcadas para as atribuições femininas/maternas e para as masculinas/paternas. Conforme Sandra Unbehaum:

Nossa tradição patriarcal, reforçada pela formação católica, contribuiu para estruturar, ao longo da história, as relações familiares em uma rígida divisão de atribuições. A atividade de cuidar dos filhos é representada no imaginário social como uma função natural da mulher e, por sua vez, o bom pai é aquele que garante o exercício dessa atividade. De certa maneira, a maternagem se mantém atrelada a um aspecto biológico. A paternagem, em oposição, se define social e culturalmente e aparece desvinculado do processo reprodutivo (1998:170).

Outra trama também favorece uma das 'funções sociais' do pai, "de assegurar a socialização da criança na esfera pública" (UNBEHAUM, 1998:170), como ao levar a criança para passear e aventurar-se no 'mundo' público, demonstrando a admiração da criança pelo pai, que é visto como um herói. **Papai Contos** (16), de Rosa Leidens (sem ano), é um pequeno livro, cujas páginas



são em papelão duro, contendo mais imagens e menos textos. Talvez essas características possam determinar que ele é, dentre o grupo de livros, o mais indicado para crianças bem

pequenas. Apresenta uma narrativa em primeira pessoa contada por uma criança, cujo gênero não fica bem claro desde o início. Há algumas indicações de masculino, como o trecho “*Os papais são todos iguais. Só muda o filho e o endereço*” (grifos meus), mesmo tendo sido possível o uso de normas gramaticais que indicam o gênero masculino das palavras como ‘universal’ para os gêneros masculino e feminino. Outra indicação pode ser o fato do ‘suposto’ menino ser companheiro do pai no futebol no domingo, voltando os dois para casa a tempo de ajudar a mãe com a mesa do almoço; e o pai ser o herói dele, aparentando um desejo da criança em se tornar semelhante ao pai quando adulto. Embora traga essas informações que poderiam indicar seu gênero masculino por uma determinada leitura do que é socialmente ‘indicado’ como coisas de menino, por outro entendimento poderia se ‘indicar’ seu gênero feminino, pois sua cor é rosa, que é constantemente ligada ao ‘universo feminino’, quase que diretamente proporcional a esse gênero.

A admiração da criança pelo pai é demonstrada da seguinte maneira:

(...) Papai Contos é mesmo demais! É tão valioso que não tem preço! Igual à mamãe ele trabalha mas isso em nada atrapalha. Ele acha um tempo ao meio-dia, almoçamos juntos e é aquela folia. (...) Papai Contos é meu herói e amigo. Ele é honesto, trabalhador e leal.

As qualidades do pai, ressaltadas pelo (suposto) filho, dizem sobre um homem ‘digno’ de respeito, que trabalha, é honesto e amigo. Mesmo que o trabalho lhe ocupe tempo, o pai consegue conviver em família nos momentos de refeição, por exemplo. A mãe trabalha em casa e, mais uma vez, temos a dicotomia do mundo privado e público. Também característico do ‘universo’ masculino, está o futebol que jogam no parque. E, em relação à estrutura familiar, o almoço em família e o passeio a três no parque reforçam a mononuclear como sendo o ‘ideal’ de família. Ao observarmos a capa do livro, temos o pai em primeiro plano, centralizado, usando uma capa vermelha semelhante à de super-herói. Ao seu lado está o filho, ‘voando’ junto ao seu pai, numa demonstração de companheirismo e admiração de se assemelhar a ele, provavelmente. No canto inferior direito temos pai, filho e mãe, numa ilustração da ‘típica’ família feliz em sua configuração mononuclear.

O afeto do menino pelo seu pai é ressaltado pela admiração que há, pois o pai é o seu herói e seu companheiro de diversões, lhe leva para passear, joga futebol, lhe conta histórias, afinal, “*Papai Contos é mesmo incrível!*”.

Ao recortarmos as atividades físicas presentes nesse livro e em outros, como o seguinte (*Lucas -13*), o esporte voltado ao gênero masculino favorece o que Louro (1995) ressaltou, nos guias escolares do século XIX voltados para a educação dos meninos: o esporte na vida escolar era ‘natural’ e ‘instintivo’, favorecendo os meninos, na sua

construção como homens, através do adestramento dos corpos pelas atividades físicas, principalmente as competitivas, ocupando os meninos de forma útil e produtiva. Assim, muitos momentos de diversão entre os pais das tramas e seus filhos meninos trazem os esportes como atividades presentes nesses encontros, sobretudo o jogo de futebol, podendo-se compreender essa prática como um dos ícones da masculinidade, ao que Louro lembra: “Gostar de futebol é considerado quase uma ‘obrigação’ para qualquer garoto ‘normal e ‘sadio’” (1998:75); diferente das práticas realizadas com as filhas meninas, como ir ao cinema, sair para comer pizza, passear na praia, conforme os livros pesquisados.

O Livro **Lucas** (13), de Luís Augusto Gouveia (2001), é uma narrativa brasileira em primeira pessoa e, através da história do menino, a trama se propõe a discutir as diferenças. Lucas não fala e apresenta uma série de amigos da escola, cada um com suas diferenças físicas, de raça, de religião, como personagens cego, paraplégico, autista, surdo, negro, judeu. Lucas é filho de pais separados e tem dois irmãos (gêmeos). Eles moram com a mãe e passam o final de semana com o pai: *“Meu pai não mora com a gente*



*[...] Eles não vivem juntos, mas ainda são amigos. Isso acontece. Com uma colega minha foi diferente, o pai dela foi embora e nunca mais apareceu... Às vezes dá saudade, mas, vira e mexe, meu pai vem nos ver”. Com ele Lucas vive muitas aventuras e descreve como são os momentos com o pai: “Nos fins de semana é a maior farra! Eu, ele e meus irmãos nos divertimos bastante. Meu pai nunca se cansa. Eu também não” (fala do filho no Livro *Lucas – 13*) [grifos meus].*

Em diversos momentos do livro identifica-se o quanto o menino Lucas admira seu pai, como quando ressalta que ele é aventureiro, que gosta mesmo é de *skate* e esportes radicais, ou quando afirma que o seu pai nunca se cansa de brincar e se divertir com os filhos nos finais de semana. Importante também ressaltar o orgulho do pai em ver que seu filho está conquistando muitas meninas na escola, referindo-se ao menino como *Don Juan*, depois de Lucas contar as investidas amorosas com suas colegas de escola: *“Modéstia a parte, sou o rei das gatinhas. Só fico um pouco tímido quando elas avançam”*; *“Carolina, a garota mais tagarela do universo, resolveu pegar no meu pé. Se bem que isso acontece todo dia... Só porque eu estava lanchando com a Mirela”*. Ainda assim, o menino faz ressalvas sobre a ‘possibilidade’ de se apaixonar: *“Epa, só não vá pensando que eu estou apaixonado. Sou muito durão para essas coisas”*.

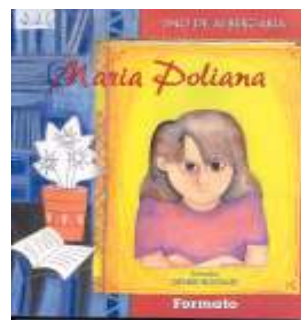
Com esses recortes, é possível afirmar que o pai, nesse caso, mesmo tendo ido à reunião na escola junto à mãe, não participa das demais atividades diárias dos filhos. Somente durante os finais de semana envolve-se com os meninos em momentos de total

diversão; tem-se nesse caso, aquele pai diretamente ligado à farras e ao lazer dos filhos (além da suposta pensão direcionada a eles, segundo as leis do direito familiar brasileiro). Outra representação presente no livro é o investimento que o pai faz no filho Lucas ao orgulhar-se de o menino estar atraindo sentimentalmente as meninas, sobretudo, várias meninas e, ainda, ‘conquistar’ mais de uma menina sem se apaixonar, afinal, ele “*é muito durão para essas coisas*” de sentimento e afeto. Essa vigilância sobre a ‘masculinidade heterossexual’, junto à exigência de ser durão, incansável, aventureiro e sempre divertido são alguns dos ‘deveres’ de um homem/pai e de um menino (futuro homem e, se espera, futuro pai também). Louro (1995), ao falar sobre a vigilância da sexualidade masculina, destaca os obstáculos culturais da intimidade entre homens, desde as barreiras sobre a expressão de sentimentos, o enaltecimento da ‘insensibilidade’ ou dureza, além da homofobia, lembrando que essas são representações de uma determinada masculinidade (vista como hegemônica).

Contudo, assim como há os privilégios sociais, também há as ‘obrigações’ voltadas ao universo masculino pautado na masculinidade hegemônica. Bourdieu afirma:

Assim como demonstra o fato de que basta dizer de um homem, para elogiá-lo, que “é um homem”, o homem é um ser implicando um dever-ser, que se impõe como se fosse evidente por si mesmo, sem discussão: ser homem é estar instalado de imediato numa posição que implica poderes e privilégios, mas também deveres, e todas as obrigações inscritas na masculinidade como nobreza (1995:158) [grifos do autor].

Dessa maneira, como esse recorte outros poderiam ser feitos para se perceber o quanto a figura paterna está relacionada a discursos que exijam a ligação direta entre o pai e idéias de lazer e diversão, como por exemplo, em **Maria Poliana** (2) de Lino de Albergaria (1997), uma narrativa brasileira em terceira pessoa na qual a menina mora com a mãe e passa alguns domingos com o pai. Nessa relação, surge



a mãe enciumada pela relação da filha com o pai (que aparece de vez em quando), a menina que apresenta várias inquietações de uma ‘rebeldia’ dita pré-adolescente e de uma pai omissivo. As insatisfações da menina começam pelo seu nome (Maria Poliana), preferindo ser chamada de Ana, passam pelos conflitos de uma nova professora, a própria separação dos pais, o fato de a mãe não trabalhar fora e se vitimizar com a situação familiar e financeira atual, além de sua atração sentimental por um colega de escola.

Em um dos trechos, se vê a relação dela com o pai:

-Vou buscar você. Vamos comer pizza. / -E depois vou querer um sorvete.
/ -Claro, está combinado. / -Um beijão, pai. / Quando desligou, percebeu o olhar enciumado de Dona Zélia (mãe). / - Vai passar o domingo com ele? / -Vou, claro. / - Achei que a gente ia ao cinema. / -Outro dia nós vamos. Já vejo você sempre! / - Engraçado, seu pai some e aparece quando quer e você nem se incomoda. / - Você não vai me colocar contra ele, vai? Ou está querendo que ele desapareça de vez?

Nesse caso, a menina é cativada pelas aparições inconstantes do pai, que também a leva para momentos prazerosos de lazer. O passeio com a mãe, a qual está presente diariamente, é facilmente deixado de lado. Ser pai, em muitos discursos, se resume em contemplar, mesmo que com pouca frequência, os desejos de filhas e filhos em comprar tudo o que eles/elas pedem, em sair para almoçar, em dar presentes ou levar para passear. Tarefas de cuidar, limpar, acompanhar os estudos, trocar carinhos e auxílios, conversar e fazer parte do cotidiano dos/as filhos/as é algo muito distante do 'mundo' paterno, onde os pais têm compromissos demais, tempo de menos, preocupações com 'coisas realmente importantes' (como se as outras também não fossem). Para muitos discursos, à mãe compete a responsabilidade de educar, cuidar e amar; enquanto que ao pai se atribui a responsabilidade de ser o provedor financeiro. Ao pai não cabe ser emotivo, carinhoso e atencioso, cabe guiar os passos dos filhos através de sua mão e bolso protetores, além de alguns poucos instantes de aventuras e divertimentos. Essa inferência pode ser percebida no seguinte trecho:

(...) Tinha certeza de que o pai sumia era por causa de Zélia [mãe], sempre chegando Sérgio [pai] na parede. Insinuando que era culpa só dele o dinheiro ter ficado curto em casa. Mas a mãe se recusava a trabalhar. Preferia viver da pensão e ficar por ali bancando a empregada.

Unbehaum afirma que uma das questões básicas da maternagem e da paternagem é de ordem subjetiva, sendo o 'cuidar' visto como uma atribuição natural da vocação materna:

Quase nunca pensamos em professores masculinos para a pré-escola, tampouco em *baby-sisters* masculinos. A separação das atividades segundo o sexo cria um alto grau de dependência entre os indivíduos [...] Mesmo sendo a relação mãe-filho apenas mais uma relação entre tantas outras, a maternagem e a paternagem estão estruturalmente relacionadas a arranjos e formulações ideológicas que acabam justificando a divisão de trabalho por sexo (1998:175).

A admiração da menina pelo pai, por sua vez, é vista a partir da exaltação de cada encontro dos dois e o quanto esses momentos ‘sustentavam’ todo o tempo seguinte em que ela não o via, até que se encontravam novamente e a admiração, mais uma vez, engrandecia o bom sentimento que ela sentia a cada vez que falava com ele: *“No quarto ligou o rádio. Queria era ouvir música e pensar no domingo. Nas saudades do Sérgio (pai), do seu bom humor, do seu jeito jovial, a cabeça aberta, o papo inteligente. Seu pai era o cara mais inteligente do mundo”* (narrador no Livro Maria Poliana -2) [grifos meus].

Outra alusão à admiração entre filho e pai é encontrada no livro **Meu pai é um problema**, citado anteriormente, e mostra já de início o por que de seu filho achá-lo um problema: *“Meu pai é um problema por causa do trabalho chato que ele tem”*. Se não fosse esse trabalho talvez ele não ficasse o tempo inteiro trancado na oficina fazendo robôs, explica o filho. O contato que o pai tinha com o restante da família era quando a mãe e o filho lhe levavam lanche ou quando socializava suas invenções com todos. Apesar de, durante toda a narrativa, o garoto fazer vários comentários mostrando o quanto as invenções não davam certo, ou o quanto ele não gostava que seu pai ficasse o tempo todo ocupado com os robôs e ausente no dia-a-dia do menino, ao final da história o menino segue os passos do pai, quando um homem rico comprou todas as invenções: *“Nós ficamos ricos. Papai nunca mais teve que voltar para seu trabalho chato. E agora somos nós dois que construímos os robôs”*.



Nessa trama se ressalta o quão importante é para o filho guiar-se pelos desejos do pai (fazer robôs - prática extremamente científica, racional, pressupondo inteligência) para que ‘possa’ ficar mais tempo em sua companhia e – quem sabe? – ser um famoso inventor (como seu pai acabou sendo). Outra questão relevante é o fato de o pai manter-se em um trabalho burocrático, cuja empresa se intitula *Depressão & Cia*, na qual ele passa o dia datilografando num movimento mecanizado, possivelmente para garantir o sustento financeiro da família (mãe, pai, filho e nenê), uma vez que há a inferência sobre a mãe realizar o trabalho privado – cuidar da casa e dos filhos - enquanto o pai ocupa-se do público, ‘trazendo dinheiro para dentro de casa’. Bosco-Filho argumenta que

a masculinidade é concebida a partir da capacidade produtiva, pela qual o homem responde como provedor material do grupo no qual está inserido. Portanto a simples posse do cromossomo Y ou dos órgãos sexuais masculinos não são suficientes para determinar o ‘verdadeiro homem’, para isto ele deve obedecer as normas ditadas pelo “manual do macho”, no qual ser homem implica a superação de todos os ritos de passagem, que geralmente compreendem a demonstração de poder através da força física, da proteção de seus dependentes, da inteligência, do trabalho forçado entre outros (2003:1).

Assim, o pai tinha que se forçar a trabalhar num emprego do qual ele não gostava, possivelmente para sustentar a família e sua ‘fuga’, seu lazer, era criar robôs, mesmo que esses não dessem certo. O afeto com a família não tinha presença no cotidiano dele, apenas a proteção geral do lar. E o filho só se aproximou do pai quando, depois de rico, o pai pode compartilhar seu *hobby* com o menino, tendo assim uma vida mais tranqüila e agradável após não ter mais que trabalhar na empresa *Depressão & Cia*. Nota-se aqui o quanto é preciso ter ‘tolerância’ com o estresse do pai que trabalha fora, geralmente em uma atividade sem prazer e, sim, obrigatória. Parece que em relação aos pais tudo ‘é’ perdoado. Será que haveria a mesma ‘tolerância’ com o ‘comportamento’ materno?

2.2. ‘Os dois se abraçaram forte’³⁸: dos afetos e cuidados de pai

As obras selecionadas centram-se, de modo geral, numa representação paterna e masculina que se distancia de traços ditos femininos (carinho, atenção, dedicação, cuidado diário) e que, sutilmente, sustenta uma determinada posição-de-sujeito em relação à paternidade. Dessa forma, a mesma pode ser caracterizada por diferenciar-se da maternidade, assim como a masculinidade é caracterizada por se diferenciar da feminilidade. Nesse sentido, algumas pessoas espantam-se ou admiram-se com pais que compartilham de experiências táteis do cuidado com os bebês, como troca de fraldas, banho, mamadeira, mesmo com a presença dessas atitudes/características em muitas práticas das identidades paternas atuais.

Em 11 livros foi possível encontrar, de forma mais enfática, o afeto entre pais e suas proles, quais sejam: *Pai que é mãe* (1); *O pai que era mãe* (7); *Beijos Mágicos* (20); *O menino Nito* (25); *Tanto, tanto!* (9); *Uma surpresa pro papai* (4); *Você não consegue dormir, ursinho?*(29); *Você e eu* (30); *O homem que amava caixas* (15); *O urso que queria ser pai* (10).; *Acampando com papai* (11).

Em um livro encontramos o pai cuidando da filha em uma situação especial: a primeira menstruação da menina. O livro ***Pai que é mãe*** (1), de Fanny Abramovich (1993) é uma narrativa contada pelos personagens da história, além dos diálogos entre eles: pai (Rogério), duas filhas (Regina e Carla). A mãe das crianças viajou atrás de um novo amor e deixou as meninas pré-adolescentes morando com o pai. No final do enredo, o pai assume um relacionamento com uma mulher (as filhas costumeiramente implicavam com todas as namoradas do pai) e mostra que, anos depois, as meninas já têm suas vidas independentes



³⁸ Afeto entre os personagens menino Nito e seu pai (livro *O menino Nito – então, homem chora ou não?*, de Sonia Rosa -25).

e vão visitar o pai e sua namorada. Esse se desdobra, no início da história, entre as atividades profissionais e as domésticas, embora, às vezes, receba ajuda de sua mãe (avó das meninas) e de uma faxineira. A Regina chama o pai para ver o que está acontecendo, porque na sua calcinha tem sangue. O pai acolhe:

- “Vem cá, filhota. Deixa eu ver. Sei... não é tuberculose, nem catapora. É uma coisa que acontece com toda mulher. Uma vez por mês sangra, quando menstrua. Vem, vamos pro chuveiro. Vou ligar a água bem quentinha. Pega o sabonete e se lava devagarinho, com bastante cuidado. Não chora, minha filha. Não é nada grave, muito menos apavorante. Eu mesmo vou te lavar e te secar (...) Pronto filhinha. Agora você coloca o Modess dentro da calcinha. O sangue cai aí. Quando estiver sujo, você joga fora” (pai)

- Mas por que isto foi acontecer comigo papai? Por quê? (Regina)

- Não foi especialmente com você, querida. Acontece com todas as mulheres. Vou tentar te explicar, mas não sou a pessoa indicada. Mais tarde, você fala com uma de suas tias, com sua avó ou alguma de suas professoras. Toda mulher vive isso e todas poderão te explicar tudo. (pai)

- Prefiro você. (Regina)

- Bem... Isto significa que você se tornou uma mocinha, que já pode ter filhos. Já pensou, eu sendo avô? Não, para isso ainda tem muito tempo. Você está menstruada. Todo mês vai sangrar por uns dois ou três dias. A da sua mãe durava três dias e tinha cólicas fortes. Existem remédios para essas cólicas. É só tomar e elas passam. Só isso. É normal, não é doença. (...) Vida igual a qualquer outro dia. Fazendo as mesmas coisas de sempre. (pai)

(...)

- Obrigada, paiê. Você foi um amor. Te adoro”. (Regina)

Mesmo que o pai tenha se visto frente a uma situação difícil, sem ter alternativas de recorrer a outras pessoas, quem sabe personagens mulheres, é possível perceber o afeto na relação desse pai com suas filhas e o quanto agiu de forma a acolher a apreensão da filha informando-a de maneira carinhosa e segura sobre essa nova etapa da vida dela. O pai ainda reflete sobre como poderia ter feito melhor:

Percebi que não estava preparado para o que vivi hoje. Minha filha, com quase treze anos e eu disfarçando, adiando, sem estar a postos para a sua primeira menstruação. Quase morri de sem jeito, de vergonha (...) Não sabia explicar, tive que apelar para a tia, a professora e a avó. Sou um incompetente. Mas sou homem... Não é desculpa. Tinha que ter me preparado melhor para este dia.

Nesse trecho o pai se mostra pensativo em relação à sua condição masculina, ele pára e pensa em algo diferente (no sentido de não ser corriqueiro) e em sua atitude enquanto figura masculina e paterna, sobretudo quando conclui que o fato de ser homem não significa que tivesse que recorrer a uma figura feminina para lidar com a situação e, sim, ter se preparado para esse momento com sua filha. Esse cuidado atribuído ao pai

demonstra uma ruptura, de certa forma, principalmente por ressaltar o contato do homem/pai com o corpo da filha, ou seja, a atenção dele busca envolver todos os momentos com as filhas. Elizabete Cruz, ao analisar o cuidado de crianças feito por homens em creches, problematiza

na generalização do “masculino”, aprisiona-se o homem numa categorização que exclui a possibilidade de um homem diferente e, quando essa se apresenta [...] há uma suspeita quanto a sua identidade masculina. Por outro lado, supostamente a articulação entre três dimensões mulher/mãe/educadora faz do feminino o gênero que controla sua sexualidade, e o mesmo não ocorre com o homem/pai/educador que, pela ausência de domínio sobre sua sexualidade, potencialmente é capaz de cometer o abuso sexual (1998:245).

Um outro livro, de enredo semelhante, intitula-se **O pai que era mãe** (7), de Ruy Castro (2001) e traz uma narrativa em terceira pessoa de um pai separado que passa a morar com duas filhas porque a mãe viajou para viver um novo amor. Além de momentos da rotina diária, aparecem as implicâncias das filhas em relação às namoradas do pai. No final da história, o pai casa-se novamente, a mãe retorna de sua viagem e as filhas passam a morar com a mãe, visitando o pai com frequência. Sobre a relação do pai com as filhas (Patrícia e Beatriz), o pai fala:



Sabem aquelas pequenas delícias que tornam inesquecível a convivência de um pai com suas filhas? Na cabeça dele, piscavam os muitos momentos sublimes que tinha vivido com elas no passado – momentos que outros pais podiam não valorizar, mas aos quais ele dava a maior importância. Patrícia fazendo gargarejos com Coca-Cola na presença das visitas. Beatriz enfiando feijões nos ouvidos. Noites em claro velando a bronquite de uma ou de outra (...) Ele abrindo o enorme livro que estava lendo (...) e encontrando um gibi do Pato Donald enfiado dentro dele por Patrícia. O Chicabon derretido que Beatriz deixou cair no banco do carro um segundo antes que ele sentasse. Ele largando pela metade o filme (...) para ir buscar Patrícia numa festa (...) Puxa, ele queria tudo isso de novo (...) Enquanto roncavam os motores do avião que levaria sua ex-mulher para longe e talvez por muito tempo, ele pegou as duas filhas pela mão, gritou “Shazam!” e jurou para si mesmo que, ali, começava uma vida nova. Ele seria essa coisa rara: um pai descasado – heróico, atento e amoroso.

A partir desse recorte é possível pensar no quanto a paternidade, para muitos homens, pode ser algo de que se vangloriar nos detalhes corriqueiros. O pai estava muito feliz e decidido sobre como ele viveria a paternidade daquele momento em diante: ‘heróico, atento e amoroso’, mesmo que fosse até chegar o final da trama e as crianças voltarem a morar com a mãe. A figura paterna é apresentada como um pai que deseja estar com as

filhas e valoriza o que para os outros não necessariamente faça parte do exercício da paternidade, ele percebe que tem impressões diferente das percepções de muitos outros pais, e ele deseja todos esses momentos com suas duas filhas.

Os próprios títulos desses dois últimos livros sugerem que as características do personagem pai não poderiam ser atribuídas à paternidade canônica e, sim, atribuídas à maternidade e o pai/homem vale-se dessas atribuições para vivenciar o dia-a-dia com suas filhas. O pai era/é mãe, ele 'não' era/é um pai zeloso e cuidadoso, era/é um pai que agia/age como uma mãe, ou seja, exercia/exerce funções ditas maternas. Essa questão será abordada com maior ênfase no item 2.4 quando será discutido o conceito de maternidade.

O que se vê ultimamente é um espaço para essas novas configurações da paternidade atribuindo ao pai também o direito e o desejo de ser o cuidador da sua prole, mesmo não sendo, no caso desses livros, uma escolha primária deles em criar as filhas enquanto as mães foram buscar novos sentidos para suas vidas. Unbehaum afirma:

Expressões tais como a "cabeça do casal", "chefe provedor", "guardião moral da família" vêm adquirindo outros significados [...] Na prática, podemos observar um número significativo de homens assumindo as mais diversas tarefas com as crianças e com a casa [...] De certa forma parece haver alguma ressignificação da paternidade, operada tanto por homens-pais que se atribuem competência para assumir plenamente o cuidado de sua prole e por isso reivindicam no judiciário [...] a guarda dos filhos, como por estudiosos, homens e mulheres, que vêem o envolvimento masculino nas atribuições domésticas e nas questões sobre saúde reprodutiva e sexualidade como necessário para garantir a igualdade entre os sexos (1998:167).

Mesmo que nessas tramas as mães voltem no final ou façam menção a esse acontecimento, é importante que seja enfatizado o fato dos pais conviverem com as filhas em tempo integral. Há nos enredos o auxílio de outras figuras femininas, como a avó, a vizinha, a tia e a professora, mas mesmo assim, é significativo o envolvimento dos pais nessa experiência (em se tratando dos dois primeiros livros citados (*Pai que é mãe – 1*; *O pai que era mãe – 7*). No terceiro livro (*O que é que eu faço agora? -21*) não aparece um grande interesse do pai com o cotidiano da filha nem um maior envolvimento dele com a mesma. Ela até o espera com um bolo (cuja feitura sua avó lhe ensinou), mas ele chega cansado e vai dormir sem dar atenção ao agrado que a filha estava tentando lhe fazer. No último momento da trama ele a convida para tomar sorvete, o que a deixa muito feliz, mesmo que tenha que acabar logo o que está fazendo (escrevendo uma carta para uma amiga) com receio que o pai fique brabo e impaciente.

De uma forma ou de outra, a aproximação entre pais e filhos/as se vê não só nos livros infanto-juvenis, como também (e em maior número) no cotidiano da sociedade. Unbehaum ressalta:

De um lado, com a entrada das mães no mercado de trabalho, os pais foram convocados a se ocupar dos filhos, e de outro, há indícios de desejo masculino em ampliar seu envolvimento na criação dos filhos, tendência essa que se reflete no crescimento de solicitações, pelos homens, da custódia dos filhos (ibidem:166).

Em outro livro, **Beijos Mágicos** (20), a relação entre pai e filha é apresentada da seguinte maneira:

(...) Mas quem acordava Nanda com beijinho, tomava café com ela de manhã e a levava para o colégio era o pai. E também era ele quem de noite botava Nanda para dormir, conversava um pouco, ajeitava as cobertas, contava história, e dava beijo de boa noite (...) E Nanda também era feliz para sempre com o pai, naquele apartamento em que os dois cuidavam um do outro.

E em seguida Nanda percebeu que o pai estava encontrando uma namorada, pois lia as histórias mais depressa, saía para jantar 'com amigos' enquanto ela ficava mais tempo com a avó. A mãe se casou novamente e Nanda voltou a morar com ela e a passar os finais de semana com o pai e sua namorada que logo ficou grávida. Até que, com o nascimento do novo irmãozinho, a menina compreendeu que continuava sendo amada por todos. Mesmo que no final da trama a filha volte a morar com a mãe, e o pai, nesse caso, tenha o auxílio da avó no acompanhamento diário da filha, ressalta-se o afeto e interesse dele em compartilhar com a menina momentos importantes do seu dia-a-dia, como o café da manhã e o acompanhamento na escola, por exemplo. Na trama, o pai se torna menos presente com a filha em função da nova namorada, com quem dividirá suas atenções de homem/pai. De novo temos, de uma forma ou de outra, o pai construindo junto à filha momentos de convivência diária.

No livro **O menino Nito - então, homem chora ou não?** (25) o afeto aparece de uma outra maneira no final da trama. É uma narrativa brasileira, em terceira pessoa e traz uma família mononuclear (mãe, pai, filho). Conta a trama de um menino que *"tinha um probleminha: chorava por tudo. Quanto mais crescia, mais chorão ficava"*. O pai conversou com ele alertando que já era hora de parar de chorar tanto e que homem que é homem não chora: *"Acabou o chororô! Homem não chora! Você é macho!"*. O menino pensou sobre tudo que havia escutado e



encontrou a saída de engolir todos seus choros daqui em diante: *“Assim, desde a conversa com o pai, ninguém mais viu Nito chorar”*. O menino foi ficando triste, parando de brincar. Os pais, percebendo que seu filho estava doente, chamaram o médico, para quem Nito explicou tudo. O médico recomendou *“desachorar todo o choro engolido”*. *O menino ainda relutou: “Eu posso? Mas eu não sou homem?”* Ao que o médico lhe explicou que todas as pessoas possuem lágrimas e, por isso, devem chorar. O menino chorou e junto, sua mãe, seu pai e o médico. Nesse mesmo dia o pai chamou o menino e lhe falou emocionado que ele poderia chorar sempre que quisesse, mas não chorar sem razão.

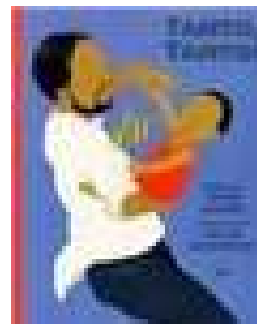
Embora na maior parte da trama o pai não demonstre situações de afeto com o filho, ele percebe que o menino está com problemas e, após resolução médica, o pai percebe que exagerou nas exigências de ‘como se deve agir para ser homem’ e conversa com o menino, ressaltando que aprenderam a lição que *“chorar é bom”*: *“Às vezes deixa a gente mais homem. Os dois se abraçaram forte. Ficaram assim um tempão... Um sentindo a batida do coração do outro..”*. Além do pai se aproximar do filho de uma forma mais afetuosa, sendo mais atencioso em suas palavras e carinhoso no abraço que deram, é importante dissertar sobre os investimentos que se faz da masculinidade desde a infância com o intuito de se construir aquilo que se entende como a masculinidade. Connell afirma que uma narrativa convencional da masculinidade enxerga o gênero como um “molde social cuja marca é estampada na criança, como se as personalidades masculinas saíssem, como numa fábrica de chocolate, da ponta de uma esteira” (1995:190). Indo de encontro a essa idéia de ‘produção em massa’ de uma única masculinidade tida como referente, o autor sugere que pensemos na construção das masculinidades como um projeto, não só individual mas também coletivo, propondo que esse movimento esteja continuamente se transformando através de várias relações do sujeito com discursos, práticas e instituições sociais.

No livro infanto-juvenil destacado anteriormente também é possível inferir que é o pai quem dá limite ao filho (de chorar ou não), idéia bastante recorrente pela qual a mãe dá carinho e atenção, e o pai dá limite e segurança. Nesse caso, no final da trama é novamente o pai que limita as condições para o filho poder chorar (‘chorar sim, mas com algum motivo’). Além disso, a explicação ‘científica’ do ‘problema’ do menino, e sua posterior solução são advindas da voz do especialista médico através de mais uma figura masculina delimitando ‘sabidamente’ o que se deve e o que não se deve fazer naquela ocasião. Assim, se percebe a figura materna ‘apagada’ pelas figuras paterna e masculina resolvendo e amparando o problema do menino Nito.

Em relação à centralidade que se dá a vozes de especialistas legitimando ‘verdades universais’, Meyer (2005) pontua:

Essa centralidade não é recente, na medida em que o posicionamento da ciência como ‘a’ instância que permite conhecer e explicar o que ‘as coisas’ são (ou deveriam ser) e como se pode (ou se deve) agir sobre elas para alcançar determinados resultados é um elemento constitutivo do pensamento moderno ocidental. Foi exatamente por reconhecer a implicação dessa ciência (que escreve a si mesma com C maiúsculo) com a produção de descrições do que o feminino e o masculino são (ou deveriam ser) que numerosas estudiosas feministas questionaram, ao longo das últimas décadas e de muitas formas, pressupostos básicos desse paradigma científico, tais como a universalidade, a racionalidade, a neutralidade, a objetividade, a prerrogativa de definir ‘a’ verdade, a ascendência sobre qualquer outra forma de saber que não compartilhasse de tais requisitos, a suposição de uma essência humana – masculina e branca - centrada na razão, dentre muitos outros (ibidem: 5-6).

O próximo livro, **Tanto, tanto!** (9), é proveniente da Inglaterra e traz uma narrativa em terceira pessoa de uma família nuclear (mãe, pai e filho). Nessa trama uma das centralidades é o afeto entre a família, sobretudo com o caçula. A história inicia com a mãe e o menino bebê em casa e, aos poucos, chegam vários familiares (tia, tio, avó, primos), que agradam o bebê demonstrando o quanto gostam dele, até que chega (provavelmente do trabalho) o tão esperado pai, que estava de aniversário. Então todos festejam com dança, comes e bebes, jogos e parabenizam carinhosamente o aniversariante. Em seguida todos vão embora e o bebê é colocado para dormir pelos pais que lhe dizem gostar dele “*tanto, tanto*”. É possível perceber a cultura afro (inglesa, ou até estadunidense) sendo retratada através das imagens: traços físicos marcantes, vestimentas coloridas, práticas culturais, como danças alegres, trajes do *hip hop*/ basquete (personagem do primo), por exemplo, ressaltando personagens negros na literatura infanto-juvenil, com outro enfoque de narrativa que não a discussão étnica, fato esse abordado anteriormente.



Na trama, a mãe aparece todo tempo no espaço privado do lar, cuidando do menino bebê e das práticas domésticas, como o preparo das comidas para a festa. Inclusive na narração aparece muitas vezes a frase “*Eles não estavam fazendo nada, Mamãe e o bebê. Nada mesmo. E então... TRRRIM! TRRRIM! (campanhia da casa)*” - e aos poucos vão se acrescentando os outros personagens até que chega o pai. Os demais personagens só passam ‘a fazer algo’ quando esse chega. Provavelmente ele veio do trabalho por estar com traje social, carregando uma pasta e com um ar de estafa. A figura paterna aparece como participante do mundo público e provável mantenedor do bem-estar daquela família, enquanto a mãe mantém a organização do lar e a confraternização pelo aniversário do

marido/pai. Se para muitos discursos o mundo público 'é' masculino, portanto, é o local no qual o homem exerce o seu poder, e o mundo privado da casa, por sua vez, é o local no qual a mulher 'pode' exercer esse poder. Unbehaum ressalta que, apesar de muitas mulheres terem conquistado seu espaço no mundo público através do trabalho, no mundo privado a manutenção das desigualdades é mais recorrente. Essa 'contradição' é proveniente da vontade feminina em "compartilhar com os homens as responsabilidades familiares [que] se mescla ao desejo de não abrir mão de um dos poucos espaços de poder de que as mulheres dispõem" (1998:171) [grifos meus].

No livro seguinte, **Uma surpresa para o papai** (4), como a própria contracapa diz: "*Companheiro de brincadeiras, amigo de todas as horas, gente grande e criança. Numa gripe, quase morre! No Dia dos Pais, quem se esqueceria desse ser especial?*". Esse é o pai representado no livro: companheiro, amigo, especial e que fica vulnerável quando gripado (precisando ser cuidado, possivelmente pela esposa – figura feminina atrelada ao cuidado da família). Essa é uma narrativa brasileira, de Nair de Medeiros Barbosa (1997), a qual se organiza em primeira pessoa por ser narrada pelo menino. Ele inicia contando que queria um presente especial para o Dia dos Pais que estava se aproximando. Ao citar várias idéias, traz representações tipicamente de uma masculinidade 'engavetada' nos princípios de inteligência, virilidade, destreza manual e agilidade: pensa num jogo de bola, num passeio de bicicleta, num livro ou cd e numa caixa de ferramentas. O que o filho queria era dar um presente com o qual o pai também pudesse estar com ele e algo que fosse barato. Teve a original idéia de construir um aquário com vidro, cola, pedrinhas e peixes de verdade. Vendeu alguns de seus brinquedos e passou a noite inteira montando o presente para seu pai. No dia seguinte deu-lhe a surpresa mostrando o aquário, ao que o pai ficou emocionado (a imagem mostra os dois abraçados e uma lágrima escorrendo no rosto do pai) e o menino pensou: "*Ué... parece que papai ficou mudo... por que será?*".

Uma história curta, com imagens e letras grandes, que trazem discursos de uma representação masculina e paterna ligada a características diretamente relacionadas ao 'mundo masculino', como suas ações e gostos (referindo-se às idéias de presentes levantadas pelo menino) por um lado, mas, por outro, mostra uma ruptura nesses discursos, uma vez que demonstra todo afeto e preocupação da criança em presentear o pai com



algo especial, ressaltando a cumplicidade deles e, além disso, ilustrando o sentimento do pai quando recebeu o presente, emocionando-se com o momento.

Sobre vínculos afetivos e expressão de sentimentos, relacionados à educação e paternidade no México, Francisco Islas (2002) afirma que³⁹

em geral, a paternidade se distancia da criação e educação de filhos e filhas, deixando às mulheres essas tarefas. Certamente que esse distanciamento tem suas origens e modalidades em aprendizagens sociais e culturais de gênero: se educa os homens privilegiando sua função de pais, de ser provedores e exercer autoridade e não assumir a responsabilidade por desenvolver vínculos afetivos, assim como a não expressar à sua parceira, filhas e filhos, suas emoções de forma aberta (2002:1).

Outro livro, intitulado **O homem que amava caixas** (15), de Stephen King (1997), mostra uma narrativa australiana em terceira pessoa e conta a história do pai e do filho e a trajetória do homem em se aproximar afetivamente da criança. Nesse livro ocorre uma ruptura na visão tradicional de paternidade no final da trama, pois o pai se emociona e mostra afeto pelo filho, mas antes, durante todo o enredo, o pai foi em busca disso, de se aproximar do filho afetuosamente, uma vez que não sabia demonstrar ao filho o que sentia. Como o próprio livro se define na contracapa, *“delicadamente explora a complexidade das emoções envolvidas quando se ama alguém, e mostra que, às vezes, o amor pode ser demonstrado através de atos e não de palavras. As ilustrações, de um colorido vivo, complementam o texto sensível e delicado”*.

A história começa assim: *“Era uma vez um homem/ O homem tinha um filho/ O filho amava o homem/ E o homem amava caixas”*, já demonstrando o distanciamento entre os dois. O menino tinha como companheiro um cachorro e o homem tinha as caixas, com as quais realizava inúmeras criações, o que pode ser visto na capa do livro e nas primeiras imagens internas, como quando o menino brinca de pipa, na companhia de seu cão, e na pipa está escrito *“pai”* enquanto seu pai está envolto com caixas de todos os tipos e tamanhos. A dificuldade do homem em dizer ao filho que o amava é ressaltada pelas imagens ricas em detalhes; nesse livro as imagens tem bastante efeito,



³⁹ Tradução nossa do original: “en general, la paternidad toma distancia en la crianza y educación de hijas e hijos, dejando a las mujeres estas tareas. Por supuesto que este distanciamiento tiene sus orígenes y modalidades en aprendizajes sociales y culturales de género; se educa a los varones a privilegiar su rol de padres, a ser proveedores y ejercer autoridad y no asumir la responsabilidad por fomentar vínculos afectivos, así como a no expresar a su pareja, hijas e hijos, sus emociones de forma abierta”.

dando vida ao texto. Importante ressaltar que o autor é ilustrador e esse é seu primeiro livro também com texto escrito.



A expressão pensativa e triste do homem, tentando buscar nas caixas uma solução para sua dificuldade, enquanto o menino está longe, à beira-mar, distraído com o cachorro, mas também passando uma sensação de 'tristeza', são um exemplo de como as ilustrações, muitas vezes, podem nos 'dizer' muito, mesmo que imagem e palavra não se fundam e que a linguagem produza o que pensamos ver no mundo (VEIGA-NETO, 2002). Assim, vale ressaltar que as imagens não trazem um sentido 'inerente' em si mesmas. Susana Rangel da Cunha ressalta que

os sentidos são construídos nas interações sociais e culturais que realizamos com elas [imagens]. Os contextos sociais e culturais amplos ou específicos, e as pessoas dão uma existência aos materiais visuais atribuindo significados. Portanto, o sentido não "emana" das imagens, mas dos diálogos produzidos entre elas e as pessoas, sendo que esses diálogos são mediados pelos contextos culturais e históricos (2004:170). [grifos meus]

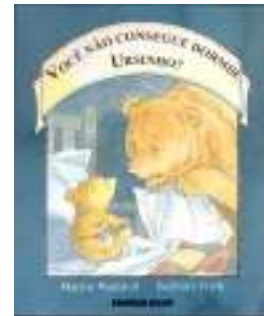
Então, o homem encontrou um jeito de se aproximar do filho, justamente através das caixas. Passou a construir castelos para ele brincar com seus amigos, aviões, carrinhos, mas ainda não interagia com o menino, apenas lhe dava o meio de brincar. Os vizinhos achavam o homem muito estranho, mas isso não o preocupava, pois tinham encontrado "*uma maneira especial de compartilharem o amor de um pelo outro*".



Se num primeiro momento o filho brincava sozinho, só com o cão, e o pai também se mostrava solitário com seus afazeres (por exemplo, lendo um livro), o pai, pelas suas criações com caixas, 'possibilitou' que o filho se divertisse com amigos para, em seguida, ele mesmo conseguir se aproximar do menino e juntos explorarem as criações, como a pipa que agora não leva o nome escrito do pai e, sim, vê-se o pai ao lado do menino empinando juntos a pipa de caixa de papelão. Essa conquista do pai e do filho demonstra que, se por um lado a expressão de afeto entre eles não era corriqueira, ambos encontraram um caminho para construir essa aproximação. O que se vê nesse recorte são identidades sendo construídas e transformadas, uma vez que as identidades que o sujeito possui se articulam e se mesclam, produzindo o sujeito num determinado momento e espaço social. Pires, sobre identidades, sintetiza: "ao mesmo tempo que uma [identidade] constitui a outra, essas constituem o sujeito, que por sua vez é constructo de práticas sociais organizadas e legitimadas por ele mesmo" (2002:19).

Outros dois livros trabalham a relação afetuosa entre pai e filho, ambos escritos por Martin Waddell, provenientes da Inglaterra e datados de, respectivamente, 1996 e 1999. São narrativas em terceira pessoa e trazem animais (ursos) como personagens. Várias análises desses dois livros se assemelham, por essa razão as problematizações aparecerão de forma conjunta em algumas vezes. Um aspecto importante é como os personagens(ursos) aparecem de forma bastante humanizada, seja nas falas e 'problemas' (como o medo de dormir), seja nos ambientes em que vivem (mesmo sendo uma caverna, essa se assemelha bastante a um lar 'humano', como veremos em seguida). Colomer (2003) afirma que a fantasia moderna, presente em muitas tramas contemporâneas, várias vezes traz animais humanizados, enfatizando novos imaginários e elementos fantásticos, sendo a fantasia, além de uma maneira de demonstrar (e construir) as representações de formas de vida de uma dada sociedade, um "instrumento privilegiado para resolver os conflitos psicológicos dos personagens" (ibidem:223).

O primeiro livro, **Você não consegue dormir, ursinho?** (29), trata da dificuldade do ursinho em dormir. Embora o livro não utilize os termos pai e filho, a trama sugere essa relação, que inicia da seguinte maneira: *“Era uma vez dois ursos. Ursão e Ursinho. Ursão é o urso grande, e ursinho é o urso pequeno. Eles brincaram o dia inteiro no sol quente. Quando anoiteceu e o sol se pôs, Ursão levou Ursinho de volta para casa, a Caverna dos Ursos”*. Quando Ursão deitou Ursinho na cama e se acomodou na *“Poltrona de Urso”* para ler seu *“Livro de Urso”*, percebeu que Ursinho não conseguia dormir por estar com medo do escuro. Então Ursão pegou o menor Lampião do *“Armário dos Lampiões”*, acendeu-o e colocou ao lado da cama de Ursinho:



- Você não consegue dormir, Ursinho? – rosnou Ursão, largando seu Livro de Urso (depois de ler só três páginas) e andando até a cama.
- Estou com medo – disse Ursinho.
- Por que você está com medo, Ursinho? – perguntou Ursão.
- Eu não gosto do escuro – respondeu Ursinho.
- Que escuro? – perguntou Ursão.
- Esse escuro a nossa volta – falou Ursinho.
- Mas eu lhe trouxe dois lampiões! – falou Ursão – Um pequeno e um maior!
- Mas não muito maior – disse Ursinho – E ainda tem muita escuridão. [...]
- Trouxe para você o maior lampião de todos! – ele disse para ursinho – Isso é para você parar de ter medo!
- Obrigado, Ursão – disse Ursinho, aconchegando-se sob o brilho do lampião e olhando a dança das sombras.
- Agora vá dormir, Ursinho – disse Ursão, voltando para a Poltrona de Urso, para continuar a ler seu Livro de Urso à luz da lareira.

E a trama segue assim, com diálogos semelhantes a esse. Ursão tenta ler um livro, mas é constantemente interrompido com o chamado do filhote, pois o medo não passa. Em cada vez que o pai se dirige ao quarto do filho, traz uma luminária um pouco maior do que a que havia antes no local, achando que assim o filho irá adormecer e ele poderá continuar com sua leitura. Uma das compreensões possíveis é que não exatamente era medo o sentimento do ursinho e, sim, o desejo de que o pai ficasse junto a ele naquele momento. E o Ursão, não entendendo ou não querendo se dispersar de sua leitura, buscava solucionar o problema levando-lhe cada vez mais luz.

No final, Ursão rende-se à situação, pega o filhote no colo e sai na escuridão da noite, em busca da luz do luar:

- Aii! Estou com medo – disse Ursinho, agarrando-se em Ursão.
Ursão ergueu Ursinho e abraçou-o, dizendo: -Olha para o escuro, Ursinho.
E Ursinho olhou.
- Eu lhe trouxe a lua, Ursinho – disse Ursão – A grande lua brilhante e todas as estrelas cintilantes.
Mas Ursinho não disse nada, pois tinha adormecido, são e salvo, nos braços de Ursão.
Ursão carregou Ursinho, dormindo profundamente, de volta para a Caverna dos Ursos, e sentou-se confortavelmente na Poltrona de Urso, ao lado da lareira, com Ursinho num dos braços e o Livro de Urso no outro.

Nesses recortes é possível perceber o quanto o afeto entre pai e filho é solicitado de uma forma mais presente pelo filho, enquanto para o pai, o cuidado inicialmente estava em preparar o ambiente para o filhote conseguir dormir. Somente quando o pai se fez presente de fato para o ursinho, passando-lhe segurança e proteção, é que o mesmo adormeceu em seus braços. Assim, a figura paterna cristaliza-se em 'ideais' tradicionais masculinos, como ser grande (Ursão), forte, protetor do Ursinho (indefeso e necessitado de segurança). Essas alusões também podem ser percebidas com a "Poltrona de Urso", o que nos remete à 'Poltrona do Papai', bastante utilizada em culturas Ocidentais, como uma das demarcações das práticas paternas no campo doméstico: estar nessa poltrona (lendo ou assistindo televisão) sugere não ser incomodado após um dia cansativo.

O que pode ser destacado nesses recortes é a circulação do personagem pai entre aquilo que se entende por 'coisas masculinas' e 'coisas femininas', ou seja, têm-se, nesse caso, as fronteiras menos fixas. Se, por um lado o pai é forte e protetor, por outro, é também ele que dá afeto e cuida, uma vez que ele exerce todas as funções relacionadas ao filho. Unbehaum problematiza as funções paternas e maternas definidas de forma fixa ao apontar:

Na medida em que ocorre a flexibilização de papéis por parte de um dos gêneros, pode haver reestruturação por parte daqueles que pertencem ao outro gênero, demandando não só uma renegociação de espaços de poder como também uma reorganização na identidade (1998:246).

Assim, quando há um casal ou quando há apenas um sujeito a realizar a figura de mãe ou pai, há de se haver a flexibilidade para se construir essa identidade. No caso desse livro, o pai (sozinho) demonstra ser bastante atencioso, paciente e acolhedor com o filhote, atendendo-o todas as vezes que chamou, conversando e procurando resolver o 'problema'. Nesse sentido, percebemos rupturas com uma visão 'tradicional' de paternidade, somadas ao fato de somente pai e filhote morarem na casa. Em nenhum momento há referência de

uma figura feminina/materna na trama; é o pai que brinca, cuida, põe para dormir, atende no meio da noite, leva para passear, acalenta o ursinho e provavelmente se responsabiliza pelas outras funções cotidianas. A casa parece bem aconchegante e organizada. Na sala, em cima da lareira, há uma foto dos dois com uniforme e uma bola de futebol, há uma chupeta, um pote de mel, cartas e um troféu esportivo do pai. No quarto do filhote há muitos brinquedos (a maioria de figuras humanas), desenhos colados na parede e também na porta. Com esses detalhes quero destacar o quanto a 'Caverna dos Ursos' é um lar aconchegante e 'saudável', sob os aspectos familiares de bem-estar da 'criança', mostrando como 'os pais também sabem cuidar dos filhos'. Essas modificações sociais também estão presentes em algumas vozes de especialistas da área médica e psicológica, nas quais muitos profissionais estão transformando suas percepções sobre o pai durante a gravidez e o convívio com os filhos. Um exemplo disso é o professor de puericultura da UFRJ e pediatra, Marcus de Carvalho, que destaca:

Mais e mais os homens têm assumido a cotidiana tarefa de assistir, banhar, alimentar, colocar para dormir, pegar na creche/escola, levar aos profissionais e serviços de saúde, vacinar... Estudos científicos já têm comprovado que o suporte emocional que o PAI oferece para sua companheira contribui na adaptação a gestação; que a presença do companheiro no parto está associada com menor necessidade de uso de medicação contra dor e com vivências mais positivas no pós-parto; e que a duração da amamentação também sofre influência positiva com o apoio paterno. O direito da participação do PAI nos serviços públicos, principalmente nas maternidades já é objeto de lei em alguns estados (Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro...), resultando entre outras conquistas: ele não é mais considerado mera "visita" nos hospitais. Nos consultórios e ambulatórios de pediatria é notável a presença cada vez maior dos pais nas consultas de seus filhos. É bom constatar que tendo chance, os pais assumem e aprendem a cuidar de seus filhos. Estão sem dúvida, mais conscientes de seu papel na formação da personalidade de seus filhos. Algumas mulheres estão vivendo uma situação contraditória, querem igualdade, liberdade, reclamam que estão sobrecarregadas com os cuidados com os filhos, que os pais são ausentes... Contudo, algumas não possibilitam a participação dos pais, desvalorizam seu modo de cuidar, desqualificam muitas vezes o seu jeito diferente de, por exemplo, de pegar ao colo, enfim, tem preconceitos... (2004: 1-2). [grifos do autor]

A segunda obra, **Você e eu** (30), traz o pai e o filho em situações corriqueiras, nas quais o filho solicita a companhia do pai todo tempo. Diferente do livro anterior, há o temo 'Papai Urso' e o Ursinho, identificando pai e filho, mas as expressões pequeno para este e grande para aquele se repetem do livro anterior. Os personagens são os mesmos, assim como a caverna onde moram, inclusive com a presença de lampiões e desenhos



espalhados pela casa, conforme a outra trama. O que difere é que esta história acontece a maior parte do tempo no bosque, nos arredores da caverna, enquanto que aquela se passa dentro da caverna em quase todo seu desenrolar.

O Ursinho queria brincar, mas o Papai Urso tinha muitas tarefas a cumprir:

- Eu quero brincar! – falou Ursinho.
- Tenho de pegar lenha para a lareira – disse Papai Urso.
- Vou pegar lenha também – disse Ursinho.
- Você e eu, Ursinho – Papai Urso falou.
- Vamos pegar lenha juntos. [grifos meus]

E assim os dois também buscaram água e arrumaram a caverna juntos. O ursinho queria brincar, mas o pai não havia terminado suas funções e aconselhou o filho a brincar sozinho, ao que o ursinho aceitou. O filhote brincou de pular, de se balançar, de plantar bananeira e de muitas outras coisas. Enquanto isso, o Papai Urso *“veio sentar-se em seu cantinho [...] fechou os olhos para descansar um pouquinho”*. Quando Ursinho foi chamá-lo para brincar, percebeu que estava dormindo: *“Acorde, Papai Urso! – gritou Ursinho. Papai Urso abriu os olhos. – Já brinquei bastante sozinho – falou Ursinho”*. Papai Urso acordou e os dois brincaram de esconde-esconde e inventaram outras brincadeiras, até o ursinho se cansar e irem para casa de mãos dadas no final da tarde: *“Que dia cheio hoje, Ursinho! – falou Papai Urso. – Foi ótimo, Papai Urso – respondeu Ursinho. – Só você e eu, brincando... juntos”*. [grifos meus]. Encerraram o dia (e a história) com um momento de refeição (provavelmente jantar), no qual o pai passa mel no pão para o filho, que já está de pijama sentado em sua ‘cadeirinha de comer’.

Nesta trama, como na outra, o destaque se dá para o afeto entre pai e filho e todo cuidado que o adulto tem com esse a partir dos detalhes, como apoiá-lo em uma almofada para ficar mais alto na cadeirinha (embaixo dessa há brinquedos e uma chupeta do filhote - o que remete a uma idéia de infância ‘feliz’), manter a casa organizada, com mantimentos (alimentos, água, lenha), anunciando um lar ‘alegre e saudável’ para o ‘desenvolvimento’ do filhote.

O pai, após um dia cheio de trabalho, aparentemente não se importa de ser acordado pelo filho e se dispõe a brincar com ele pelo resto do dia, além de organizar os posteriores momentos do cotidiano dos dois.

Importante destacar a ênfase dada pelo pai por estarem fazendo muitas coisas em parceria, o que alude ao título da obra: *Você e eu*. Esse companheirismo em todos os momentos pode fazer referência ao que muitos pais buscam: viver uma forma participativa

de paternidade, de modo que os pais

desenvolvam outros tipos de cuidado, além daqueles relacionados aos aspectos físicos propriamente ditos, o que possibilitaria, por fim, benefícios para suas crianças, com uma relação afetiva mais próxima. [Destaca-se que] homens que desempenham mais tarefas de cuidado para com as crianças relataram uma maior satisfação na relação conjugal (ENGLE; BREAU, 1994, apud LYRA, 1998:194). [grifos meus]

Em seguida, mais um livro que traz os animais como personagens e, novamente, a presença do urso, mas com outros animais ‘figurantes’, como o coelho, a cegonha e o peixe. Colomer (2003) pontua que as histórias de animais, além de derivarem das fábulas, têm bastante presença nos livros infantis, sobretudo aqueles direcionados às crianças menores e aos leitores iniciantes. Além de animais humanizados descrevendo a sociedade humana, muitas vezes há a convivência entre personagens animais e humanos, numa “descrição realista dos animais, normalmente convivendo com os protagonistas crianças ou jovens, para tratar de sentimentos de afeto, lealdade ou de socialização em geral” (ibidem:190).

No caso dos livros desta pesquisa, as obras contendo animais como personagens buscam trabalhar com ‘problemas’ e sentimentos humanos, como no livro a seguir, que explora o desejo de se tornar pai.

O urso que queria ser pai (10), de Wolf Erlbrush (1996), é uma narrativa inglesa em terceira pessoa. Após hibernar por todo o inverno, o urso acorda na primavera com fome e sai da toca. Após se alimentar, numa tarde ensolarada, *“teve uma idéia que ficou dando voltas na sua cabeça: se tivesse um filhinho...Puxa, que pai grande e forte ele seria!”*. Após pensar bastante e sem saber o que seria preciso fazer para virar pai de um ursinho, o urso gritou em direção à floresta na manhã seguinte: *“Será que alguém poderia me dizer o que eu faço para ter um filhinho?”*. O coelho foi o primeiro animal a lhe responder e daí sucederam-se várias explicações de como se tem um filho: *as crianças crescem no meio de nabos* (coelho); *é só pôr um ovo e chocar* (pássaro); *é só espalhar açúcar no caixilho da janela e esperar pela cegonha* (salmão). E a cada explicação realizava uma tentativa, a fim de ter um filho, até tentar chocar ovo o urso tentou. Então se lembrou da história da Nuvem Milagrosa dos Ursos, a história que sua mãe havia lhe contado inúmeras vezes, *“é nessa nuvem que os filhotes de urso brincam antes de virem ao mundo”*. Foi quando uma ursa lhe perguntou se ele estava com vontade de ter um filho, conversaram sobre a história e a ursa o convidou: *“Se você quiser vir comigo um pouco, na próxima primavera podemos estar com uns filhotinhos muito lindos”*. A trama termina com os dois indo passear.



Nesse livro é possível problematizar, a partir do que o autor traz, as diversas explicações dadas às crianças sobre o nascimento, num discurso pautado na preservação da inocência infantil, sendo os adultos 'responsáveis' por determinar o momento correto de as crianças saberem 'a verdade' sobre sexo e sexualidade. Assim, há uma vigilância na sexualidade das crianças (suas ações, brincadeiras, curiosidades) bastante incentivada por muitas instituições escolares e famílias, sendo esse um assunto controlado. Como alerta Felipe, "a tentativa de dessexualizar as crianças é um fenômeno recente na história ocidental, pois até meados do século XVII meninos e meninas conviviam com o mundo adulto em todas as suas nuances" (2003:58).

Outro aspecto importante ligado ao gênero e à sexualidade é o fato de a personagem feminina trazer a 'verdade' de como se faz um filho e, além disso, tomar a iniciativa de convidar o urso a fazer um filhote. Ou seja, a fêmea é ativa e mantenedora de poder naquela situação, levando o macho (passivo e ingênuo) para reproduzirem. Esse movimento rompe com discursos que definem o macho/homem como aquele que irá direcionar a situação através de seu conhecimento e destreza viril. Nesse caso, o urso é quem deseja ter filhos ('instinto paterno?') e não a ursa quem demonstra o 'desejo inerente ao seu gênero'. A personagem feminina conduz o personagem masculino à cópula, ainda que não seja possível deixar de pensar que o poder de sedução pode ser um daqueles que a fêmea/mulher possui, com mais facilidade, frente ao macho/homem. Segundo muitos discursos, o poder privado (dentro de casa) e o poder sedutor são as 'armas' fortes e, talvez, umas das poucas com as quais as mesmas podem contar, o que vai de encontro a outras visões que trazem a superioridade feminina em outros campos sociais, como o desenvolvimento profissional e grau de instrução. O que vale destacar são as representações de macho e fêmea desse livro. Como refere Louro,

é necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico (1998:21).

Nesse livro, mais de um discurso sobre feminino e masculino atravessa essas representações: ao mesmo tempo em que a ursa é inteligente e 'possuidora' da resposta da questão essencial do livro, ela também exerce um poder não só por esse saber, mas também por sua sensualidade. E o urso, por sua vez, demonstra em sua representação uma ruptura pelo seu desejo de ser um pai, de poder brincar com seu filhote. Nessa direção do desejo do homem em se tornar pai e vivenciar essa paternidade, mesmo que carregado

de discursos como “*que pai grande e forte ele seria*”, encontramos esse deslocamento discursivo do pai demonstrar seu sentimento e desejo em construir sua paternidade.

Ao encontro disso estão os pais que lutam judicialmente pela guarda de filhos e filhas no direito de família brasileiro. Embora várias alterações tenham sido feitas na Constituição Federal Brasileira de 1988, como a eliminação de chefia familiar, determinando a igualdade de direitos e deveres para ambos os cônjuges⁴⁰; a mulher passando a ser “a companheira, consorte e colaboradora do marido”, conforme aponta Unbehaum (1998: 177), são necessárias outras modificações que possibilitem aos homens (que desejarem) o direito igualitário de licença parental (para pais e mães poderem levar seus filhos e filhas ao médico, por exemplo), além da licença paternidade que, se para a mulher são fornecidos 120 dias, para o homem são apenas cinco dias úteis de licença. Há ainda a guarda de filhos e filhas, sobre o que Unbehaum alerta:

Em nenhum momento há menção à possibilidade da guarda dos filhos ser atribuída ao pai, a não ser nos casos em que a mãe for considerada incapaz por questões morais, doença grave. A mãe aparece como a “guardadora” natural dos filhos [...] Além disso, as decisões judiciais são minuciosamente subsidiadas por pareceres psicológicos, cujos princípios estão pautados na crença de que a mãe é peça insubstituível na formação socioemocional da criança. Por trás do discurso jurídico e de senso comum se escondem valores morais e culturais sobre o que deve ser a boa maternagem e paternagem, até o momento pouco questionados à luz das atuais mudanças nas relações parentais. A meu ver, o texto do novo Código Civil corrobora essas concepções ao não explicitar o direito do pai a custódia dos seus filhos (1998:179-180).

Outra questão ressaltada, a partir do livro analisado acima (*O urso que queria ser pai*), é o quanto o discurso da heterossexualidade se faz presente, quase que por unanimidade, nos livros infanto-juvenis. Na busca do macho em solucionar seu ‘problema’, ele encontra a fêmea e vão rumo à reprodução, assim como na maioria dos livros desta pesquisa, em que a mãe se faz presente como uma determinação de uma relação heterossexual, e, quando não aparece, supõe-se sua existência, salvo o livro já citado (**O Livro da Família** – 23) em que rapidamente sugere a possibilidade não heterossexual, como argumentada anteriormente. A masculinidade hegemônica, pautada no patriarcado, define a heterossexualidade como a sexualidade referente para as identidades masculinas. Importante destacar que mesmo a identidade referente (ou hegemônica) possui conflitos em seus campos de atuação. Como lembra Seffner, “não temos uma única forma da masculinidade hegemônica, pois adotamos aqui um enfoque relacional para elaborar essas

⁴⁰ Constituição Federal Brasileira de 1988, artigo 226, §5º.

definições [ocasionando com que a própria] masculinidade hegemônica esteja estabelecida num terreno de disputas de significados” (2003:125) [grifos meus].

Retomando as representações que envolvem o afeto paterno, um exemplo do ‘saber-cuidar-materno’ e do ‘não-saber-cuidar-paterno’ pode ser visto em um dos livros agrupados, ***Acampando com Papai***(11), de Sonia Forjaz (1993), no qual o pai sugere um acampamento com seus filhos e de imediato a mãe percebe que não dará certo: “*Quero ver isso. Ah, se quero! Falou mamãe, certamente imaginando as confusões que papai faria*”. O pai compra os materiais errados, não consegue armar a barraca, não leva cobertores, queima a comida e faz as crianças tomarem chuva e passarem frio. Como se estivesse “adivinhand”, a mãe não ficou surpresa com a volta antecipada, até já havia preparado uma farta mesa de café da manhã. E o pai conclui: “*Querida, nós não vamos acampar nunca mais. Quero passar o meu dia de chinelo, dentro desta casa adorável*”. O espaço privado é onde a mãe, nesse caso, exerce seu poder perante marido e filhos, uma vez que já havia organizado o café da manhã prevendo o retorno antecipado, além do reconhecimento do marido em relação à casa ser segura e ‘adorável’. O espaço doméstico pode ser uma esfera de tensões à medida que esse é um dos (poucos) lugares que muitas mulheres podem exercer o poder. Unbehau, sobre essas tensões destaca que “o desejo feminino em compartilhar com os homens as responsabilidades familiares se mescla ao desejo de não abrir mão de um dos poucos espaços de poder de que as mulheres dispõem” (1998:171).



Além disso, o discurso de “esposa-dona-de-casa-mãe-de-família” presente na representação feminina/materna desse livro vem ao encontro dos estudos sobre o governo das mulheres realizados por Felipe, nos quais ela destaca que a identidade feminina se relacionava (e ainda se relaciona, segundo muitos discursos) diretamente ao “dar-se de forma incondicional, dedicando-se à família, sendo a principal responsável por sua manutenção” (2000:130). Almir Rodrigues e Sílvia Yannoulas (apud Felipe, 2000:130) observam que a identidade feminina se estabeleceu “com base no amor/entrega, do ser para os outros, da heteronímia, em um contrato temporalmente infinito (1998:66). Ao que Felipe (2000:130) observa: “muitos discursos, desde o início do século [XX], procuraram fazer de tal argumento uma verdade universal e imutável”. Assim, nesse livro é possível perceber o quanto as funções maternas estão bem delimitadas em relação à família e ao bem-estar de filhos e marido.

2.3. Pais ‘visíveis e invisíveis’⁴¹: das presenças e ausências paternas

Na maioria dos livros, a paternidade foi trabalhada a partir de uma separação do casal, ou seja, com a ruptura da família mononuclear, o pai passou a ser (mais) visível na relação com sua prole. Esse fato pode ser considerado como um ‘problema’ a ser discutido e ‘resolvido’ pelos livros, cujo enredo, além de ser lido para as crianças, também pode auxiliar e embasar outros momentos, como conversas entre mãe/pai e filhos/as.

Levando-se em consideração que os títulos se situam no período entre 1998 e 2004, provavelmente poder-se-ia fazer uma associação com o crescimento do número de divórcios feitos nesse mesmo período no Brasil⁴². Como indicado pelo IBGE, desde a década de 80 as separações judiciais e os divórcios têm aumentado consideravelmente. O último censo aponta para um pouco mais de 103 mil separações e em torno de 138 mil divórcios no ano de 2003. Assim, em relação a 1993, por exemplo, o volume de separações e divórcios cresceu 17,8% e 44%, respectivamente (ver anexo 1).

Talvez esse seja um dos aspectos que ocasionaram a ‘aparição’ dessa temática (separação dos pais) nas tramas infanto-juvenis, propiciando um espaço para se falar da paternidade, situação essa pouco encontrada em livros da década de 80 e anos anteriores.

O que se pode inferir também, em relação às separações dos casais como situação-problema de muitas narrativas, é o teor de ‘auto-ajuda’ freqüente em muitas obras infanto-juvenis atuais. Vera Lucia Alves, ao citar uma reportagem sobre a auto-ajuda brasileira e o público infanto-juvenil, ressalta constatações da própria matéria⁴³:

Era inevitável’ que a auto-ajuda viesse a se dedicar a este grupo de leitores. Comparando os objetivos destas obras aos clássicos livros de histórias infantis que intencionavam transmitir valores morais às crianças, a literatura de auto-ajuda é apontada como a mais nova corrente, diferenciando-se dos clássicos pela sua praticidade de ação: não usam metáforas, “vão direto ao ponto”. São obras que visam a ajudar as crianças a lidar com o divórcio dos pais, a enfrentar preconceitos, a superar perdas, entre outros problemas (2005:53).

Assim, as presenças e as ausências paternas são extremamente significantes no propósito de problematizar a paternidade nessas representações culturais. As ausências paternas ficam por conta de pais que moram juntos com os/as filhos/as, mas que “convivem” pouco no cotidiano familiar; pais que se fazem presentes nos desafios e descobertas de sua

⁴¹ Conforme descrição do personagem filho sobre os tipos de pais existentes (Livro Pai sabe tudo e muito mais, de Edy Lima).

⁴² Conforme dados do IBGE dos anos de 1997 e 2003 (último divulgado). Dados completos verificar em www.ibge.gov.br.

⁴³ http://veja.abril.uol.com.br/150904/p_127.html.

prole; pais cuja ausência física angustia filhos/as que aguardam seu retorno ou que elaboram seu falecimento.

Nesta seção, foram delimitados dez livros, quais sejam: *O dia de ver meu pai* (28); *Papai nunca mais voltará para casa?* (14); *Cara de um, focinho de outro* (18); *Ouvindo as conchas do mar* (24); *Pai sabe tudo e muito mais* (17); *Paieê!* (22); *Só meu pai sente saudade* (5); *Um pai de verdade* (6); *Ver de ver meu pai* (2); *Presente de pai* (3).

Em relação às composições de todos os livros reunidos para esta pesquisa, se percebe uma maioria de famílias nucleares, embora também haja um número significativo de famílias separadas, nas quais ora as crianças moram com as mães (a maioria) ora vivem com os pais. Com frequência, os pais separados e que não moram com os/as filhos/as, são os que mais podem se relacionar com o termo diversão. Os momentos de fim de semana ou de domingos entre pai e filhos/as são momentos de descontração, passeios, 'de coisas boas'; enquanto que para as mães que convivem com os/as filhos/as todos os dias, a maioria dos momentos, como já foi dito, é de tratos diários, cuidados, afeto e cobranças.

O livro *O dia de ver meu pai* (28), de Vivina de Assis Brasil (1988), é uma história brasileira contada por um narrador em primeira pessoa, o filho mais velho, Fabiano. A história relata o cotidiano de uma família separada, na qual o menino e o bebê moram com a mãe. O filho vê o pai nos domingos e esse (o pai) não conhece o bebê, nem ao menos foi vê-lo no hospital quando nasceu. O filho inicia a narração dizendo que era domingo, dia de ver seu pai, que não mora mais na sua casa. E, ainda sobre o pai, ressalta:



Tenho dia marcado para ver meu pai. (...) ele (pai) fala mesmo é de coisas que me interessam muito: futebol, moto, rock, desenho animado, histórias em quadrinhos. Quando saímos, sempre paramos numa banca de jornal, e ele compra o que eu quero (...) Levantamos do banco onde estávamos e fomos andar em volta do parque (...) Meu pai chega sempre igual. (...) Sorri, assovia duas vezes no meio dos dentes, de um jeito que eu ainda vou aprender, com ele, e faz um gesto de que vai me esperar. (...) Hoje não foi diferente. Saímos, comemos pipocas, depois almoçamos (...) e ficamos na fila do cinema. (Livro *O dia de ver meu pai*)

O pai aparece normalmente na mesma hora e leva o filho para fazer praticamente as mesmas coisas, muitas delas provenientes do 'universo masculino', como falar sobre futebol, um dos assuntos mais recorrentes nas conversas dos dois. Mais uma vez o futebol aparece como demarcador de masculinidade, assim como a situação de não demonstrar os sentimentos, uma vez que o pai relutou em responder ao filho ao ser questionado se chora,

falando que sim somente após inúmeras insistências do menino; então disse que suas lágrimas foram pelo seu time de futebol. Não satisfeito, o menino insistiu mais e o pai disse que havia chorado quando o filho tinha nascido. O filho perguntou então:

-Você já chorou por causa dela? / - De quem? / - Ora, de quem, você sabe. Da mamãe.
/ - Já./ - Muito ou pouco? / - Muito. / - Por quê? / - Por todos os motivos. Você vai entender quando for homem. / (...) - Agora você não chora mais por causa dela? / Não.

O que se percebe nessa trama são representações femininas e masculinas fortemente marcadas por ideais 'tradicionais' de gênero, como a mãe frágil que chora pelo casamento desfeito e o pai que sustenta a família financeiramente. Demonstrem ser adultos que não sabem como lidar com os problemas, então o pai desconversa e a mãe sustenta, mesmo que poucas vezes, as aflições do filho. Nesse sentido, se vê uma maternidade que, segundo muitos discursos, deve abarcar todo o desenvolvimento e bem-estar da prole. Felipe (2000), em seus estudos sobre maternidade, pontua:

As mães foram colocadas como principais responsáveis pelo êxito ou fracasso do desenvolvimento infantil, sendo incentivadas a produzir crianças ativas e autônomas, devendo exibir junto a elas uma pauta interativa que promovesse tal comportamento (ibidem:81).

A situação conjugal, após o nascimento do segundo filho, se estruturou da seguinte maneira: enquanto o recém-nascido ainda estava no hospital, o pai deixou a esposa para viver com outra mulher. Desde então, só vê o filho mais velho aos domingos. Nesse livro, a mãe é descrita como a que sofre mais pela separação, que chora às escondidas do filho em função do marido que foi embora. O menino explica a tristeza da mãe, que tenta disfarçar os olhos vermelhos alegando que precisa ir ao oftalmologista:

(...) É sempre no banheiro que ela chora. (...) Meu colégio, minhas roupas, meus sapatos, as fraldas do meu irmão, os choros, nossas doenças, nossos aniversários, os aniversários dos amigos, minha mãe pode ter tempo? A casa, os pagamentos, as feiras, os supermercados, a campainha, o lixo... minha mãe pode ter tempo? Mesmo que tivesse, ao oculista não iria. Os olhos vermelhos dela não se curam com receita médica, nem os soluços abafados. Ela chega a abrir o chuveiro enquanto chora, para eu não escutar o barulho. Mas já me acostumei a ficar na porta esperando.

Esse livro traz consigo representações que delimitam fortemente as atribuições e posições sociais femininas/maternas e masculinas/paternas, determinando as fronteiras, de

forma a fixar como deve ser uma mulher e mãe (submissa, passiva, emotiva) e o homem/pai (ativo, tomadora de decisões, provedor financeiro). Essas representações aparecem de uma forma exacerbada, exagerada. É ele quem ‘abandona’ a família para viver com outra mulher e essa atitude aparece no livro como algo não muito comum em nossa sociedade, tanto é que, como se verá a seguir, os colegas discriminam o menino por ele ser filho de pais separados. Esses discursos vêm carregados de relações de poder sobre as interações estabelecidas entre filho, mãe e pai, de forma a estabelecer uma forte oposição binária entre masculino e feminino. Sobre o binarismo nas relações de gênero, Scott ressalta:

o gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político tem sido concebido, legitimado e criticado. Ele não apenas faz referência ao significado da oposição homem/mulher; ele também o estabelece. Para proteger o poder político, a referência deve parecer certa e fixa, fora de toda construção humana, parte da ordem natural ou divina. Desta maneira, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se parte do próprio significado de poder, por em questão ou alterar qualquer de seus aspectos ameaça o sistema inteiro (1995:92).

Mais uma falta de verossimilhança, para a contemporaneidade, está na maneira como essa situação familiar foi motivo de brincadeiras pejorativas na escola do menino. Quando o professor pediu que fizessem uma redação sobre o Natal e o Ano-Novo, os colegas logo alegaram que Fabiano não poderia fazer:

- Porque você não tem família, sua mãe não vive com seu pai.
- É, a mãe dele é separada!
-E o pai mora com outra mulher.
-Ele só vê o pai aos domingos.
-E o irmão menor? Esse nem conhece o pai.
Num instante, formaram um coro: “o Fabiano não tem família, o Fabiano não tem família, o Fabiano...”
- Parem! Vocês estão loucos?
O professor falou muitas coisas, mas não ouvi nenhuma. Deitei sobre os braços cruzados, em cima do caderno, e não escrevi nada. Algumas páginas ficaram ensopadas.

Para o final da década de 80, quase 90 (época em que foi escrito o livro), um diálogo desse tipo não parece ter acompanhado as mínimas modificações sociais sobre os gêneros masculino e feminino, como por exemplo, o aumento significativo de separações judiciais no Brasil, nessa mesma época.

As dúvidas do menino reforçam ainda mais esse discurso sobre configurações familiares mononucleares. Fabiano chegou em casa com muitas dúvidas para sua mãe. Ao que parece, a separação do casal não foi esclarecida para a criança, que não sabia de

todas aquelas coisas que os colegas já tinham conhecimento. E perguntou à mãe: “-Mamãe, é certo ou errado você ser separada? O papai tem outra mulher? Eu não tenho família? E Natal? E Ano-Novo? A gente não pode viajar? E o neném, ele nunca vai ver o papai, como eu vejo?”.

O ideal de família esperada pelos personagens do livro vai além do sentimento triste da separação, a ênfase dada nos comentários dos colegas de escola e nas dúvidas do menino supõem uma ligação direta entre ‘família nuclear – correto socialmente – felicidade’. Ileno da Costa (2002), sobre a desconstrução da família, afirma que

o choque com os últimos acontecimentos nas relações familiares (no mundo inteiro, e não só no Brasil) não passa de uma primeira reação àquilo que era negado, escondido e rejeitado. E apontam para a necessidade de (re) pensarmos as relações familiares não tão somente da ótica da moral imperante, mas também das morais e sofrimentos subjacentes a ela. Podemos afirmar que é preciso pensar a família em termos “pós-modernos”, ou seja, contemplar a pluralidade e as complexidades das manifestações familiares, dos sofrimentos e das experiências humanas. A pós-modernidade se caracteriza pela negação de grandes narrativas e explicações para as complexidades da vida e deixa espaço para a manifestação de toda complexidade existente na construção da vida humana (ibidem: 2).

O filho, num outro momento, insistiu para que seu pai subisse ao apartamento, uma vez que ainda tinham 15 minutos do tempo estipulado pelo juiz, ao que ele respondeu negativamente: “-Não, filho, eu não posso. Nem hoje nem dia nenhum../-Você não pode ou não quer?/- Não sei./-Não sabe?/- É, não sei muitas coisas. Você pode ir aprendendo isso, viu? Pai não é uma pessoa que sabe tudo”(grifos meus). A história encerra sem uma modificação na vida do menino, o pai não subiu ao apartamento, não cantou a música ‘Machadinha’ (nem sua mãe), que o filho tanto pedira (pois ele era embalado com essa canção quando pequeno): “*Meu pai me deu um beijo diferente, acho que cheio de amargura [...]Quem, no mundo, seria capaz de completar, para mim, as frases incompletas de meu pai e de minha mãe?*”.

Essa história traz os personagens da mãe e do pai sem saber lidar com a separação. A mãe triste e ainda desejando ser amada pelo marido. Esse, com uma aparente culpa por toda a situação. Os dois, sem explicar ao filho sobre essas mudanças e, ainda, não lhe proporcionando momentos de conversar sobre o assunto que lhe incomoda. Essas ‘complicações’ resultam numa trama sem o tão esperado final feliz, o que é percebido como um deslocamento em meio a todo esse discurso ‘tradicional’ sobre gênero e família, sobretudo sendo este título o que traz esse diferencial, as demais narrativas desta pesquisa mantém um desfecho ‘positivo’ em seus enredos.

Sobre finais felizes, Colomer (2003) desenvolve:

O desenlace tradicional da narrativa infantil e juvenil é o desaparecimento positivo do problema proposto [...] Recordemos que esse tipo de desfecho é o mesmo dos contos populares e que foi valorizado pela psicanálise como um traço imprescindível para a função educativa da literatura infantil (2003:286).

Outro aspecto relevante se refere ao pai que se coloca numa posição de assumir que *não sabe de tudo*, inclusive de como lidar com toda essa situação. Cabe enfatizar que nesta pesquisa não se está propondo juízo de valores e, sim, enfatizando como pais, mães e filhos/as são representados nos livros. Ao mesmo tempo em que a trama traz discursos carregados de idéias de família, de exigências maternas e paternas, de discriminação social, o pai num determinado momento reconhece não saber de tudo sempre. O que vem de encontro à frase dita por um filho em outro livro, a qual também é título do mesmo: “*Pai sabe tudo e muito mais*” (17). Se neste livro o pai ‘domina’ suas funções familiares de provedor, de inteligência, de saber resolver assuntos importantes, deixando à mãe a resolução de questões menos valorosas, no livro que está em questão agora (*O dia de ver meu pai*), o pai se sente culpado, frustrado frente à família e sem saber como tratar tudo isso.

Esse exemplo nos mostra a pluralidade de identidades paternas e a impossibilidade constante de se atingir todos os ‘quesitos’ de uma masculinidade e de uma paternidade hegemônica ao mesmo tempo. Essa é uma busca incansável, na qual, entre relações de poder, muitos homens/pais tentam ‘abraçar’ a maioria das características delimitadas, como um polvo que, com seus tentáculos, traz para si as ‘verdades’ das quais quer se apropriar, além de outras subjetivações aos quais o sujeito está suscetível, subjetivações essas que penetram por entre os tentáculos e se somam às demais características na construção masculina e paterna do sujeito, tornando-se ‘necessárias’ para o reconhecimento por si e pelos demais das identidades construídas. Segundo Veiga-Neto, “nos deixamos capturar por ela (verdade), como um efeito do poder, o qual, sendo sutil e insidioso, nos impõe tal verdade como natural e, portanto, necessária” (2000:58).

Outro livro que trata da separação dos pais é **Papai nunca mais voltará para casa?** (14), de Paula Hogan (2002). É uma narrativa estadunidense em primeira pessoa, contada pela filha do casal. O livro, de início, apresenta-se aos pais e professores se propondo a possibilitar a criança a experimentar diferentes sentimentos frente à separação dos pais, bem como “*aborda o clima artificial muitas vezes criado em situações de divórcio – o ‘papai de fim de semana’ – que pode levar a criança a sentir-se um*



peso na relação familiar; e o fato de que ao adulto cabe ajudá-la a posicionar-se adequadamente, isto é, a separar bem suas fantasias da realidade” (grifos dos Editores). A menina, Laura, mora junto ao irmão, Wilson e sua mãe. Os pais são separados e ele mora em outra casa. Tanto a menina quanto o menino estavam, cada um a sua maneira, demonstrando inquietação com essa nova situação familiar. A menina tentou conversar com o irmão:

-Você acha que papai voltará para casa um dia?
-Não.
-Mesmo que nos comportássemos maravilhosamente bem?
-Acho que nosso comportamento não tem nada a ver com isso. Papai e mamãe estavam sempre discutindo sobre coisas que não tinham nada a ver conosco.
-Eu sei, mas apesar disso, acho que...
-Estou ocupado – repetiu Wilson.

Também tentou conversar com a mãe, propondo que eles pudessem fazer as pazes, ao que a mãe respondeu:

- Seu pai e eu não éramos felizes. Se ele voltasse, recomeçaríamos a discutir. Sei como você se sente. Eu também estou triste. Mas as coisas estão melhor assim, como estão. Talvez não pareçam melhor agora, mas espere um pouco. Você verá.
-Eu só queria que fôssemos uma verdadeira família de novo. E você não quer nem mesmo tentar! (grifos meus)

A menina falou ainda com o pai, após terem se divertido bastante nas atividades de sábado:

-Papai, posso morar com você?/ -Por quê? / - Porque me divirto muito mais com você. Mamãe está sempre ocupada e cansada demais para se divertir./ - Se você morasse comigo – disse papai – iria ver que também estou ocupado e cansado a maior parte do tempo. De qualquer maneira, sua mãe decidiu que quer tomar conta de você e do Wilson. Talvez, mais tarde, nós todos mudemos de opinião a esse respeito. Mas, por enquanto, devemos continuar como foi combinado./ - Você não quer que eu more com você – disse eu, muito baixinho./ -Não é verdade e você sabe disso – disse papai./ Mas eu não me convenci.

Laura decidiu fugir na manhã seguinte, pensando que seus pais a odiavam, se escondeu no porão de um edifício abandonado. Seus pais a acharam em seguida, auxiliados por crianças que a viram, e então conversaram com a menina. Os pais fizeram uma nova combinação de uma vez na semana as crianças dormirem com o pai, além dos sábados, mas sem a obrigação de fazer passeios. De agora em diante fariam só quando tivessem vontade. A menina pensou: *“Quando papai disse isso é que eu vi como me*

cansava aquela obrigação de passear todos os sábados”. E após, complementou “- *Está melhor agora, com essa nova combinação, mas ainda não tenho uma verdadeira família*”, ao que a mãe explicou “- *Como não? Você tem um tipo diferente de família. O que importa é que seu pai e eu a amamos. Está aí o que não mudou, nem vai mudar nunca*”.

Com esses recortes é possível acompanhar o processo da menina em sentir-se amada e pertencente a uma “*verdadeira família*”, reconhecendo somente no final que a sua era uma outra configuração familiar. Mais uma vez, temos as ‘verdades impostas’ naturalmente, de forma que, se não nos reconhecemos na configuração hegemônica de família, podemos pensar que não temos família, uma vez que podemos não compreender como legítimas outras configurações que não a vista como ideal. Essas verdades ou, como nos remete Silva, “as grandes narrativas nascem do desejo de conter o fluxo constante e a complexidade do mundo e da vida social. Elas representam tentativas de ordenar, classificar, controlar a organização e a interação social” (1995b: 247).

Outra questão relevante é a posição do pai, ao afirmar que, em outro momento, todos da família podem redefinir as combinações da configuração familiar atual, bem como ao afirmar que ele só não estava sempre cansado e ocupado porque se viam aos sábados, ao passo que, se morassem juntos, ele também estaria como sua mãe. Fugindo, então, do emblema de ‘papai-diversão’, que só vê os filhos aos finais de semana e para realizar programas ‘super divertidos’, definiram estruturar diferente os momentos em que estariam juntos. Isso mostra um interesse do personagem masculino em vivenciar sua identidade paterna de uma forma que lhe parece mais pertinente. Da mesma maneira, no final da trama a mãe sugere à menina que, naquele dia, elas fizessem juntas algo para se divertir. A mãe também demonstrou desejo em modificar seu exercício da maternidade, fugindo um pouco das ‘obrigações diárias’ de organização da casa e cuidado com os filhos.

As identidades de gênero, conforme Louro (1998), assim como as outras identidades, se referem a algo que vai além do desempenho de papéis, uma vez que as identidades de gênero fazem parte do sujeito, constituem o mesmo. Além disso, elas vão se transformando, como os personagens buscaram fazer. Em cada tempo e espaço social é possível que as identidades se transformem, se contradigam, se fortaleçam, desapareçam, se multipliquem. Esse é o movimento do sujeito: ser mais de um, ser plural.

O livro seguinte, ***Cara de um focinho de outro*** (18), de Guto Lins (1997), traz uma narrativa brasileira em terceira pessoa. Conta a relação entre um pai e um filho que se gostavam e eram muito parecidos, mas não se falavam e o pai não tinha coragem de demonstrar seu sentimento para o filho.



O tempo passou e o filho se tornou pai e ligou para o seu pai para lhe contar que o neto era muito parecido como avô.

Ele era um cara legal, um cara que metia a cara (...) Dizem que era a cara do pai. Tipo cara de um focinho do outro. O pai do cara era um pouco careta, mas o cara gostava do coroa (...) E o coroa gostava do cara, da cara e da coragem do cara. Mas nunca teve cara de lhe dizer tudo isso na cara (...) e os dois nunca ficaram cara a cara. O tempo então foi passando e o cara foi ficando coroa. E cada vez mais com a cara do coroa. Um dia ele ligou pro coroa e falou logo de cara: tô o maior coroa e o meu filho é a sua cara!

Então os dois se encontraram e conversaram bastante, inclusive para saber se o neném era mais parecido com o pai ou com o avô. Esses três são os únicos personagens da trama. Essa narrativa mostra a distância entre pai e filho e a dificuldade de falarem de seus sentimentos um para o outro, devendo haver um 'acontecimento' para o filho se tornar pai e tomar a iniciativa de procurar o seu pai para se aproximarem. Nesse sentido, vale lembrar que a constituição da paternidade muito provavelmente pode sofrer interferências de percepções do homem na relação com o seu próprio pai e de como se deu a vivência de sua identidade enquanto filho, para que constitua, então, sua própria identidade paterna. Afinal, a identidade paterna, e qualquer outra, vai sendo construída a partir também das outras identidades que o sujeito possui, no caso, a identidade de filho.

O relacionamento entre pai e filho acontecia de forma que ambos se mantinham distantes. O pai não parece ter sido uma pessoa presente. Ao que parece, nunca se viram: "E o dois nunca ficaram cara a cara". As outras pessoas é que diziam que os dois eram parecidos. Nessa situação se supõe que o rapaz tenha sido criado por alguém e, nesse movimento, se sugere que tenha sido alguém do sexo feminino, em função do discurso da maternidade ser a referência na criação dos filhos; assim, não é necessário que ela seja visível para se fazer presente, aspecto esse a ser discutido na próxima seção.

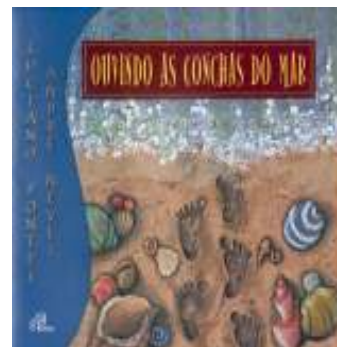
A relação do pai com o filho acontece quando o rapaz liga para o pai para contar-lhe sobre o nascimento do neto, afirmando que o mesmo é a cara do avô; então eles se encontraram para jogar dama na praça e conversar. A trama encerra quando os dois jogam cara ou coroa para ver "se o carinho era a cara do cara, ou a cara do coroa. *Eles nunca descobriram, mas a resposta estava na cara*". Esse distanciamento masculino e paterno, do pai que depois se tornou avô, nos remete às imagens de homem/pai distante afetivamente dos filhos, numa configuração tradicional de relacionamento em que o afeto é prioritariamente 'função' materna, sobretudo nesse caso em que o pai esteve distante por muitos anos. Meyer, sobre as figuras paternas (ausentes) e maternas, nos programas

públicos, sobretudo referindo-se a classes desfavorecidas economicamente, aponta:

Na direção dessa argumentação, os estudos realizados indicam, por exemplo, que a incorporação explícita de definições mais abertas e progressistas de família nas políticas e programas públicos, que resulta na mobilização política e da crítica de estudiosos/os e grupos organizados da sociedade civil, entre as quais me incluo, tem efeitos plurais e conflitantes. Um dos efeitos de poder dessa incorporação parece ter sido a 'naturalização' da ausência/inexistência do pai nos núcleos familiares mais pobres, o que tem implicado em dois movimentos distintos: por um lado, no posicionamento do Estado no lugar de autoridade conferido ao pai na família mononuclear moderna; e por outro, na sobreposição de uma parte significativa daquilo que aprendemos a significar como 'deveres paternos', sobretudo aqueles vinculados ao provimento do lar, aos já conhecidos 'deveres maternos'" (2005: 3).

Em outro livro temos a constante ausência do pai na vida do filho. Trata-se de **Ouvindo as conchas do mar** (24), de Luciano Pontes (2002), uma narrativa brasileira em terceira pessoa, na qual o menino demonstra tristeza em passar os dias aguardando o retorno do pai – um pescador, do qual desejava receber carinho e atenção frequentes:

(...) Assim eram as semanas, os dias e as horas para Caíque, que esperava seu pai aportar, ancorando seus desejos sobre a terra firme do imenso mar azul furtado (...) Não se banhava, nem brincava como as outras crianças da aldeia (...) Sempre que seu pai desembarcava do alto-mar, trazia-lhe novidades (...) mas o que ele queria mesmo, era encher seu pequeno coração-aquário de várias outras coisas que não se achavam no mar. Dessa última vez trouxe-lhe uma concha. – Filho, olha só. Ela fará companhia a você e, assim, quando eu estiver em alto-mar, poderá conversar com ela noite e dia.



Mesmo que seu pai sempre trouxesse novidades a cada retorno à terra firme, o que Caíque queria era carinho, afeto e presença paterna. Nos poucos momentos em que estavam juntos, Caíque aproveitava para conversar com seu pai e entender como o mar o atraía tanto, que não tinha tempo de ensinar o filho a pescar. Numa dessas conversas, Caíque olhou “*para os olhos de seu pai, viu que neles começavam a minar gotas d’água que nascem dos lagos que brotam dentro da gente*”, e perguntou:

- Pai, o que tem o mar para enfeitiçar, mal você chega e já quer voltar? Vai, pára de chorar e me ensina a pescar.
- Quando você sentir que foi fisgado por algum pensamento, quando a maré de saudade encher seu peito, seus olhos e todos os outros compartimentos, preste muita atenção aos segredinhos que sopram os ventos e ouça sua conchinha, ela dirá, na hora certa, como usar o anzol e a linha.

Com uma narrativa, por vezes, poética, e ilustrações atraentes e ricas em detalhes, o livro traz o distanciamento entre pai e filho, bem como o desejo do menino em se tornar como o pai, um ‘homem do mar’, provavelmente advindo desse ‘mistério’ que atrai seu pai ao mar.

As ausências paternas e a carência de demonstração de sentimentos (exceto as lágrimas que o pai derramou por estar longe do mar) acompanhavam o menino nesse movimento de entender sua vida e sua posição de filho em relação à posição do pai. Nessa situação, há a presença de uma figura materna que, como sugere o texto, cuida de Caíque: a Dona Luzia. Nessa ausência paterna, essa outra figura (feminina) é que se responsabiliza pelo cuidado da criança, seu bem-estar e ‘adequado’ desenvolvimento, o que nos remete a problematizar o que muitos discursos defendem: o homem/pai não sabe cuidar, é uma questão de escolha e aprendizado durante a vida (não biológica); enquanto a mulher e seu instinto materno lhe possibilita o cuidar e o educar, como se fosse algo intrínseco a todas as identidades femininas e maternas (biológico). Em relação a essa ‘capacidade biológica’ de a mulher cuidar não só de seus filhos, mas dos filhos dos outros, temos as discussões de Felipe em relação ao magistério como profissão feminina:

Outro fator importante foi a possibilidade de profissionalização através do magistério, embora essa carreira tenha sido muito marcada pela associação direta entre a capacidade biológica da mulher de procriar, implicando com os cuidados da prole, com a sua suposta capacidade de educar outras crianças que não seus/suas próprios/as filhos/as (2000:134-135).

O menino sentia medo de perder o pai para sempre, ficava angustiado a cada partida e queria logo saber quando o pai retornaria, ficou imaginando se o barco quebrasse e seu pai não voltasse, então perguntou a ele quando o levaria junto, ao que o pai respondeu: “– *Caíque, entenda, lá é um lugar difícil, não é igual a terra firme em que você vive*”. Então o filho insistiu se o pai voltaria, e ouviu a seguinte resposta: “*Um peixe vivo, meu filho, não pode viver sem as águas do mar*”. Essa insegurança deixada pelo pai contrastava com os incentivos para que o menino tivesse espírito aventureiro e desbravador.

Caíque, além de ter resolvido sua solidão da mesma forma que seu pai, aventurando-se pelo mar, esqueceu das ausências paternas e carência de sentimentos do mesmo, que só derramava lágrimas pela falta que o oceano lhe fazia quando estava em terra firme com seu filho. Mais uma vez há a racionalidade dos sentimentos do pai que incentiva o filho a ser igualmente corajoso e desbravador, não se apegando a “terras-firmes”, mesmo que essas seja um filho ou uma família. Assim, o menino estava,

possivelmente, percebendo o pai enquanto homem/pai, e atribuindo a si mesmo como deveria ser enquanto menino/homem à imagem do próprio pai, uma vez que Caíque foi desbravar o mar sem nunca mais voltar, sem ter a intenção de ver o pai ou a Dona Luzia novamente, sem ligar-se afetivamente a ninguém, mesmo que a mulher tivesse tentado convencê-lo de não ir:

(...) Quem sabe, um dia, você tomará coragem e irá desbravar por dentro e por fora esse mundo oceano (...) Estou ouvindo a mesma cantiga... Vou seguir o chamado (...) E Caíque foi entrando e as ondas do mar o levando (...) Nunca mais voltou, acabou se esquecendo da terra firme em que vivia. Descobriu que também era um peixe vivo e precisava do mar.

Essas construções sobre masculinidade ocorrem desde a infância, em direção diferente (e por vezes contrária) ao discurso de que se nasce homem, daí a necessidade de investimentos constantes. Assim como o personagem Caíque estava se construindo enquanto menino/filho, essas formações de identidades acontecem a todo tempo. Cruz, sobre isso, destaca:

Parece que as crianças vivenciam conflitos sobre delimitação de espaço, ambivalências, contradições, que refletem, em certa medida, as experiências adultas (como pai e mãe organizam o trabalho doméstico e o cuidado com as crianças? Como educadores concebem a participação masculina na creche?). O poder, as resistências, acomodações, rupturas e construções partilhadas nas relações de gênero aparecem não só entre homens e mulheres, mas também entre meninos e meninas no processo de construção de sua identidade (1998:249).

No livro **Pai sabe tudo e muito mais** (17), o narrador da história é o filho, que conta sua relação com o pai e, em um dos trechos comenta que:

Pai não é de uso diário como a mãe (...) Pai é para fim de semana. Então a mãe diz:
- Você precisa levar as crianças para dar uma volta, assim você curte seus filhos.
Não sei se ele curte muito. Domingo de manhã, está com a maior preguiça, quer continuar dormindo e eu insisto:
- Vamos, pai, está na hora (...).
A mãe me dá o maior apoio e diz para ele:
- Você precisa se aproximar de seus filhos, vá se divertir um pouco com eles.
Parece que pai tem muita falta de jeito para se divertir e prefere dormir de manhã, ver TV à tarde e sair à noite sem levar os filhos. Eu não acho graça nisso. Prefiro ir ao parque (...)
Pai fica ótimo quando se entusiasma com a brincadeira. Ensina a andar de bicicleta, mesmo que seja dando um empurrão e deixando você ir aos trancos e barrancos até cair, levantar, aprender e terminar sabendo. Ensina a nadar, mesmo que deixe você engolir um pouco d'água. Pode não ser perfeito, mas sabe todas as coisas, é mestre em tudo e isso tem seu valor.[grifos meus]

Embora se perceba nesses trechos transcritos, e em outros, o quanto esse pai é ausente no dia-a-dia do garoto, sem tempo para olhar as crianças, demorando em entusiasmar-se com as brincadeiras, ele é o herói, um ausente herói. Como uma mãe poderia 'competir' com um pai que não precisa colocar limites? Como competir com um pai que não cobra lições de casa? Como competir com um pai desses? Como um filho não querer ser igual a ele?

Obviamente não se sustenta a idéia de competição entre mãe e pai, contudo se ressaltam as funções paternas e maternas, além da visão do filho sobre esses familiares. A mãe, como sugere o livro, se 'usa' diariamente, enquanto o pai é 'usado' com bem menos frequência, somente nos finais de semana, na tendência de se 'valorizar' mais aquilo que não temos à disposição em qualquer momento. Assim, embora o pai "*tenha falta de jeito*" para se divertir com os filhos, o que ele faz é visto como 'maravilhoso', mesmo que "*deixe você engolir um pouco de água, mesmo dando um empurrão na bicicleta para você cair, levantar e aprender sabendo*". Essa representação de pai demonstra um homem 'obrigado' a exercer algumas funções com seus filhos, como a mãe incentiva: "*Você precisa se aproximar de seus filhos*"; e o filho retoma "*Pai tem muita falta de jeito para se divertir e prefere dormir de manhã*". Tal 'alienação' do homem enquanto pai, cuja principal função na trama parece ser a de provedor financeiro, demonstra um distanciamento afetivo do filho, aproximando-se de um processo "através do qual os homens chegam a suprimir toda gama de emoções, necessidades e possibilidades, tais como o prazer de cuidar dos outros, a receptividade, a empatia e a compaixão, experimentados como inconsistentes com o poder masculino" (KAUFMAN, 1995 apud LYRA, 1998:191). Lyra complementa essa visão de alienação do homem percebendo-a como uma "alienação de sentimentos, afetos, do potencial para relacionamentos humanos de cuidado" (ibidem:191).

Nesses trechos, se percebe que, embora ausente na vida dos filhos, o pai continua sendo admirado porque, afinal, "*é mestre em tudo*". As ausências podem ser desculpadas por pequenos momentos de lazer, mesmo que "*aos trancos e barrancos*", ou pelo simples fato de ser admirado pelo filho por saber e resolver coisas 'realmente' importantes.

Essa trama, por quase todo seu desenvolvimento, enfatiza a família mononuclear, mas no final traz outras possibilidades, que não se distanciam muito das delimitações 'tradicionais' das funções paternas e maternas:

Apesar de não conviver muito com o pai, a gente sente falta se ele for morar noutra casa. No fim de semana, ele continua a passear com os filhos. A vantagem é que já chega acordado. Às vezes vem ainda sonolento e leva a gente para a casa dele, deita no sofá e dorme. Se tiver casado de novo, a mulher dele reclama:

- Você traz seus filhos para cá para fazerem bagunça. Por que não vai passear com eles?

É quase a mesma coisa que a mãe da gente dizia. Conforme o seu estado de humor, o pai obedece ou finge que nem escutou.

Há diversos tipos de pai: o que mora junto e o que mora noutra casa. Há o que mora junto, mas viaja muito. Há o que trabalha longe, vem dormir em casa, mas a gente quase nunca o vê. Há o pai que trabalha perto e almoça em casa. Pode-se dizer que são duas grandes categorias de pai: os visíveis e os invisíveis, quer dizer, os que se podem ver com frequência e os que só se podem ver de vez em quando. [grifos meus]

Além do discurso do filho ‘alimentar’ as condições de uma paternidade dita ‘tradicional’, é possível inferir pelo próprio título da obra (*Pai sabe tudo e muito mais*) e pela frase “*pai não é de uso diário como a mãe*” que, embora esse livro e outros tantos tenham a intenção de discutir a relação entre pai e filho, muitas vezes acabam remetendo a uma idéia essencialista de que homens/pais são de um jeito e mulheres/mães, de outro. O menino ainda cria duas categorias de pai: “os *visíveis e os invisíveis*”, ou seja, os que vemos de vez em quando e aqueles que vemos com frequência. O que se percebe nessa trama são as construções sobre mãe e pai feitas a partir do que o filho entende e vive com esses familiares, de forma que o cuidado está para a mulher enquanto que o provento está para o homem. O que for feito, além disso, pelo homem torna-o “o *melhor pai do mundo*”. Nesse sentido, importante destacar que, embora a mulher ‘brigue’ pela displicência do marido, por ele não saber onde estão suas coisas, ou o incentive a se aproximar dos filhos, aparentemente ela demonstra ser conivente com essas situações todas, provavelmente percebendo o espaço doméstico ‘naturalmente’ seu, enquanto o ‘público’ naturalmente é de seu marido. Sobre essa postura feminina, Lyra (1998) nos lembra que, nas sociedades ocidentais, o cuidado com as crianças ainda é muito ‘normatizado’ como atividade feminina e que, por essa normatização, algumas mulheres se esquecem de que essa ‘norma’ é construída socialmente e passível de alteração.

O livro brasileiro **Paieê!** (22), de Marcelo Pacheco, 1990, traz histórias em quadrinhos sobre as relações entre pai e filhos/as. Essas oito histórias, em preto e branco, são organizadas, cada uma em duas páginas, de forma que com o livro aberto temos a visão total de cada história em quadrinhos, e trazem os personagens de uma mesma família, havendo o acréscimo de alguns outros, como o amigo do filho, por exemplo.



É relevante ressaltar que a literatura em quadrinhos é percebida por muitos como tão importante quanto os livros com predominância de textos, sobretudo os que contém mais imagens e menos escritos e são direcionados aos leitores iniciantes. Dessa maneira, tanto as histórias em quadrinhos quanto os livros com textos contém narrativas, diferenciando-se mais pelo formato textual e pelos códigos que utilizam. Nesse mesmo sentido, a leitura de histórias em quadrinhos (HQ) tende a ‘atender’ aquilo

que se entende por necessidade das crianças, seja o ‘gosto’ pela leitura, seja pelo ‘auxílio’ pedagógico e psicológico que essa possa dar. Segundo Nelly Coelho (2000), tem-se, em muitos casos, a preocupação de familiares e educadores, sobre as leituras de HQ (principalmente aquelas presentes em jornais e revistas) em função do seu ‘conteúdo’, que muitas vezes não tem uma supervisão quanto a orientar se é passível para crianças lerem. O que se percebe, então, é um cuidado dos adultos sobre aquilo o que as crianças terão acesso para leitura e ‘descoberta’.

A autora também ressalta que as HQ brasileiras surgiram com Maurício de Souza em 1960, e que a turma de personagens, iniciada com a Mônica, vem aumentando desde então. Destaca-se também que a Turma da Mônica ultrapassou o espaço das HQ, tornando-se filmes e outros artefatos culturais.

É fundamental ressaltar que, se para Coelho o que interessa sobre as histórias em quadrinhos, assim como em outras formas de literatura infanto-juvenil, é “a descoberta da literatura, para os pequenos leitores, como prazer e como elemento formador de seu espírito ou consciência de mundo” (2000: 220), para mim, como pesquisadora, o que importa nas histórias em quadrinhos neste momento é como elas também trazem representações de homem/pai e como discursos sobre essas identidades circulam por esses artefatos.

No livro já referido **Paieê!** o humor se faz presente nas histórias em quadrinhos, como na história “O espelho”, quando o pai estava falando ao filho que para irem ao supermercado era importante que ele trocasse de roupa (que estava suja), explicando “*como era importante a gente andar limpo e bem vestido*”, fazendo referência ao uso de gravata, camisa branquinha, sapatos bonitos, ao que o filho segue:

Achei esquisito mas achei melhor entrar num acordo com ele. (imagem do rosto do menino)
Às vezes ele fala umas coisas... às vezes ele tem razão... (imagem do rosto do menino)
Mas desta vez... hummm... não sei não... (imagem do corpo inteiro do menino, que veste as roupas do pai, segundo referências dadas pelo mesmo sobre como é andar bem vestido)



Outro aspecto relevante é que o pai muitas vezes aparece sentado na poltrona lendo jornal ou assistindo televisão, não parecendo interagir com os filhos em momentos de lazer ou cuidado. Um exemplo disso é a história “Um rio” na situação do pai em desconversar um

pedido do filho em irem pescar (esse pedido advinha de uma promessa feita pelo pai):

-Paiê, eu e o Dudu já estamos prontos para pescaria..
- Pescaria? Quem falou em pescaria?
-Você prometeu que neste domingo ia levar a gente para pescar.
-Neste domingo? E quando eu combinei isso?
-Há quinze semanas...
- É!? Faz tempo né? Só que tem um probleminha! Um rio limpo com peixe, que dê pra pescar sossegado a gente só vai encontrar a muitos e muitos quilômetros daqui e...
- E os rios da cidade? [perguntou o filho]
- Todos poluídos... mortos... não passa um peixe vivo num desses rios há muitos anos...
- Ah, é?! Então nada de pescaria né? Peixe em rio de água limpa né? [o filho parece triste]
- Por que a gente não tenta alguma coisa na banheira? [fala o amigo Dudu para o menino]

Nesse recorte fica visível a falta de vontade do pai em realizar a pescaria, provavelmente prometida numa situação 'forçada', sem importância, uma vez que havia feito há quinze semanas a promessa e o pai não lembrava de tê-la feito. A aparente tristeza do menino, após explicação do pai sobre poluição dos rios, sugere a vontade do menino em compartilhar esse momento de lazer com o pai. O olhar cabisbaixo da criança frente à promessa não cumprida foi contornado pelo amigo que o convidou a tentar pescar na banheira.

Em outra história, "A bola azul", temos o seguinte diálogo:

- Paiê, dá pra você pegar minha bola azul em cima do guarda roupa?
-Agora não dá eu to vendo uma coisa interessante aqui na televisão.
-Mas, pai, é só chegar perto do guarda-roupa esticar o braço e pronto.
-Paciência, ta! Quando acabar aqui, eu pego.
- Ô pai, pô!...
- Pede pro seu irmão.
- Ele também não alcança...
-Ele sobre numa cadeira [disse o pai]
-Você pega minha bola? Ta em cima do guarda-roupa. [disse para o irmão]
- Pega você, eu não alcanço.
-Muito menos eu.
-Sobe numa cadeira [disse o irmão]
-Papai mandou você subir.
-A bola é sua.
- Mãe, dá pra pegar minha bola azul em cima do guarda-roupa?
-Tá bom. E quem cuida deste ovo aqui na frigideira? [disse a mãe]
-Eu cuido.
-Você nem alcança o fogão...
-Tá bom, ta bom, eu não alcanço o fogão. Nem a minha bola azul, nem o interruptor de luz, nem o armário do banheiro... ser pequeno tem muitas desvantagens... A pior delas é não ser grande.

Nesses trechos é possível perceber a relação que o menino tem com o pai e com os demais familiares. Na história da bola azul, o pai não saiu de frente da televisão para alcançar a bola ao menino, assim como o irmão e a mãe não pararam seus afazeres para ajudar a criança. O que se tem, nesse caso, são inferências de práticas ditas ‘femininas’ e masculinas’, como o pai assistindo televisão (numa recorrente imagem de estar descansando em sua poltrona após um dia de trabalho), a mãe no espaço doméstico da cozinha (fritando um ovo), além disso, a própria bola que o menino tanto quer pode ser ligado ao seu gênero, como um brinquedo do espaço dos ‘meninos’. Assim, além da desatenção paterna frente a um pedido do filho, tem-se uma típica família mononuclear com suas delimitações de gênero bem marcadas. Como aponta Louro (1998), referindo-se aos livros didáticos (e eu amplio para os livros infanto-juvenis),

muitas dessas análises têm apontado para a concepção de dois mundos distintos (um mundo público masculino e um mundo doméstico feminino), ou para a indicação de atividades “características” de homens e atividades de mulheres. Também têm observado a representação típica constituída de um pai e uma mãe e, usualmente, dois filhos, um menino e uma menina.

Em relação à ausência física e emocional do pai, é importante ressaltar as tramas nas quais filhos/filhas aguardam o retorno do pai (distante há bastante tempo) ou elaboram a morte do mesmo. Nesse caso, seguem os próximos quatro livros que encerram esta seção.

O livro **Só meu pai sente saudade** (5), de Dau Bastos, 1997, é uma narrativa brasileira em primeira pessoa. O menino inicia a trama contando suas confusões na escola, onde enfrentava piadas e vexames feitos por alguns colegas e também resalta a falta que o pai lhe faz. Interesse destacar que, na maior parte do tempo, refere-se a seu pai pelo apelido (Ins), e não pelo termo ‘pai’:



Assim que cheguei em casa, escrevi uma carta desaforada ao Ins. Ele não era meu pai? Então ficasse sabendo que eu estava na selva sem cachorro [referindo-se aos colegas de escola] [...] E o Ins, com aquela história de sumir mapa afora e me deixar no outro lado do Atlântico? Tinha tomado um navio para a Europa, dizendo que voltaria três meses depois. Já se tinha passado mais de um ano e nada do mochileiro [...] Se o Ins me fizesse falta apenas nas situações difíceis, ainda dava para agüentar [...] O problema é que eu estava pirando. No ônibus, no meio da multidão, no final da rua, em todo lugar eu via o velho. Qualquer homem desengonçado ou de óculos escuros me lembrava ele. [...] Mas acabava descobrindo que era mais um estranho, uma miragem, delírio de filho abandonado.

E assim o menino segue com seus problemas com colegas, com um quase namoro com a amiga Maíra, com a certeza de que a mãe lhe tratava muito bem, mas sempre com aquela vontade de ver o pai. Com a chegada de um novo professor na escola, o menino de fato achou que seu pai tinha voltado: “*Que Sérgio, que nada! Era o Ins! [...] Rondei, passei várias vezes por perto, espirrei para ouvir ‘tim-tim’, como Ins dizia para me desejar saúde. Mas sequer fui notado*”. A criança ficava imaginando o pai e tentando lembrar dele com todos seus detalhes, mas acabou percebendo o professor como seu pai em diversos momentos, imaginando que o mesmo estava disfarçando “*para não despertar ciúmes nos outros. No fundo, sabia direitinho quem eu era [filho]*” e “*Eu, que o via como pai, não podia usufruir de sua companhia*”. O pai lhe mandou um cartão postal dizendo-lhe que sentia muita saudade e que em breve estaria de volta, mas o menino não sabia quanto tempo isso levaria.

Nessa ‘confusão’ de identificar o pai no professor, de precisar se sentir seguro e protegido (não só dos colegas de aula), se destaca a aflição da criança em estar longe do pai, em não tê-lo ali para o defender. Os ideais de ‘proteção paterna’ e de segurança de seus filhos circula por essa trama, ao mesmo tempo em que temos um homem cuja paternidade é exercida a seu modo, ou seja, ficar mais de um ano viajando não parece ter sido tão custoso para ele quanto para seu filho. Não fica claro no texto se os pais são separados, se quem provê financeiramente é o pai, mas de qualquer forma pode-se perceber um discurso no qual se espera desse pai que ele se enquadre na “função de educar moralmente as crianças” (MEDRADO, 1998:152).

Na mesma direção, a mãe é apresentada como quem cuida do menino: “*É certo que minha mãe cuidava de mim e, se soubesse do sufoco que eu atravessava na escola, seria capaz de enfrentar todos [...] Mas já pensou na vergonha que eu passaria? Pior do que ‘palhacinho’, só ‘filhinho da mamãe’*”. Essa percepção de mãe também indica uma visão ‘tradicional’, a qual direciona “à mãe a condição de provedora afetiva e ‘naturalmente’ cuidadora da prole”, conforme Medrado (1998:152).

No final da trama, em meio a mais uma ‘confusão’ entre os meninos na escola, a criança tropeça e quando olha para cima vê seu pai ‘de verdade’: “*Sim, eu estava salvo, mesmo correndo o risco de ser chamado de ‘filhinho do papai’*”. E o filho abraçou o Ins “*com um carinho oceânico, acumulado durante mais de um ano*”, e logo voltaram à partida de futebol, e o menino percebeu, com a volta do pai, que seus problemas acabariam, inclusive na escola. E o menino afirma: “*Se pensa que sou ingrato só porque esqueci de dizer que o melhor de tudo era a presença do Ins, engana-se. Admito que, perto dele, sou filho feliz*” [grifos meus]. Assim, com o retorno do pai, acabaram-se (supostamente) as ausências, as inseguranças e os medos do menino. Toda tristeza que o menino sentia foi ‘desculpada’

pela volta do pai. Com isso, pode-se perceber que, quando não se espera muito de um pai e esse faz algo muito bom, esse ato ‘apaga’ todas as aflições que ele possa já ter causado.

No próximo livro, **Um pai de verdade** (6), de Pedro Bloch, 1999, temos mais uma ausência paterna. A narrativa é em primeira pessoa, na qual um menino inicia escrevendo uma carta para o pai que não conhece (e nem sabe onde mora):

Pai. Só tenho sete anos, sabia?
Meu nome é Rafael, mas pode me chamar de Rafa. Ou Rafinha, como faz a mamãe [...]
Eu fiz até um desenho da minha família. Colorido. Mamãe, minha irmã Carolina e eu. Desculpa não ter botado a sua cara, porque não sei como é.
Você nunca tirou um retrato ou é a mãe que não mostra?
Todo dia eu sonho com você, mas como não sei como você é nem sei o seu nome todo, todo dia a sua cara é outra [...]
A mãe vive chorando e não é cisco [...] Quando eu pergunto pra ela onde você está, ela diz que você viajou. Só não diz pra onde, nem quando volta.



E assim seguem outras cartas e o filho ‘conversando’ com o pai, que não registrou o filho e, portanto, o menino não tem direito à pensão. A mãe se responsabiliza pelo sustento afetivo e financeiro da criança: “*Eu quis escrever seu nome. Aí me lembrei que não sabia. Não é engraçado? Na Certidão de nascimento só tem o nome da mãe, você se esqueceu de botar o seu*”. A família passa por dificuldades financeiras, o filho não pode ir numa excursão da escola, não tem presente para levar na festa de aniversário de um colega, a mãe deve ovos para a vizinha, por exemplo. O menino conta para seu pai detalhes de seu dia-a-dia, como se estivesse querendo convencer-lhe que seria legal eles se conhecerem: “*Não custava você telefonar pra mim e pra Carolina [irmã]. Você ia gostar, porque a gente ia dizer a você as coisas mais lindas do mundo*”. O que se percebe é que, com a ausência do pai, a mãe se sobrecarrega das atribuições familiares, ‘anulando’, de certa forma suas outras identidades e ressaltando a identidade materna como ‘única’. Como Meyer (2005) aponta,

a noção de ‘indivíduo mulher-mãe’ parece supor, com força renovada, a existência de ‘um ser que incorpora e se desfaz em múltiplos’ – a mãe como parceira do estado, a mãe como agente de promoção de inclusão social, a mãe como provedora do núcleo familiar e a mãe como principal produtora de cuidado, educação e saúde de suas crianças. Essa multiplicação de capacidades, atributos e funções maternas produz, então, a necessidade de inserir mulheres no âmbito de redes de saber e poder que devem educá-las, desde muito cedo, a viver sua vida como mulher (não beber, não fumar, exercitar-se, comer as coisas adequadas, escolarizar-se, ter equilíbrio emocional, ter um trabalho remunerado, gerir adequadamente o orçamento familiar, escolher bem o parceiro, fazer exames regularmente, etc...) e como mãe (acompanhar de perto e intensivamente o crescimento e o desenvolvimento infantil e, especialmente, o desempenho escolar de

seus filhos, sempre colocando as necessidades bio-psico-sociais destes à frente das suas, em quaisquer circunstâncias ou condições) (2005:3-4).

Outro aspecto importante diz respeito a essa idealização de um pai que o menino nunca viu (*“Sabe como eu acho que você é? Igual ao super-homem [...] E eu fico pensando, quando tenho medo, sozinho no meu cantinho, que você vai me salvar de qualquer perigo. E eu também vou usar uma roupa igual a sua. Vou ser um supermenino”*). A idolatria ao pai faz com que seu filho construa a sua idéia de como ele mesmo será pai:

Você sabe o que eu vou ser quando for desse tamanho assim? Vou ser pai. Vou gostar muito do meu filho e deixá-lo brincar e rir à vontade. Não vou botá-lo de castigo, mas explicar que não pode ficar aprontando. Só pode gritar quando for torcer pelo Flamengo. Meu filho vai ganhar um monte de presentes, todos os dias, e eu vou dar nele um abraço maior que o mundo. Ele também vai ganhar aquela bicicleta que eu ia pedir pra você. Vou levá-lo pra escola todos os dias e ensiná-lo a jogar futebol.

Essa construção possivelmente é o que o menino gostaria de viver enquanto filho. Assim, além da referência ao futebol (como prática ‘masculina’), se aliam as possibilidades financeiras também à imagem masculina (o pai poderia comprar-lhe presentes e a tão sonhada bicicleta), bem como a demarcação do limite imposto pela figura paterna. Ao mesmo tempo, se vê o afeto e o acompanhamento diário (abraço ‘maior que o mundo’ e o fato de levá-lo à escola). Essas representações paternas estão permeadas de discursos de como o homem/pai deve ser: protetor, forte, transmitir segurança, além de ser afetuoso e, principalmente, presente na vida do filho, o que se pode perceber na imagem que, embora não tenha rosto, carrega demarcações masculinas/paternas, como a camisa social e a gravata além do braço acolhedor e protetor.



No desenrolar da trama, a mãe se apaixona (e posteriormente casa), e outra figura paterna ingressa: o Renato (com nome, rosto e tudo mais, coisa que seu pai não tem). De aniversário, fizeram uma festa na escola na qual ele ganhou os óculos que precisava, uma camiseta do Flamengo e muitas coisas. Em casa, ao assoprar a vela de oito anos, também ganhou uma bola de futebol da mãe. E do Renato, uma ida ao Maracanã. Ainda num processo de transformação e compreensão para o menino estão: o pai (biológico) e a figura paterna do Renato. Além disso, tem o Luís, o filho de



Renato, que tem síndrome de *Down*. E assim vai se configurando uma ‘família’, no pensar do menino. O Renato é mostrado como aquele que possui as características para ser um (bom) pai, aquele cuja identidade paterna está ‘mais’ de acordo com o que se espera socialmente de um. Inclusive a imagem do Renato se assemelha ao que o menino esperava do seu pai, como podemos verificar nesta e na imagem anterior, o uso de camisa social e o ‘mesmo’ abraço protetor. No trecho abaixo se verifica esse processo da criança:

Pai. Hoje eu pensei uma coisa. Como você não tem uma cara, pode ter qualquer uma que eu inventar. Pode até ser a cara do Renato. Como você também não tem nome, posso chamá-lo com qualquer um. Até chamar você de Renato. Posso ou não posso? É só fazer de conta. [...] Às vezes, pai, fico lembrando que você não existe. A professora ensinou o que é concreto e abstrato. Aí descobri que você é meio abstrato. Mas eu sei que, pra ter um filho, precisa ter um pai e uma mãe. Então você tem de existir. Eu só fico triste porque você não vai receber nunca estas cartas que eu to juntando [...] [grifos meus]

[outra carta]

Pai. Eu acho que está é a última carta que eu escrevo. Ganhei uma bicicleta do Renato[...] mamãe gosta muito dele. Eu também. E pra mim, agora, ele não precisa ser astronauta nem super-homem, nem campeão de nada [...] E quer saber de mais uma coisa? Ele não vai ser o segundo pai, como ele me disse. Pra mim ele vai ser o primeiro. E a gente vai ser muito feliz. Eu acho que você era só a minha vontade de ter um pai [...] Mamãe está vestida de felicidade. É uma alegria só [...] Renato é o pai que sempre quis ter. Um pai de verdade. [grifos meus]

A partir desses recortes se percebe que “*um pai de verdade*”, segundo discursos que permeiam essas representações, é aquele presente, que dá afeto, provê financeiramente e protege seu filho. Essas considerações se aproximam das verdades ‘cristalizadas’ de como deve ser uma família e um pai. E essas representações, a partir de relações de poder, legitimam-se mais que outras, fazendo que determinados discursos circulem e tenham efeitos mais que outros.

Fonseca fala das ‘normalizações’ conjugais, como o casamento legal, além de outras ‘normas’ as quais delimitam práticas de identidades, contudo lembra que “para qualquer norma ter eficácia, é preciso que seja conhecida, divulgada. Para padronizar algo, até mesmo o ‘ideal do casal igualitário’, é imprescindível torná-lo, primeiro, público. Tão logo quanto uma prática sai do silêncio, começa-se sua institucionalização” (1995b: 84).

O livro **Ver de ver meu pai** (26), de Celso Sisto, 1994, é uma narrativa brasileira contada em primeira pessoa. É uma leitura provavelmente direcionada a leitores mais experientes e ‘maduros’, uma vez que utiliza metáforas e um linguajar, por vezes, metafóricos.



Inicia com o filho contando:

A primeira vez que o vi de verdade, ele rasgava papéis. Tão pouco menos menino que eu e já com sobras nos olhos! [...] E aos poucos fui ficando ali, imóvel, apenas para aprender mais sobre ele. Quanto tempo? Talvez o suficiente para perceber que naquele instante ele começava a crescer aos meus olhos. Minha irmã jurara ter visto um monstro, eu diria apenas ter visto um homem. (aparentemente, o menino e sua irmã estão espiando o pai pela janela).

Na escola, ao ser solicitado fazer uma redação sobre ecologia, o menino logo se pôs a escrever sobre o pai, relacionando-o aos elementos da natureza, comparou-o com a terra (infância do pai que “*pisando na terra, ele tinha criado raízes*”); com a árvore (“*e foi só notar as marcas no seu rosto para entender que a árvore trocava as folhas. E que, enfim, era outono no rosto do meu pai*”); com a água (“*e ele era um rio de margens largas, de onde a gente espiava o mundo que cabia nos seus olhos*”); ao fogo (“*Quando queria, queimava a gente com o olhar*”); ao ar (“*Meu pai era ar quando ria redondo*”); na redação, também havia a morte do pai (“*Hoje meu pai foi ser natureza em outro lugar*”). A produção do menino sofreu brincadeiras por parte dos colegas, alegando que o pai dele não era ecologia, não era árvore e a professora também entendeu que aquele texto não estava de acordo com o que havia solicitado. Desde esse dia, o menino passou a andar com um adesivo “*bem grande*” no caderno: “*Preserve a Natureza. Proteja o Homem*”.

O texto traz sensibilidade às palavras e, em cada trecho, remete a representações masculinas e paternas junto à forma poética de falar sobre o pai. Além disso, algumas imagens trazem camisas sociais e chapéu, provavelmente, como formas de demarcar de qual masculinidade se está falando. A partir das brincadeiras, conversas e convivências do pai com o filho, por um lado, e uma certa distância por outro (“*A primeira vez que o vi de verdade*”), esse constrói suas lembranças sobre o homem/pai: como a imagem de segurança (“*eu nadava no rio que ele derramava, confiando que ele viria ao menor pedido de socorro*”), de limite (“*E ele não botava fogo em palavras! Fogo pelos olhos era mais forte. Queimava mais. Impedia o tapa e a surra, mas obrigava a gente a pensar sobre o erro*”), de afeto (“*Assim, soprando vida, ele devolvia ao nosso mundo a brisa que, depois de caminhar por dentro dele, passava para nos fazer cafuné*”).

Esses marcadores são, em sua maioria, condizentes com uma visão de homem/pai que já vimos em muitos outros livros desta pesquisa: o pai, forte, batalhador, protetor. Dessa maneira, marcadores de identidades como esses se tornam produtivos ao serem repetidos e demarcados constantemente. Segundo Foucault (2003), não basta uma verdade ser construída, ela precisa circular, ser incansavelmente repetida para que tenha efeitos como verdade, e é isso que os discursos fazem ao se fazerem presentes nas

representações, como essas dos homens/pais recorrentes em diversos livros desta pesquisa.

O livro **Presente de pai** (3), de Telma Andrade, 1995, traz uma narrativa brasileira em primeira pessoa, na qual o filho conta sobre sua forma de passar o dia dos pais após a morte de seu pai. Importante destacar que a informação do falecimento do mesmo só é percebida no decorrer da trama. A história inicia com o filho dizendo:

Dia dos Pais. Quando minha mãe falou que ia procurar uma roupa do meu pai para vestir em mim, saí correndo. Por que será que inventaram esse dia? Acho que Dia das Mães é bem melhor. Fiquei com muita raiva da minha professora. Aposto que foi dela a idéia foi dela. Onde já se viu pegar uma roupa emprestada do pai, sapato, meia, gravata-se-quiser-pode, e ir para escola? E, ainda por cima, tirar fotografia vestido com a roupa do pai?



O menino não queria participar daquilo tudo, mas entre lembranças da mãe a cada roupa do pai tirada do armário ele se dispôs a experimentar no quarto dele e... *“Criei coragem. Resolvi experimentar. Mas só experimentar, porque ir pra escola vestido com essas roupas, eu não ia não”*. Foi quando ele encontrou um bilhete no bolso, uma carta que seu pai não havia lhe entregue, a mesma falava sobre o Dia da Criança, sobre o dia que ele inventou *“Dia do Desenho de Pai para o Filho”* (a carta era acompanhada por vários desenhos de bons momentos que passaram juntos) e encerra assim: *“Puxa, que dia legal, hein? Filho, eu gosto muito de você, viu? P.S.: Você não liga de não te dar um presente? Papai”*. Após essa leitura, o menino decidiu:

Abri a porta do quarto pra minha mãe e pra mim, e deixei que toda a minha tristeza fosse passear. Ela poderia voltar de vez em quando, porque aí eu mesmo abria a porta pra ela e deixaria ela entrar. Mas seria só uma visita, ela ficaria um pouco, conversaria comigo e iria embora.

- Mãe, olha como eu fiquei! [...]
- Você está parecido com ele, Nino!
- Dá uma gravata dele, mãe?
- Vem cá escolher – ela me puxou pela mão.

Assim, foi para a escola, pois tiraria *“uma foto vestido como meu pai, falaria dele na classe e faria um belo desenho pra ele, como aqueles que ele tinha feito pra mim”*. E percebeu que, assim como a data do dia dos pais ou do dia das crianças, o que mais importa são as lembranças e os momentos felizes. Ao chegar em casa, o menino conta:

“Abri a janela, a cortina, e fiquei olhando para a maior estrela... sabe que meu pai mora na maior estrela do céu?”.

Essa trama conta como o menino ‘elaborou’ a morte do pai, e a partir do desenrolar da história se percebe a representação paterna contida nos textos, seja através dos apetrechos paternos (camisa, gravata, calça social), seja pelas lembranças de brincadeiras (andar de bicicleta, jogar futebol).

O que se percebe é a recorrência a um pai protetor, zeloso e afetivo, apresentando por um lado definidores ‘tradicionais’ da masculinidade, e de outro um pai ‘mais’ presente, que brincava com o filho e acompanhava seu cotidiano. Isso nos mostra que as identidades são ‘não lineares’, fluidas, não tendo que ser uma coisa ou outra e podendo ser desta e daquela maneira ao mesmo tempo. E, frente a discursos como esses, presentes nessas representações, é que os sujeitos (sejam eles crianças ou adultos) vão construindo suas identidades. Como Woodward destaca, “os sujeitos são, assim, sujeitados ao discurso e devem, eles próprios, assumi-lo como indivíduos que, dessa forma, se posicionam a si próprios. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades” (2000:55).

Dessa maneira as identidades masculinas e paternas puderam ser problematizadas nas análises dos livros desta pesquisa, destacando-se ora imagens ‘cristalizadas’ dessas identidades, ora rupturas em determinados aspectos, como o desejo de se tornar pai e a ‘abertura’ para masculinidades e paternidades com diferentes possibilidades. A seção seguinte diz respeito às representações de mães quando essas são ausentes, por algum momento ou por toda trama.

2.4. E as mães? Da figura materna quando ausente

Em alguns livros reunidos para análise foram encontradas personagens maternas que se ausentavam de ‘essenciais’ partes das tramas ou que, ainda, não se faziam ‘materialmente’ presentes. Nesses momentos foram encontradas rupturas nas representações de maternidade, contudo muitas vezes essas representações carregam consigo recorrências de uma visão ‘tradicional’ das mulheres/mães, na qual a maternidade é vista como a ‘plenitude’ da vida das mulheres, que carregam ‘naturalmente’ o instinto materno. Essas ‘verdades’ eram construídas e transmitidas através da educação da mulher nos séculos anteriores. Conforme Felipe (2000),

A maternidade foi então colocada em discurso durante várias décadas reafirmando que somente através dela a mulher poderia alcançar a ‘plenitude’ [...] Ao mesmo tempo em que se atribuía à mulher o

gerenciamento do lar, a educação dos filhos, também se esperava dela docilidade, fragilidade e subordinação ao marido. Havia um grande investimento da sociedade, alimentando por diferentes discursos que, conjugados, reafirmavam um lugar de subordinação e inferioridade da mulher (ibidem:132).

O que se tem, na contemporaneidade, são discursos sobre a maternidade de forma que ‘aprisionam’ as mulheres num ‘dever-ser’ que, muitas vezes, anula as outras possibilidades dessa e de outras identidades. A base da família era/é tida como responsabilidade da mãe, ela que deve manter um lar propício para que ‘reine’ o amor e a felicidade, inclusive mantendo um ambiente para que sua prole se desenvolva ‘adequadamente’ e que seu esposo se sinta acolhido e confortável nos momentos em que não está trabalhando (cuidando dos proventos financeiros). Certamente essa visão de maternidade não é mais tida como a única ‘verdade’ sobre essa prática. Essa está atravessada por mães que trabalham fora e deixam seus filhos bastante tempo com babás ou em instituições escolares; mães que optaram exercer a maternidade fora de um ‘padrão’ mononuclear de família; mulheres que buscam compartilhar com os companheiros os afazeres domésticos e o cuidado com os filhos; mães que direcionaram esse cuidado aos pais, em função de ótimas oportunidades de emprego; mulheres que optaram por não ter filhos, e assim por diante.

Dos livros analisados, encontramos as seguintes rupturas: três trazem a mãe como alguém que deixou as filhas com o pai em função de interesses pessoais (*Pai que é mãe -1*; *O pai que era mãe -7*; *O que é que eu faço agora? -21*); outros três não trazem a figura materna, mas sugerem que ela exista (*Cara de um, focinho de outro – 18*; *Ver de ver meu pai – 26*; *O pé do papai-27*); mais três que não fazem nenhuma menção à presença de uma figura materna (*O homem que amava caixas – 15*; *Você não consegue dormir, ursinho?- 29*; *Você e eu -30*); Teríamos ainda outros dois títulos que poderiam se encaixar aqui, mas que já foram devidamente explorados anteriormente (*O urso que queria ser pai – 10* e *Beijos mágicos – 20*).

Em relação aos livros que trazem as mães que deixaram as filhas com os pais, se ressalta o fato de as personagens mães desses três livros terem optado por viajarem (em busca de novos amores e novo trabalho, respectivamente) e deixarem as filhas com o pai:

- “Minha mãe mora em Paris e me escreve toda semana [...] Paris fica na França e vou passar as próximas férias com ela. Foi o que ela prometeu.” (Livro *O que é que eu faço agora?*- 21)

- “Aconteceu que, três anos depois de se separar de Júlia – sua ex-mulher- ela decidiu ir embora para a Europa, atrás de um nobre espanhol que lhe prometera este mundo e o outro [...] Danadinha como ela só e famosa pelo cabelinho nas ventas, Júlia [...] com o dinheiro da pensão que ele lhe pagara aquele mês, comprou a passagem e tomou o primeiro avião para Madri [...] Júlia perguntou ao ex-marido se ele não podia ficar com Patrícia e Reatriz enquanto ela estivesse fora” (livro *O pai que era mãe – 7*)

Em alguns momentos, as filhas e os ex-maridos demonstraram os sentimentos deixados pela mãe/mulher que foi embora, como nos exemplos:

- *“Minha mãe telefonou. Disse que está morrendo de saudade e eu finjo que acredito”.* (Livro *O que é que eu faço agora?*- 21)

- *“Queria minha mãe por perto. Ouviria conselhos, saberia como estou de verdade verdadeira, tenho certeza que me sentiria mais segura, mais preparada para enfrentar as pessoas na rua [...] Meu pai não tem noção de moda, de beleza”.* (filha Regina, Livro *Pai que é mãe* -1).

- *“A Carla ainda é muito pequena e quando a mamãe foi embora nem percebeu direito. Quer dizer, perceber, percebeu. Lembro como ela chorava, pedia beijo da mãe, comidinha da mamãe [...] Quem precisa daquele sorriso fingido, daquele olhar que amava a gente e assim mesmo nos largou, largou a casa, largou o papai [...] Escreve sempre cartinhas, todas mixurucas, às vezes nem leio... às vezes, leio tanto que decoro palavra por palavra [...] Sinto raiva, saudades, desprezo, curiosidade, ódio, tudo misturado. Só sei que não conto com ela para mais nada. Pro importante ou desimportante. Meu pai é que é também a minha mãe”.* (filha Regina, Livro *Pai que é mãe* -1).

- *“Dizer que quase morri de tanta tristeza, de tamanho desapontamento quando a mãe delas se foi... Que quase enlouqueci de tanta dor? Que perdi meu chão, minha bússola, meu amor-próprio? Que fui traído, abandonado e foi ela quem preferiu viver com outro sua nova vida e seu novo amor?? Que só consegui segurar toda aquela agonia e infelicidade por causa delas [filhas]?”* (fala pai Rogério, Livro *Pai que é mãe* -1)

Isso poderia ser visto, por alguns discursos pautados nas explicações biológicas e reducionistas, como uma negação da ‘natureza feminina’ de ser mãe acima de tudo, afinal ‘abandonaram’, mesmo que momentaneamente, o cuidado com sua prole por interesse próprio voltado para outras questões da mãe/mulher, quais sejam: o prazer de um novo amor e a conquista profissional. Como afirma o personagem Rogério (pai), num momento de desilusão amorosa de uma das filhas, *“Se a própria mãe largou [a menina]... como dizer que o tal do Sérgio ficará?”* (livro *Pai que é mãe* – 1). Unbehau (1998) ressalta o quanto argumentos como a ‘natural vocação’ materna para o cuidado, para a compreensão das necessidades da criança, têm sido usados por vezes das áreas médica, psicológica e educacional. Se esses exemplos fossem voltados para os pais, não causaria nenhum estranhamento, contudo não se espera de uma mãe ações tão ‘fora’ do seu ‘instinto’ materno. Em muitos discursos, inclusive o judiciário, a mãe aparece como ‘guardadora’ natural dos filhos, restando aos pais, que não dispõem da guarda dos filhos, visitas periódicas e, na maioria das vezes, o pagamento de pensão (ibidem, 1998).

Há de se ressaltar o fato de todas as mães voltarem no final da história nos livros ou demonstrarem essa intenção, assim, o ‘abandono’, mesmo atuante é momentâneo. Em um deles inclusive as filhas voltaram a morar com a mãe após sua longa viagem. Com isso, é possível afirmar que, embora haja uma ruptura de uma maternidade idealizada, se retorna a

ela em algum momento, fazendo, possivelmente com que essas mães não sejam vistas como 'sem instinto' ou 'incapazes' de amar e cuidar de sua prole.

Em outros três livros, embora não tragam as figuras maternas, há inferências de que elas existam, uma vez que se percebe, em dois deles, um ambiente de família mononuclear, como uma casa aconchegante e arrumada, a criação dos filhos e a sustentação afetiva deles, como no caso da menina que espera o pai chegar em casa para viver aventuras em cima de seu pé (Livro *O pé do papai* – 27). Quando o pai não está, infere-se que a mãe ou alguém que faça essa função esteja em casa. Em outra situação, pelo pai se fazer ausente na vida do filho, também se sugere que haja uma mãe sustentando-o afetivamente e, quem sabe, financeiramente (Livro *Cara de um, focinho de outro* – 18). Esse sustento afetivo e cuidador, infere-se, é dado pela mãe, assim como a manutenção da estrutura de lar na família (Livro *Ver de ver meu pai* – 26).

Nesse sentido, embora o enfoque da trama se direcione para uma narrativa em que a mãe não apareça, a 'norma' se faz presente pelas características vistas como do mundo 'feminino', como se a mãe não precisasse de sua 'materialidade', uma vez que exerce uma 'invisibilidade' em relação à esfera familiar e privada. Louro destaca que essa invisibilidade é produzida "a partir de múltiplos discursos que caracterizaram a esfera do privado, o mundo doméstico, como o 'verdadeiro' universo da mulher" (1998:17). Além disso, a maternidade passa a ser um processo de domínio público, como intervenções governamentais sobre aleitamento materno ou o pré-natal, por exemplo, pautadas nessa 'norma' de a mulher ser a (única e/ou 'mais adequada') 'responsável' pelo bem-estar dos filhos desde a fecundação. Meyer (2005) problematiza uma maternidade

que, hoje, deveria incluir desde o controle de riscos de transmissão de doenças e distúrbios hereditários (que já podem ser mapeados e calculados antecipadamente) quanto evitar o tabagismo, o consumo de álcool e drogas, o sedentarismo, o analfabetismo e até mesmo sentimentos de negação e rejeição que algumas mulheres podem experimentar em situações de gravidez não desejada, porque estes seriam sentidos e vivenciados pelo feto, no útero (que, agora, passa a ser designado como ambiente fetal) (2005:7).

Sobre os livros que não fazem nenhuma menção à presença da mãe ou figura materna, encontramos dois que trazem os mesmos personagens: pai urso e seu filhote (*Você não consegue dormir, ursinho?*-29 e *Você e eu* -30). Nessas tramas, é o pai que organiza o lar, que mantém as tarefas de cuidado (hora de dormir, alimentação, lazer, etc.), 'criando' sozinho o filho, sem qualquer auxílio (seja ele feminino ou não). Indo ao encontro de o pai assumir as funções domésticas e o cuidado dos filhos, Unbehaum afirma:

O homem se envolver com os filhos e com as coisas de casa não é um bicho de sete cabeças, mas algumas rupturas são ainda difíceis. Essa conciliação não significa necessariamente uma reorganização da divisão de tarefas e do ritmo de trabalho desses homens: refere-se muito mais a “encaixes”, como por exemplo aproveitar o trajeto entre a casa e o trabalho para deixar o filho na escola (1998:174).

Importante destacar que, para essa efetiva participação paterna acontecer (para aqueles homens que assim desejarem) são necessárias modificações sociais que incluem uma maior ‘abertura’ por parte das mulheres para que os homens ‘possam’ realizar atividades básicas do seu jeito (o que se ouve muito são mães alegando que os pais não sabem pegar os nenês no colo, ou que colocam a fralda de uma forma errada ou, ainda, colocam roupas que não combinam nos filhos); ‘abertura’ do campo profissional, para que o pai ‘possa’ se ausentar do trabalho para levar o filho ao pediatra; leis que lhe possibilitem aproveitar e acompanhar a infância de seus filhos, como uma licença à paternidade que lhe permita ‘viver’ os momentos iniciais da paternidade, não meros cinco dias; e assim por diante.

Em relação às mulheres-mães, Lyra (1998) pontua que a mãe também se envolve em armadilhas “de uma experiência de gravidez descrita como ‘realizadora’ e até gloriosa, enfrentando um parto no qual se espera que ela realiza, momentaneamente, uma espécie de fusão simbiótica com o bebê, tendo, por exemplo, ‘um ouvido especialmente receptivo para o choro do filho e uma não-olfacção para as fezes, etc.’ ” (ibidem:193). Dessa maneira, é imprescindível que se faça possibilidade de as mulheres escolherem se e como praticarão sua identidade materna, desconstruindo uma visão (sempre) ‘gloriosa’ da maternidade.

3. DOS SILÊNCIOS QUE GRITAM

“Tão ou mais importante do que *escutar* o que é *dito* sobre os sujeitos, parece ser perceber o *não-dito*, aquilo que é silenciado – os sujeitos que *não são*, seja porque não podem ser associados aos atributos desejados, seja porque não podem existir por não poderem ser nomeados” (LOURO, 1998:67). [grifos da autora]

Sobre o grupo de livros que esta pesquisa analisa, é importante ressaltar algumas discontinuidades e rupturas nos discursos sobre a paternidade. A mais significativa, ao meu olhar de pesquisadora, diz respeito aos ‘pais esquecidos’, como podem ser considerados aqueles cujas representações praticamente não aparecem (ou aparecem *en passant*) nos livros infanto-juvenis, como, por exemplo, pais cujas identidades sexuais não são heterossexuais, ou cujo corpo e atitudes não remetam a idéias de segurança, força, inteligência, sucesso. Os pais são considerados esquecidos por que são construídos como tal, são construídos como ausentes, não integram o ‘uso diário’. Poder-se-ia citar inúmeros exemplos de pais esquecidos nas tramas e, mesmo assim, não se contemplaria toda a pluralidade e as várias relações entre identidades possíveis de se vivenciar enquanto sujeitos. Como diz Silva (2000a), o *outro* é aquele que é diferente de mim, é o outro gênero, é a outra sexualidade, a outra cor, a outra nacionalidade, o corpo diferente. Assim, o pai esquecido é aquele *outro*, aquele que tem algo diferente que não se ‘encaixa’ na norma social construída para identificar o que é ser pai. Essa norma e a idéia de *diferente* (ou de *outro*) são ambos uma construção discursiva da modernidade que, segundo Veiga-Neto (2001), se caracteriza como um tempo marcado pela vontade de ordem e pela busca da ordem. Nesse sentido, há um investimento na homogeneização de identidades para que, por exemplo, todos os pais vivenciem suas identidades da mesma forma.

O processo de delimitar quem é este *outro* pode ser compreendido como *diferencialismo*. Segundo Skliar⁴⁴, esse processo é um movimento de constituir e inventar os *diferentes*, dentro da perspectiva de haver uma *mesmidade*, uma *normalidade* a ser seguida, e tudo o que é representado como desviante e distante, é percebido como fora dessa *mesmidade*. Contudo, há impensáveis formas de se experienciar e se relacionar com essa *norma*, há uma multiplicidade de olhares e vivências da identidade paterna, na qual cada uma pode ter seu movimento e sua constituição. Trata-se, então, de uma norma (inventada) rodeada de *diferentes* (também inventados), cada um com seus olhares. E trata-se desses ‘supostos’ *diferentes* que, são (de) marcados pelo processo de *diferencialismo*, e

⁴⁴ SKLIAR, C. *Outras alteridades, outras perguntas: outras políticas educativas?* [no prelo].

que existem em relação a alguma coisa (*norma*) ou a alguém (considerado *normal*). A 'leitura' que um pai fizer de um determinado discurso pode ocasionar um dever-ser deste ou daquele modo, da mesma maneira os efeitos desse discurso também podem agir nesse mesmo processo de dever-ser.

Se nos livros infanto-juvenis, por exemplo, ou em quaisquer outros artefatos culturais não existir uma condição de possibilidade para que os pais 'reais' sejam diferentes daquilo que é representado (pais 'personagens') e considerado normal e/ou 'ideal', pode-se tornar complicado para os homens-pais exercerem, à sua maneira, a paternidade (mesmo levando-se em consideração os processos de subjetivação dos quais fazem parte), uma vez que estarão fortemente à sombra desta norma social que delimita como eles devem ser. No entanto, cabe também considerar que a concretização do 'ideal' de pai ou de masculino é algo quase inatingível, difícil de se manter e de desfrutar dos privilégios concedidos por essa 'norma' hegemônica. Em relação à masculinidade (e eu me atrevo a ampliar também para a paternidade) Seffner (2003) pontua:

São com certeza poucos homens [pais] que detêm o conjunto completo de atributos prescritos para a masculinidade [paternidade] hegemônica, e talvez se possa dizer que são mesmo poucos aqueles que conseguem reunir uma quantidade razoável daqueles atributos. Desta forma, muitos homens mantêm alguma forma de conexão com o modelo hegemônico que não cumprem na totalidade. Investir nessas características que permitem a conexão com o modelo dominante torna-se importante como forma de desfrutar dos privilégios àqueles concedidos (ibidem:138).

Dentre os livros reunidos para esta pesquisa, seria possível citar um que, de certa maneira, abre possibilidade para que o pai vivencie suas identidades com variações (**Livro Pai – 19**), provavelmente por esse livro propiciar, de certa forma, um 'tratado' sobre a paternidade para a infância.

- Tem pai que é bravo, briga, põe de castigo (...) Tem pai que é menino para sempre e faz mais bagunça que os filhos.
- Tem pai que quer os filhos à sua imagem e semelhança.
Tem pai que ajuda cada filho a abrir o seu próprio caminho.
Tem pai que é amigo durante todo o caminho. E também existe pai que não conhece carinho.
- Muita gente acredita que Papai do Céu é pai de toda a gente. Tem gente que tem pai-de-santo. Tem gente que tem pai espiritual. Tem pai que não é pai: é padrinho. Batiza, protege, orienta... É escolhido pelo pai para ser pai no lugar do pai .
- Às vezes o pai de um amigo vira pai do amigo do filho. Às vezes o amigo do pai vira pai do filho do amigo.
- Tem pai que não é pai, é marido da mãe. Tem filho que já não tem mais pai. Filho que nunca viu o pai. Tem avô que vira pai de novo e trata o neto como se filho fosse. E também tem gente que tem vários pais. Tem mãe que é pai e mãe. Tem pai que é mãe e pai. (Livro *Pai*)



Nesse sentido, ao redor de uma norma constituída estão os pais, todos diferentes entre si (com suas prováveis relações com outras identidades que os constituem) relacionando-se com essa norma em maior ou menor grau, de maneira mais ou menos efetiva, enfim, a partir da 'leitura' feita dessa norma e de que forma ocorreu a subjetivação. Deve se levar em consideração, então, que nenhum pai é igual a outro, e que todos são diferentes, porque assim são constituídos e se constituem (através de processos de diferencialismo e através das múltiplas 'compreensões' possíveis), a partir de discursos sobre 'normalidade', embora possam compartilhar semelhanças nas formas de experienciar suas identidades. Sobre *diferentes e diferencialismo*, Skliar afirma⁴⁵:

Os 'diferentes' respondem a uma construção, uma invenção, quer dizer, são um reflexo de um largo processo que poderíamos chamar de 'diferencialismo', isto é, uma atitude de separação e de diminuição de alguns traços, de algumas marcas, de algumas identidades em relação ao vasto e caótico conjunto de diferenças humanas.

Levando em consideração que o homem e, especialmente, o pai, costumeiramente é entendido como tudo aquilo que se distancia do mundo feminino/materno, é possível que, de certa forma, seja visto como o outro da maternidade. Cabe aqui referir o quanto a maternidade é colocada num patamar de centralidade, sendo entendida por muitos como uma 'essência' instalada nas mulheres. Parece que, nesse caso, o feminino é remetido a uma natureza irremediável, da qual nenhuma mulher deve/pode escapar. Já os homens, na condição de futuros pais, tendem a não serem vistos/colocados da mesma forma, ou seja, os homens tendem a não serem alçados a esse lugar que lhes confere uma natureza própria para a paternidade.

Dagmar Meyer (2003) ressalta que, em muitas situações, a biologia serve como causa e explicação de diferenciações e posicionamentos sociais do feminino e do masculino, como a idéia de que ser mulher é o quesito mais significativo para ser "cuidadora de crianças pequenas ou, ainda, o pressuposto de que ser portadora de um útero implica necessariamente a existência de um algo mais, chamado de instinto materno". (ibidem: 19). Embora muitos discursos como esse defendam que gerar um/a filho/a e criá-lo/a é algo 'natural' para mulheres, enquanto homens aprendem 'forçadamente' a realizar as práticas paternas, outros, que se aproximam dos pensamentos pós-estruturalistas, acreditam que ambos (homens e mulheres) constroem, no decorrer da vida, suas identidades, atribuindo às mesmas um caráter híbrido e mutante. O que ocorre é que o investimento feito nas mulheres para que essas, desde muito 'cedo', 'aprendam' a ser boas mães não é feito e

⁴⁵ SKLIAR, C. *Outras alteridades, outras perguntas: outras políticas educativas?* (no prelo).

para os homens. A maioria das mulheres, ainda na infância, vivencia e é interpelada por discursos e práticas que abordam cuidado com bonecas, troca de fraldas, amamentação, enquanto, para muitos homens, tais discursos e práticas não os interpelam com semelhante intensidade e frequência. Dessa forma, dentro de uma especificação cultural de como devem ser mães e pais, as ‘aprendizagens’ de ser mãe, estão, em muitas situações, mais presentes que as ‘aprendizagens’ de ser pai, provocando discursos que podem anular ou afastar qualquer condição de possibilidade de homens irem em busca de uma paternidade que abranja algo diferente de um provedor financeiro e protetor de sua prole, ou além de um pai brincalhão de fim de semana, como muitas narrativas culturais afirmam⁴⁶.

Outro exemplo possível trata da naturalidade com que a paternidade é, muitas vezes, ‘esquecida’ durante a gestação, fazendo-se presente somente após o nascimento do rebento e ainda, em muitos casos, o pai assistindo à mulher para que essa tenha condições de cuidar, amamentar, higienizar o bebê. Essa ausência é perceptível nos eventos conhecidos na nossa cultura como ‘Chá de Fraldas’, quando a grávida recebe as amigas para confraternizar, receber presentes para o bebê, etc. Na maioria dos casos, a presença masculina é negada ou, apenas, ‘tolerada’. Em nossa cultura, esse se tornou um momento feminino de confraternização da chegada do/a filho/a.

A paternidade tende a ser excluída, anulada durante muitos momentos da gravidez, como se os pais não pudessem – ou ainda como se eles não quisessem, como se não desejassem, ou não fosse também de sua responsabilidade - saber quantas fraldas descartáveis são necessárias para os primeiros meses de vida, se a etiqueta colorida da fralda descartável fica na barriga ou nas costas do bebê, quantas mamadeiras são necessárias para diferentes finalidades, que roupas são indicadas para os primeiros dias do bebê, como higienizá-lo a cada troca de fralda e tantos outros detalhes comentados nesses eventos. Vale ressaltar que muitos pais estão buscando uma participação e conhecimento sobre esses momentos com o bebê. Não se pode deixar de considerar um movimento constante de participações de pais na sala do parto (embora essa situação possivelmente ocorra com mais frequência em casais favorecidos economicamente, como uma ‘moda’ de filmar esse momento, além da própria presença do pai), participação dos pais nos cursos para gestantes, entre outras situações atuais.

Há ainda outra questão importante: em muitos textos (científicos e propagandas) está presente a idéia de que, quando o pai é participativo, costuma ocorrer em caráter de concessão, ou seja: cumpre as atribuições quando tem vontade de ajudar, diferentemente da mãe que troca fraldas por obrigação, por exemplo. A essa não lhe é dado o direito de

⁴⁶ Sobre os discursos de paternidade veiculados atualmente por artefatos culturais no caso, mídia impressa, ver SANTOS (2004), em especial a seção “Paternidade, o outro da maternidade”.

fazer concessões como o pai, para a mãe é obrigação, para o pai é um auxílio nem sempre presente.

O que se pretende com estas colocações é ressaltar o quanto a instituição de normas, de como deve ser um pai (ou uma mãe), por exemplo, pode delimitar espaços, determinar identidades, subjetivar sujeitos através de discursos presentes em Pedagogias Culturais e outras instâncias, como a escola. Segundo Silva:

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas... A identidade normal é 'natural', desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade. Paradoxalmente, são as outras identidades que são marcadas como tais (2000a: 83).

Dessa forma, os pais 'esquecidos' são essas identidades marcadas por sua ausência nos livros-infanto-juvenis como um não-dever-ser paterno, tanto para os adultos que lêem as histórias para seus/suas filhos/as quanto para as crianças que lêem e manuseiam este tipo de material.

'PAIS PROVISÓRIOS': DAS POSIÇÕES E IDENTIDADES ASSUMIDAS

Não ler nem escrever nunca de tal forma que não se pudesse ler ou escrever de outra maneira. Lembrar o futuro e caminhar em direção à infância. Não perguntar ao que sabe a resposta, porque a resposta poderia matar a intensidade das perguntas e o que treme nessa intensidade. Ser a gente mesmo as perguntas. Fazer com que as perguntas leiam e escrevam. Guardar fidelidade às palavras. Deslizar-se no espaço em branco. Estudar. Sem por quê. Ser a gente mesmo o estudo (LARROSA, 2003:56).

Como finalização desta caminhada acadêmica, me propus a articular gênero, paternidade, discurso e literatura, a fim de lançar alguns olhares acerca da paternidade, enfatizando seu caráter de fluidez e de provisoriedade, e problematizando as representações paternas nas narrativas literárias, inclusive as representações que não apareceram/foram anuladas nesses materiais. Não me propus, certamente, a descobrir um modo 'mais certo' de se representar a paternidade, tampouco de se experienciar essa identidade. Da mesma forma que não houve o interesse de analisar as 'qualidades' dos livros reunidos, bem como a presença, relevante ou não, dos livros em instâncias como as escolas e os lares das famílias contemporâneas. Relevantes foram as representações das identidades paternas, levando em consideração a idéia de representação como um sistema lingüístico e cultural arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder (SILVA, 2000a).

Sob essa ótica, frente às possibilidades de identidades masculinas e paternas e a heterogeneidade de cada sujeito com suas diferentes identidades, foi significativo problematizar os processos de construções das mesmas a partir das representações contidas nos livros infanto-juvenis, sobretudo as construções masculinas e paternas: como os sujeitos se apropriam de determinados discursos e não outros, de que maneira se dá a vivência das identidades masculinas e paternas, tendo em vista os valores e conceitos nos quais acredita e, ainda, a possibilidade de também ser 'escolhido' pelos discursos, em um processo de subjetivação, a partir do qual se define quem será excluído e quem será incluído em se tratando de identidades e a concretização dos 'ideais' das mesmas.

Além disso, é relevante pensar a paternidade como um atributo da masculinidade, dentre outros, que delimita de qual masculinidade se está falando socialmente e que responsabilidades de configuração de sua identidade isso lhe impõe, como é o caso, por exemplo, de se esperar que o homem se torne chefe de família e exerça com 'credibilidade' sua paternidade. De certa forma, muitos pais estão sendo 'constrangidos' a adotar atitudes de paternidade as quais sejam vistas como 'ideais' para sua posição social.

A Literatura Infanto-juvenil, por sua vez, é um dos muitos discursos que tentam, de uma forma ou de outra, dar conta das práticas sociais e identitárias, não abarcando, muitas vezes, as características provisórias, sem fronteiras fixas e heterogêneas das mesmas, neste caso, as identidades paternas e masculinas. As representações abordadas nos trinta livros analisados foram atravessadas por vários discursos, o que nos faz pensar o quanto a linguagem pode ser compreendida como um meio pelo qual as relações de poder são produzidas através dos discursos que por ela circulam. Assim a pesquisa que realizei se propôs a desconstruir aquilo que me pareceu 'comum' e familiar demais. As problematizações realizadas a partir dos livros infanto-juvenis buscaram tornar estranho e colocar em suspeita os discursos contidos nas representações sobre pais e masculinidades, propondo, dessa maneira, a possibilidade de diferentes transformações e configurações sobre essas e outras identidades.

Dessa maneira, os olhares dirigidos aos livros foram uma das possibilidades de se perceber a identidade masculina e paterna, as representações recorrentes e as rupturas discursivas. 'Vimos' pais e homens que se construíam enquanto tais a partir de padrões vigentes para o exercício de uma masculinidade e paternidades hegemônicas, sobretudo se distanciando daquilo que se entende por atributos vistos como femininos e maternos, bem como mantendo o quesito 'fundamental' da heterossexualidade; pais que 'mesclavam' atributos dessa 'norma' referente com deslocamentos sobre suas formas de construir e de 'ser' homens e pais, ultrapassando constantemente algumas fronteiras de gênero; pais que tinham 'ampliadas' suas possibilidades de exercitar suas identidades. Essas modificações nas representações de masculino e paterno são decorrentes das problematizações que vêm sendo feitas em diferentes âmbitos sociais, como forma de desestruturar o homem/pai (com atribuições advindas da cultura patriarcal) como 'o referente', problematizações de gênero ligadas à crise da masculinidade. Vale ressaltar que a cultura patriarcal, embora seja uma cultura de/para homem, não está falando de qualquer homem, e sim daqueles que se reconhecem e são reconhecidos como integrantes da masculinidade hegemônica, ressaltando-se que a crise da masculinidade é um questionamento das relações de gênero, e não propriamente um questionamento sobre a masculinidade em si.

As trajetórias dessas construções de identidades, mesmo havendo regulações e reafirmações de uma hegemonia, apontaram para diferentes configurações familiares, ampliando essa instituição 'central' da Modernidade para, na Pós-modernidade, não ser enquadrada em padrões fixos de como deve ser a mãe, o pai, o/a filho/a e quem mais fizer parte dessa estrutura. Sob essa visão, observamos, além das representações recorrentes, a contradição, a oposição, as construções de diferenças e mesmidades através de discursos que transitam e atravessam os textos (escritos e de imagens) analisados. Assim, fica a

proposta de estudar a paternidade considerando-a como uma prática social e que, portanto, vincula-se aos sentidos culturais e políticos que lhe são atribuídos.

Uma 'nova' política de gênero para os homens poderia significar, como pontua Connell:

Novos estilos de pensamento, incluindo uma disposição a não ter certezas e uma abertura para novas experiências e novas formas de efetivá-la. No dia em que fotografias com homens carregando armas se tornarem raras e fotografias com homens empurrando carrinhos de bebê se tornarem comuns, aí saberemos que estamos realmente chegando a algum lugar.(1995: 205).

Ou, ainda, permitir que as 'diferenças' direcionem os acontecimentos e as práticas de identidades masculinas e paternas, de maneira que aqueles homens que se afastam da forma de masculinidade e de paternidade hegemônica não sejam considerados diferentes, não sejam representados como os '*outros*' (Louro, 1998), a não ser que consigamos nos ver também como possíveis '*outros*', possibilitando que as vigilâncias, sobretudo ao se tratar da sexualidade, não ocorram de forma tão expressiva, de maneira que não se tente categorizar aquele que vemos como o '*outro*'. Senão, teríamos que 'encaixotar' também a nós mesmos, uma vez que, sem os '*outros*', não poderíamos demarcar aquilo que talvez sejamos (*não-outros*). E mesmo que quiséssemos, não conseguiríamos 'dar conta' de 'todos' os '*outros*' que circulam por aí; alguns conseguimos aprisionar, outros nos escapam por entre os dedos, com outros não atingimos nenhuma aproximação e de outros, ainda, desconhecemos 'totalmente' sua existência, "porque o *outro* já não está aí, senão aqui e em todas as partes; inclusive onde nossa pétreia mesmidade não alcança ver" (SKLIAR, 2003:29).

Para esses propósitos, é importante que pensemos a literatura e a leitura que se faz dela como algo que "nos forma (ou nos de-forma e nos trans-forma), como algo que nos constitui ou nos põe em questão naquilo que somos" (LARROSA, 2002: 133). Desse modo, tais argumentações aqui levantadas me fazem acreditar ser de extrema relevância esta pesquisa, a fim de abrir mais um espaço de questionamentos e desconstruções, de lançar mais uma alternativa, de problematizar as práticas discursivas de forma a se perceber outras construções em relação às identidades que o sujeito possui. É pensar na possibilidade de ser muitas coisas agora, ser outras coisas depois, ser muitas e outras coisas num outro tempo, deixar de sê-las para tornar a sê-las novamente, mas de outra forma...

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS UTILIZADAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil, gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1995, 5ª edição.

ABREU, Aldira. *Conceito e vivência da paternidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

AGUIAR, Vera Teixeira de. (coord.). *Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato, 2001.

ALVES, Vera Lucia Pereira. *Receitas para conjugalidade: uma análise de literatura de auto-ajuda* 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNICAMP, 2005.

ARGÜELLO, Zandra. *Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

BARROS, Fernanda Otoni de. *DO DIREITO AO PAI: sobre a paternidade no ordenamento jurídico*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

BELLO, Alexandre Toaldo. *Sujeitos infantis masculinos: homens por vir?* 2005. Proposta de Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

BETTELHEIM, Bruno. *Psicanálise dos contos de fada*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Edit. Da Universidade Federal de Minas Gerais, 1999.

BOSCO-FILHO, João. *Papai é gay!* Disponível em <http://www.artnet.com.br/~marko/papaigay.htm>. Acesso em 20/01/04.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. *Educação e Realidade*. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 1995, v. 20, nº. 2, pág. 133-184.

BRANCO, Sandra. *Por que meninos têm pés grandes e meninas têm pés pequenos?* São Paulo: Cortez, 2004.

BRITO, Lélia Maria Torraca de. *Ser educado por pai e mãe: Utopia ou direito de filhos de pais separados?* Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1999.

BUCKINGHAM, David. *Creer en la era de los medios electrónicos tras la muerte de la infancia*. Madrid: Morata, 2002.

BUJES, Maria Isabel E. *Infância e maquinarias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BURMAN, Erica. *La desconstrucción de la Psicología Evolutiva*. Madrid: Visor, 1998.

CÂMARA, Adriane. *Masculinidade heterossexual e pedofilização: o universo infantil como recurso erótico em revistas masculinas*. 2006. Proposta de Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

CAMARGO, Luís. *Ilustração do livro infantil*. Belo Horizonte: Lê, 1995.

CARVALHO, M.L.M. *A participação do pai no nascimento da criança*. Rio de Janeiro:UFRJ/CFHC, 2001.

CARVALHO, Marcus Renato de. Homens também sabem cuidar dos filhos. Disponível em <http://www.pailegal.net/fatpar.asp?rvTextold=1046362430> . Acesso em 16/03/04.

CEVASCO, Maria Elise. *10 lições sobre os Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

COLE, Babette. *Mamãe nunca me contou*. São Paulo: Ática, 2003.

COLOMER, Teresa. *A formação do Leitor Literário*. São Paulo: Global, 2003.

CONDÉ, Mauro L. *Wittgenstein: linguagem e mundo*. São Paulo: Annablume, 1998.

CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade, *Educação e Realidade*. Porto Alegre: UFRGS/FACED, v. 20, nº. 2, jul./dez. 1995, p. 185 - 206.

CORSO, Mário; CORSO, Diana. *Fadas no divã*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COSTA, Ileno da. *A desconstrução da família*. 2002 Disponível em: <http://www.unb.br/acs/artigos/at0303-02.htm>. Acesso em 04 abril, 2004.

CRUZ, Elizabete Franco. Quem leva o nenê e a bolsa?: o masculino na creche. In: ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra; MEDRADO, Benedito (orgs.). *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS/Ed.34, 1998.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. *Educação e Cultura Visual: uma trama entre imagens e infâncias*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

DECOURT, Marcela. *Para além do pai está o homem*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 1991.

DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. (orgs.) *Habitantes de Babel – políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DUTRA, José Luiz. “Onde você comprou esta roupa tem para homem?”: A construção de masculinidade nos mercados alternativos de moda. In: GOLDENBERG, Miriam [et al.]. *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: record, 2002.

ENGLE, Patrice; BREAUX, Cyntia. *Is there a father Instinct? Fathre's responsibility for Children*. The population Council/International Center for Research for Women Series, 1994.

FARREL, Warren. *Father and Child Reunion: How to Bring the Dads We Need to the Children We Love*. EUA : Hardcover, 2001.

FELIPE, Jane. *Construindo identidades sexuais na Educação Infantil*. *Revista Páteo*. Porto Alegre, n.7, p. 56-58, nov.1998/jan.1999.

_____. Governando Mulheres e crianças: jardins de infância em Porto Alegre na primeira metade do século XX. 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2000a.

_____. Infância, gênero e sexualidade. *Educação & Realidade*. Porto Alegre: UFRGS/FACED, v. 25, nº.1 dez-jan/jul 2000b.

_____. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane; GOELLNER, Silvana. *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

FISCHER, Rosa. A análise do discurso: para além de palavras e coisas. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, nº. 2, 1995.

_____. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, nº 114, 2001.

FONSECA, Cláudia. *Caminhos da Adoção*. São Paulo: Cortez, 1995a .

_____. Amor e família: vacas sagradas da nossa época. In: RIBEIRO, Ivete; RIBEIRO, Ana Clara. *Famílias em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995b.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1970.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

_____. *Microfísica do poder*. 9ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

_____. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau Ed. , 1996.

_____. *A arqueologia do saber*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. *A Ordem do Discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 9ª edição. São Paulo: Loyola, 2003. (Leituras Filosóficas)

FRAGA, Alex Branco. *Corpo, identidade e bom-mocismo: cotidiano de uma adolescência bem-comportada*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FREITAS, Adelina. *O pai real e o término da análise*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

GABRIEL, Alice. *Linguagem e gênero: literatura infantil no Brasil*. Disponível em <http://www.umaqualquer.cbj.net>. Acesso em 30/06/03.

GODINHO, Marilene. *Menino ama menino*. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 2000. (Coleção Diferenças – Série Jovem)

GUIZZO, Bianca Salazar. *Identidades de gênero e propagandas televisivas: um estudo no contexto da Educação Infantil*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

HALL, Stuart . A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 22, nº 2, 1997.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HENNIGEN, Inês. Paternidade e mídia: identidade/subjetividade na cultura contemporânea. In: GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima; BRUSCHI, Michel Euclides (orgs.) *Psicologia Social nos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

_____. Modos de ser homem e ser pai na mídia. In: STREY, Marlene N. et al. (orgs.) *Gênero e Cultura: questões contemporâneas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

ISLAS, Francisco Crevantes. Educación y paternidad. Su aplicación y práctica. CREFAL. Caribe, 2002. Disponível em http://www.crefal.edu.mx/decisio/d2/fco_ci.htm Acesso em 8 abril, 2004.

KAERCHER, Gládis. As representações do/a professor/a negro/a na literatura infanto-juvenil ou sobre os fluxos das águas... In: SILVEIRA, Rosa H. (org.) *Professoras que as histórias nos contam*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002 .

KAUFMAN, Michael. Los hombres, el feminismo y lãs experiencias contradictorias Del poder entre los hombres. In: ARANGO, Luz G.; LEÓN, Magdalena; VIVEROS, Mara (comp.). *Gênero e identidad. Ensayos sobre lo femenino y lo masculino*. Bogotá: T.M./Uniande/?UN, 1995.

KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

KLEIN, Carin. “...Um cartão [que] mudou nossa vida”? – maternidades veiculadas/instituídas pelo Programa Nacional Bolsa-Escola. 2003. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

KONRATH, Ingrid. *Discurso paterno: similaridades e especificidades*. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

KROB, Adriane Regina Diehl. *A transição para a paternidade e a interação pai-bebê*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo. Corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro Relume-Dumará, 2001

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, Marisa V. (org.) *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. *Estudar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LIBERATO, Gugu. *Sou pai, e agora? Minha experiência de ser pai pela primeira vez*. São Paulo: Best Seller, 2003.

LOPES, Luis Paulo da Moita. *Identidades Fragmentadas – A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Editora Mercado de Letras, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Produzindo sujeitos masculinos e cristãos. In: VEIGA-NETO, A. (org.). *Crítica pós-estruturalista em educação*. Porto Alegre: Sulina, 1995.

_____. *Gênero, sexualidade e educação – uma estrutura pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane; GOELLNER, Silvana (orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

LUZ, Anna Maria Hecker. *O conto de fada e a paternidade moderna*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

LYRA, Jorge. *Paternidade Adolescente: uma proposta de intervenção*. 1997. São Paulo: PUC, 1997. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo: UFRGS, 1997.

MACHADO, Ana Maria, *Contra corrente: conversas sobre leitura e política*. São Paulo: Ática, 1999.

MARQUES, Cláudia Lima. *Visões sobre o teste de paternidade através do exame do DNA em Direito brasileiro*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

MARTINS, Georgina da Costa. *O menino que brincava de ser*. 2º edição. São Paulo: DCL, 2000.

MATTELARD, André; NEVEU, Erik. *Introdução aos Estudos Culturais*. SP: Parábola, 2004.

MEDRADO, Benedito. Homens na arena do cuidado infantil: imagens veiculadas pela mídia. In: ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra; MEDRADO, Benedito. *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS, 1998.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. São Paulo: Summus, 1979.

MEYER, Dagmar Estermann. Cultura teuto-brasileira-evangélica no RS: articulando gênero com raça, classe e religião. *Educação & Realidade*, Porto Alegre: UFRGS/FACED, v.I, n°. 25, jan.-jun., 2000.

_____. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____ ; SOARES, Rosângela de F. R. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. In: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

_____. Educação, saúde e politização do feminino e da maternidade: uma abordagem a partir dos estudos culturais e de gênero. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (org.). (2005). *Cultura, poder e educação: um debate sobre Estudos Culturais em educação*. Canoas/RS: DP&A; Editora da Ulbra, 2005.

MIRZOEFF, Nicholas. *Uma introducción a la cultura visual*. Trad. Paula Garcia Segura. Barcelona: Editorial Paidós Ibérica, 2003.

MOKARZEL, Marisa. *Ilustração: um estudo introdutório*. Disponível em <http://docedeletra.com.br/dl/foradoar/978moka.shtml>, 2000. Acesso em 13 set. 2005.

MONTEIRO, Marko. *A Perspectiva do Gênero nos Estudos de Masculinidade*. Disponível em <http://www.artnet.com.br/~marko/artigo.html>. Acesso em 20 jan. 2004.

MUSZKAT, Malvina. Violência de Gênero e Paternidade. In: ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra; MEDRADO, Benedito (orgs.). *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS/Ed.34, 1998.

NASCIMENTO, Rubens Ferreira do. *POBRE PAI: a construção da identidade em homens pais pobres urbanos*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

NEULS, Janaína. Lições de masculinidades – aprendendo com a turma do Didi. 2004. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

NICHOLSON, Linda. Interpretando Gênero. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v.8, nº. 2, 2000.

PEÑA, Hélio de La. *O livro do papai*. São Paulo: Objetiva, 2003.

PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PINSENT, Pat. *Children's literature and the politics of equality*. London: David Fulton, 1997.

PIRES, Suyan Maria Ferreira. Representações de Gênero em ilustrações de livros didáticos. 2002. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da Infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

Quino, Joaquim Lavado. *A família de Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RAMOS, Rossana. *Na minha escola todo mundo é igual*. São Paulo: Cortez, 2004.

RIBEIRO, Marcos. *Menino brinca de boneca?* Rio de Janeiro: Salamandra, 1996.

ROCHA, Ruth. *Faca sem ponta galinha sem pé*. São Paulo: Ática, 2004.

ROUDINESCO, Elizabeth. *A Família em Desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SABAT, Ruth. Só as bem quietinhas vão casar. In: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

SABO, Donald. O estudo crítico das masculinidades. In: SILVESTRIN, Celsi; ADELMAN, Miria (orgs.). *Coletânea Gênero Plural*. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANDRONI, Laura- *De lobato a Bojunga; as reações renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

SANTOS, Cláudia Amaral dos. *A Invenção da Infância Generificada: a pedagogia da mídia impressa constituindo as identidades de gênero*. 2004. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

SARAIVA, Eduardo Steindorf. *Paternidade e masculinidade: tradição, herança e reinvenção*. 1998. Porto Alegre: UFRGS, 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

SARMENTO, Regina Célia. *Casais grávidos e os novos sentidos de paternidade. Um estudo qualitativo com referencial psicanalítico*. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 1999.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre: UFRGS/FACED, v.20, nº. .2, 1995.

SEFFNER, Fernando. Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual. 2003. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

SHAVIT, Zohar. *Poética da literatura para crianças*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. O Adeus às Metanarrativas Educacionais. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *O Sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 1995a.

_____. O projeto educacional moderno: identidade terminal? In: VEIGA-NETO, Alfredo (org.). *Crítica pós-estruturalista e educação*. Porto Alegre: Sulina, 1995b.

_____. O currículo como fetiche: a poética e a política do corpo como representação. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença – a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000a.

_____. Tomaz Tadeu da. (org. e tradutor). *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 2000b.

_____. *Documentos de Identidade – uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SILVEIRA, Rosa Hessel. “Olha quem está falando agora!” A escuta das vozes na educação. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Caminhos Investigativos*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1996.

_____. Leitura, literatura e currículo. In: COSTA, Marisa V. (org.). *O currículo nos limiares do contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. Apresentação. In: SILVEIRA, Rosa H. (org.) *Professoras que as histórias nos contam*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002a .

_____. Textos e diferenças. *Leitura em Revista*. Ijuí : UNIJUÍ. Ano II, nº. 3, p.19 - 22, 2002b.

SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SIMPSON, Mark. Metrossexual. *Veja – Edição Especial Homem*, São Paulo, nº 34, ano 37, p.22, agosto 2004.

SOTELO, Roberto;GIMENEZ, Eduardo Abel. ¿Qué modelos transmiten los libros infantiles? *Revista Quincenal de Literatura Infantil y Juvenil Imaginaria*. Buenos Aires Nº 20, 2000. Disponível em <http://www.imaginaria.com.ar/02/0/modelos.htm>. Acesso em 11 agosto, 2003.

STEINBERG, Shirley. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, L. H (org.). *Identidade social e construção do conhecimento*. Porto Alegre, PMPA, 1997.

STORTI, Juliana P.L. *O papel do acompanhante no trabalho de parto e parto: expectativas e vivências do casal*. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, 2004.

STRAUSZ, Rosa Amanda. *Uma família parecida com a da gente*. São Paulo: Ática, 1998.

TRINDADE, Ellika. *Hermenêutica do existir do homem de meia-idade: paternidade, sexualidade e projetos de vida: um olhar à luz de Heidegger*. Ribeirão Preto: Faculdade de Filosofia, Ciências e letras de Ribeirão Preto, 2003.

UNBEHAUM, SandraG. A desigualdade de gênero nas relações parentais: o exemplo da custódia dos filhos. In: ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra; MEDRADO, Benedito. *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS, 1998.

UNBEHAUN, Sandra Gouretti. *Experiência Masculina da Paternidade nos anos 1990: estudo de relações de gênero com homens da camadas médias*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e Educação: há algo de novo sob o sol? In: VEIGA-NETO, Alfredo(org.). *Crítica pós-estruturalista e educação*. Porto Alegre: Sulina, 1995.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa V. (org.) *Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedos, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: Ed. Universidade, 2000.

_____. Incluir para excluir. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (orgs.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. Olhares... In: COSTA, Marisa V. (org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. *Foucault e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira L. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ZILBERMAN, Regina. *A produção cultural para a criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

OBRAS ANALISADAS

1. ABRAMOVICH, Fanny. *Pai que é mãe*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1993.
2. ALBERGARIA, Lino de. *Maria Poliana*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 1997.
3. ANDRADE, Telma G. Castro. *Presente de pai*. São Paulo: Atual, 1995.
4. BARBOSA, Nair de Medeiros. *Uma surpresa pro papai*. São Paulo: FTD, 1997.
5. BASTOS, Dau. *Só meu pai sente saudade*. São Paulo: FTD, 1997.
6. BLOCH, Pedro. *Um pai de verdade*. São Paulo: Editora do Brasil, 1999.
7. CASTRO, Ruy. *O pai que era mãe*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
8. COLE, Babette. Tradução PRIETO, Heloísa; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Meu pai é um problema*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
9. COOKE, Trish. *Tanto, tanto!* São Paulo: Ática, 1997.
10. ERLBRUCH, Wolf. *O urso que queria ser pai*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
11. FORJAZ, Sonia Salerno. *Acampando com papai*. São Paulo: Paulinas, 1993.
12. _____. *Meu dentinho, seu dentão*. São Paulo: Paulinas, 1994.
13. GOUVEIA, Luís Augusto. *Lucas*. Salvador: FMP! Editora, 2001
14. HOGAN, Paula Z. *Papai nunca mais voltará para casa?* São Paulo: Ática, 2002.
15. KING, Stephen Michael. Tradução AQUINO, Gilda de. *O homem que amava caixas*. São Paulo: BRINQUE-BOOK, 1997.
16. LEIDENS, Rosa. *Papai Contos*. Alemanha: Todo Livro, s/ ano.
17. LIMA, Edy. *Pai sabe tudo e muito mais*. São Paulo: Scipione, 1995.
18. LINS, Guto. *Cara de um focinho de outro*. São Paulo: FTD, 1997.

19. _____. *Pai*. São Paulo: Brinque Book, 2004.
20. MACHADO, Ana Maria. *Beijos mágicos*. São Paulo: FTD, 1999.
21. MANZANO, Sylvia. *O que é que eu faço agora?* São Paulo: Paulinas, 1997.
22. PACHECO, Marcelo. *Paieê!* São Paulo: Quintero Editorial, 1990.
23. PARR, Todd. *O Livro da Família*. São Paulo: Editora Panda, 2004.
24. PONTES, Luciano. *Ouvindo as conchas do mar*. São Paulo: Paulinas, 2002.
25. ROSA, Sonia. *O menino Nito: Então, homem chora ou não?* Rio de Janeiro: Pallas, 2002.
26. SISTO, Celso. *Ver de ver meu pai*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
27. STOLTZ, Roger. *O pé do papai*. São Paulo: Paulinas, 2000.
28. VIANA, Vivina de Assis. *O dia de ver meu pai*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 1988.
29. WADDELL, Martin. Tradução AQUINOL, Gilda de. *Você não consegue dormir ursinho?* São Paulo: Brinque-Book, 1996.
30. _____. *Você e eu*. São Paulo: Brinque-Book, 1999.

Obras agrupadas que não foram analisadas:

- AGUIAR, Luiz Antonio. *Vou fazer meu pai parar de fumar*. São Paulo: FTD, 1997.
- BELINKY, Tatiana. *O caso do vaso*. São Paulo: Paulinas, 1994.
- KIEFER, Charles. *Você viu meu pai por aí?* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- WERNECK, Leny. *Papai motorista*. São Paulo: Melhoramentos, 1989.

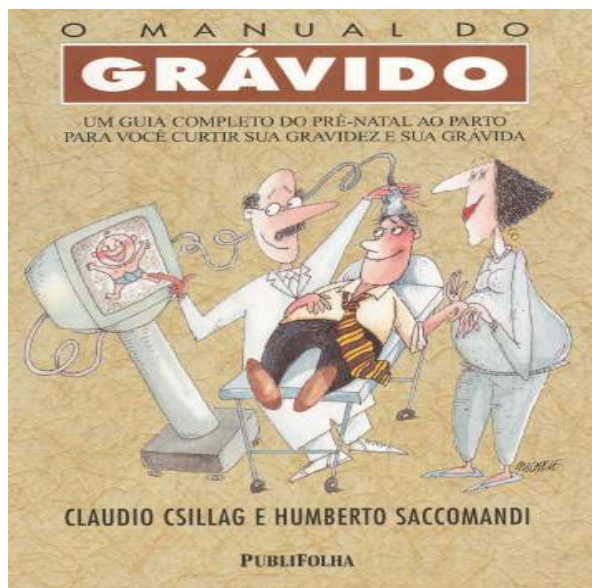
MATERIAIS ANALISADOS PARALELAMENTE

- CSILLAG, Cláudio; SACCOMANDI, Humberto. *O Manual do Grávido*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- JR., Harry H. Harrison. *De Pai para Filho*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

APÊNDICES

-Apêndice 1-

- Manual da “gravidez masculina”:



MANIFESTAÇÕES “CLÍNICAS” DO INSTINTO PATERNO

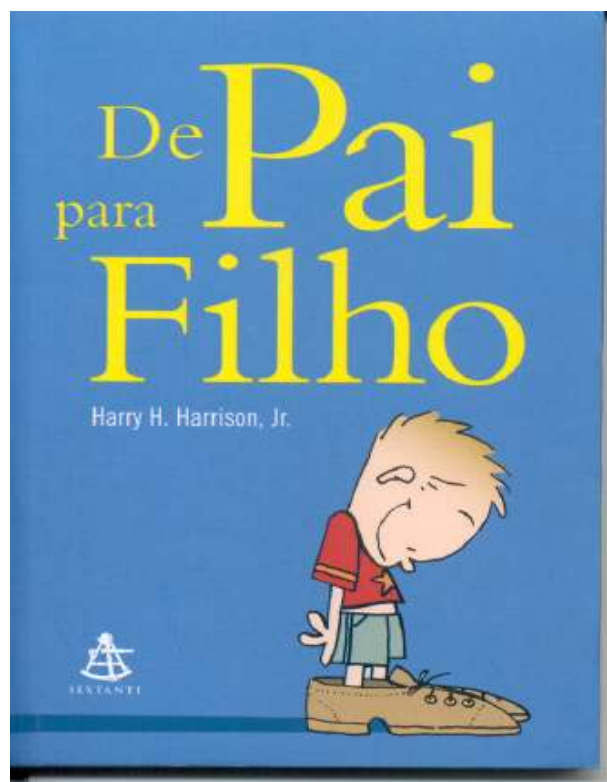
- Você fica encantado ao ver certas criancinhas.
- Você nota e inveja a felicidade de outros pais.
- Você começa a achar que um herdeiro daria mais sentido à sua vida.
- Você se sente atraído por mães e mulheres grávidas.
- Você começa a ter sintoma de síndrome avuncular.
- Você começa a ceder a pressão social para ter um filho.



(Corujice à parte, o ultra-som do meu filho é lindo/Corujice à parte, o do meu é mais lindo ainda.)

- Apêndice 2 -

- Guia sobre a relação entre pai e filho:



“Meninos não vêm com manual de instruções. Na difícil arte de criá-los, é preciso estar atento aos detalhes mais sutis da construção de sua personalidade e demonstrar em cada gesto amor ilimitado que eles merecem receber” (contra capa).

- Apêndice 3 -

- Mapeamento dos livros infanto-juvenis da pesquisa:

| <u>TÍTULO</u> | <u>AUTOR/A</u> | <u>ILUSTRADO R/A</u> | <u>ANO</u> | <u>EDITORA</u> | <u>IMPRESSÃO / EDIÇÃO</u> | <u>PAÍS DE ORIGEM</u> |
|--|-----------------------|-----------------------------|-------------------|-----------------------|----------------------------------|------------------------------|
| 1. Pai que é mãe | Fanny Abramovich | Wilma Martins | 1993 | Salamandra | 6ª impressão | Brasil |
| 2. Maria Poliana | Lino de Albergaria | Denise Rochael | 1997 | Formato | 1ª edição | Brasil |
| 3. Presente de pai | Telma G. C. Andrade | Grego | 1995 | Atual | 6ª edição | Brasil |
| 4. Uma surpresa pro papai | Nair de M. Barbosa | Michio | 1997 | FTD | 3ª edição | Brasil |
| 5. Só meu pai sente saudade | Dau Bastos | Lúcia Brandão | 1997 | FTD | 1ª edição | Brasil |
| 6. Um pai de verdade | Pedro Bloch | Sérgio Guilherme Filho | 1999 | Editora do Brasil | 1ª edição | Brasil |
| 7. O pai que era mãe | Ruy Castro | Fernanda Guedes | 2001 | Cia das Letras | 2ª edição | Brasil |
| 8. Meu pai é um problema | Babette Cole | Babette Cole | 1999 | Cia das Letras | 2ª edição | Inglaterra |
| 9. Tanto, tanto! | Trish Cooke | Helen Oxenbury | 1997 | Ática | 1ª edição | Inglaterra |
| 10. O urso que queria ser pai | Wolf Erlbruch | Wolf Erlbruch | 1996 | Cia das Letrinhas | 6ª impressão | Alemanha |
| 11. Acampando com papai | Sonia Salerno Forjaz | Soares | 1993 | Paulinas | 2ª edição | Brasil |
| 12. Meu dentinho, seu dentão | Sonia Salerno Forjaz | Eduardo Borges | 1994 | Paulinas | 4ª edição | Brasil |
| 13. Lucas | Luis Augusto Gouveia | Luis Augusto Gouveia | 2001 | FMP! | 1ª edição | Brasil |
| 14. Papai nunca mais voltará para casa? | Paula Z. Hogan | Dora Leder | 2002 | Ática | 8ª edição 4ª impressão | Estados Unidos |

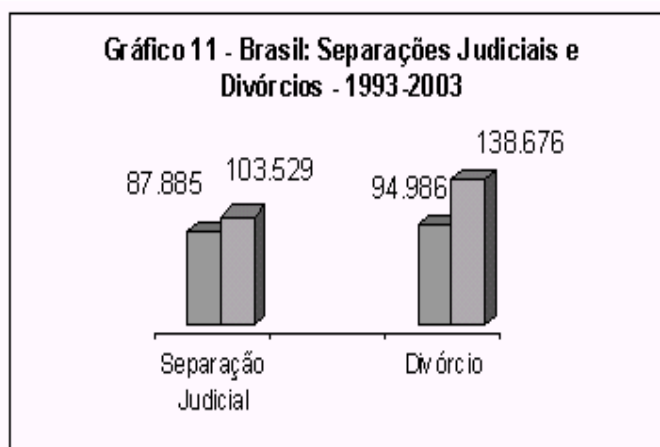
| <u>TÍTULO</u> | <u>AUTOR/A</u> | <u>ILUSTRADO R/A</u> | <u>ANO</u> | <u>EDITORA</u> | <u>IMPRESSÃO / EDIÇÃO</u> | <u>PAIS DE ORIGEM</u> |
|---|-----------------------|----------------------|------------|--------------------|---------------------------|-----------------------|
| 15. O homem que amava caixas | Stephen M. King | Stephen M. King | 1997 | Brinque-Book | 10ª impressão | Austrália |
| 16. Papai Contos | Rosa Leidens | Belli Studio | s/ano | Todo Livro | 1ª edição | Brasil |
| 17. Pai sabe tudo e muito mais | Edy Lima | Mariângela Haddad | 1995 | Scipione | 4ª edição 4ª impressão | Brasil |
| 18. Cara de um, focinho de outro | Guto Lins | Guto Lins | 1997 | FTD | 2ª edição | Brasil |
| 19. Pai | Guto Lins | Guto Lins | 2004 | Brinque-Book | 1ª edição | Brasil |
| 20. Beijos Mágicos | Ana Maria Machado | Graça Lima | 1999 | FTD | 4ª edição | Brasil |
| 21. O que é que eu faço agora? | Sylvia Manzano | Ivan Zigg | 1997 | Paulinas | 1ª edição | Brasil |
| 22. Paieê! | Marcelo Pacheco | s/informação | 1990 | Quinteto Editorial | 1ª edição | Brasil |
| 23. O livro da família | Todd Parr | Todd Parr | 2004 | Panda Books | 2ª impressão | Estados Unidos |
| 24. Ouvindo as conchas do mar | Luciano Pontes | André Neves | 2002 | Paulinas | 1ª edição | Brasil |
| 25. O menino Nito – Então, homem chora ou não? | Sonia Rosa | Victor Tavares | 2002 | Pallas | 3ª edição | Brasil |
| 26. Ver de ver meu pai | Celso Sisto | Roger Mello | 1994 | Nova Fronteira | 7ª impressão | Brasil |
| 27. O pé do papai | Roger Stoltz | Alexandre Rampazo | 2000 | Paulinas | 1ª edição | Brasil |
| 28. O dia de ver meu pai | Vivina de Assis Viana | Humberto Guimarães | 1988 | Formato | 1ª edição | Brasil |

| <u>TÍTULO</u> | <u>AUTOR/A</u> | <u>ILUSTRADO R/A</u> | <u>ANO</u> | <u>EDITORA</u> | <u>IMPRESSÃO / EDIÇÃO</u> | <u>PAIS DE ORIGEM</u> |
|---|----------------|----------------------|------------|----------------|---------------------------|-----------------------|
| 29. Você não consegue dormir, ursinho? | Martin Waddell | Bárbara Firth | 1996 | Brinque - Book | 4ª impressão | Inglaterra |
| 30. Você e eu | Martin Waddell | Bárbara Firth | 1999 | Brinque - Book | 1ª edição | Inglaterra |

IBGE divulga Estatísticas do Registro Civil 2003

Número de Separações Judiciais e de divórcios continua crescendo

O número de separações judiciais e divórcios vem aumentando gradativamente. De 1993 a 2003, o volume de separações subiu de 87 885 para 103 529 e o de divórcios de 94 896 para 138 676 (ou 17,8% e 44%, respectivamente).



No ano de 2003, 77,9% das separações judiciais e 68,7% dos divórcios foram consensuais. Nas separações judiciais e nos divórcios não-consensuais houve um padrão distinto dos requerentes da ação. Na separação judicial não-consensual, a proporção de mulheres requerentes (72%) foi, substancialmente, superior a de homens (28%). No entanto, em relação aos requerentes das ações de divórcio, as diferenças entre homens e mulheres são significativamente menores do que as encontradas nas separações judiciais (46,6% para os homens e 53,4% para as mulheres). Provavelmente, o crescimento de homens requerendo divórcio está associado ao fato de eles recasarem em maiores proporções do que as mulheres.

A proporção de casais com filhos menores de idade nas separações judiciais (61,9%) foi mais alta do que nos divórcios (45,3%). Em sua grande maioria, a responsabilidade da guarda dos filhos menores era das mães (91,4%), tanto nas separações quanto nos divórcios (89,7%), seguida pelos pais (5,1% nas separações e 6,1% nos divórcios). Somente em 3,5% das separações e 4,2% dos divórcios, ambos os pais eram responsáveis pela guarda de filhos menores.

**Comunicação Social
21 de dezembro de 2004**

Fonte: www.ibge.gov.br

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)